

I N V E R S Ã O   S I L Á B I C A :

Um Jogo Linguístico

Dissertação submetida à Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do grau de Mestre em Letras.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Jean Pierre Angenot  
(Orientador)

Prof. Dr. Paulino Vandresen

Prof. Dr. Giles Istre

Florianópolis, janeiro, 1982.

Claudete Lucyk

## RESUMO

O objetivo principal da presente dissertação 'Inversão silábica: um jogo lingüístico', é detectar os processos fonológicos que interferem na realização de um jogo de fala.

Para esse fim, elaborou-se um corpus contendo cento e nove itens do português que se utilizam, combinadamente, de oito padrões silábicos, formando dissílabos e trissílabos oxítonos, paroxítonas e proparoxítonas.

O jogo de Inversão Silábica tem, como regra básica sugerida  $S_1 S_2 - S_2 S_1$ , o que pressupõe uma inversão na posição ocupada pelas sílabas a ele submetidas.

Os dados advindos desse jogo, demonstram a ação de um processo amplo, aqui denominado Processo de Estaticidade, que age de forma a impedir a ação da Regra do Jogo. Demonstram também a ação de outros processos que alteram a posição do segmento na estrutura silábica. São eles: duplicação de segmentos, ambissilabidade, epêntese e elipse.

O corpus oferece evidências a respeito dos processos fonológicos que alteram traços de segmentos formadores de sílabas: levantamento e rebaixamento vocálico, nasalização e desnasalização, alternância de /l/-/w/, /h/-/r/ e /s/-/š/, além de palatalização de nasal.

A autonomia do supra segmento em relação ao segmento aos quais está ligado também é demonstrado neste estudo.

Como anexos, estão colocados em seqüência de (1) a (109) o corpus oferecido aos oito informantes e tabelas que indicam o uso ou não dos processos pelos informantes.

Esse estudo revelou que nem todos os falantes fazem uso dos mesmos processos em contextos semelhantes, indo de encontro à tese de competências reais variáveis.

## Abstract

The main purpose of this paper on 'Syllable Inversion: A Linguistic Game' is to detect the phonological processes that interfere in the realization of a Speech Play.

A corpus consisting of one hundred and nine items from Portuguese which combine eight syllable patterns and which form oxytone, paroxytone and proparoxytone dissyllabic and trissyllabic words.

The basic rule suggested for the 'syllabic Inversion' is  $S_1 S_2 \rightarrow S_2 S_1$  and presupposes an inversion in the position of the syllables.

The emerging data from this game demonstrates the action of an extensive process called here "Stativity Process" which acts against the Rule of the game.

The data also demonstrates the action of other processes that alter the position of segments in the syllabic structure. These processes are; reduplication of segments, ambissyllabicity, epenthesis and ellipsis.

The corpus offers evidences regarding the phonological processes, which alter features of syllabic segments: Vocalic raising and lowering, nasalization and denasalization, palatalization of the nasal consonant and alternation between / l / ~ / w /, / h / ~ / r / and / s / ~ /  $\frac{v}{s}$  /.

The autonomy of the supra - segments in relation of the segments to which they are linked is also demonstrated in the present paper.

This study revealed that not all speakers use the same processes, a fact that reinforces the thesis of variable real competences.

The corpus used by the eight informants and the charts indicating the frequency in the use of the processes are attached to the present paper.

Para minhas irmãs:

Saete

Lene e

Shirley,

que fizeram seus os meus cami-  
nhos e que foram, constantemen-  
te, a brisa, a sombra e a água  
- Oásis onde busquei paz.

## AGRADECIMENTOS

À UFSC, pelos conhecimentos adquiridos ao longo do ca  
minho.

À ACAFE, por ter possibilitado em grande parte a rea-  
lização desse trabalho.

Aos amigos, por terem suportado a mim nesse período .

# I N D I C E

	<u>PÁG.</u>
1. INTRODUÇÃO .....	01
2. INVERSÃO SILÁBICA .....	07
3. PROCESSOS (I) QUE ATUAM SOBRE OS SEGMENTOS FORMADOS DE SÍLABAS .....	13
3.1. Processo de Estaticidade .....	13
3.1.a. Estaticidade de Segmentos Nucleares .....	13
3.1.b. Estaticidade de Núcleo e Coda .....	16
3.1.c. Estaticidade de Onset e Núcleo .....	18
3.1.d. Estaticidade de Onset .....	19
3.1.e. Estaticidade de Coda .....	20
3.1.f. Estaticidade do Acento Tônico .....	23
3.1.2. Reduplicação de Segmento .....	34
3.1.3. Ambissilabidade .....	39
3.1.4. Conclusão .....	43
3.2. EPÊNTESE DE SEGMENTOS .....	44
3.3. ELIPSE DE SEGMENTOS .....	59
4. PROCESSOS (II) QUE ALTERAM TRAÇOS DE SEGMENTOS .....	76
4.a. Levantamento Vocálico .....	77
4.b. Rebaixamento Vocálico .....	78
4.c. Nasalização .....	78
4.d. Desnasalização .....	78
4.e. Alternância /l/-/w/ .....	79
4.f. Palatalização da Nasal .....	80
4.g. Alternância /h/-/r/ .....	81
4.h. Alternância /s/-/ʃ/ .....	82
5. CONCLUSÃO .....	89
6. ANEXOS .....	91
6.1. Corpus .....	91
6.2. Tabelas .....	130
BIBLIOGRAFIA .....	175

1. I N T R O D U Ç Ã O



## I N T R O D U Ç Ã O

Os jogos lingüísticos podem ser considerados como uma manipulação de elementos e relações de língua, num gênero criativo ou especializado, variação de código e/ou estilo. Segundo Kirshenblatt - Ginblett e Sherzer (76) a palavra chave para se entender "jogos de fala" é "manipulação". Essa "manipulação" implica um grau de seleção e conscientização sobre a língua em seu uso comum.

No "Annual Meeting of the American Anthropological Association", ocorrido em 1971 na cidade de Nova York, foi realizado um Simpósio sobre jogos lingüísticos e dentre os pontos tratados, um deles era explorar as maneiras nas quais os jogos de fala e a teoria lingüística poderiam iluminar-se mutuamente. Desse Simpósio resultou um livro, "Speech Play", que congrega todos os "papers" apresentados naquela ocasião. Esses estudos descrevem diversos gêneros de jogos de fala em seus contextos etnográficos, formulam regras envolvidas em sua produção, estabelecem tipologias e discutem a relevância dos jogos lingüísticos a respeito de tópicos correntes em folclore, psicologia, antropologia, literatura e lingüística.

Kenstowicz e Kisseberth (77) citam os jogos lingüísticos, juntamente com os "speech erros", "slips of the tonge" e "misperception", entre outros, como processos capazes

de fornecer ao lingüísta evidências externas de representação subjacente e de processos fonológicos.

Per Linell (1979 : 195), quando se refere à produtividade das regras, diz que essas podem ser estudadas:

- a. no uso normal da língua por falantes competentes na criação de neologismos, nativização de empréstimos lingüísticos, etc...
- b. no uso da língua por crianças que estão aprendendo a língua materna;
- c. em usos especializados ou artísticos, jogos lingüísticos;
- d. em desempenhos de fala sob condições artificiais ou experimentais;
- e. em desempenhos patológicos, "speech erros", afasia, "misperceptions", erros de pronúncia, etc...

Acrescenta ainda que poucas dessas evidências em potencial têm sido utilizadas nos estudos lingüísticos.

Donald MacKay (78) trabalhou com "speech erros" procurando estudar a estrutura silábica e a organização de seus segmentos.

Utilizando uma espécie de jogo onde os informantes deveriam trocar /p/ por /b/ e vice-versa cada vez que estes aparecessem, conseguiu reunir um material que superou suas perspectivas em termos de análise, uma vez que a alternância /p/

- /b/ era acompanhada de vários outros "erros" produzidos sistematicamente na organização interna das sílabas. Esses "erros sistemáticos" pareciam agir de tal forma que a mudança de um componente na sílaba alterasse a estabilidade de muitos outros componentes. Esses fatos revelaram princípios subjacentes de organização. MacKay (78) conclui que os sons da fala não podem ser explicados como simples termos sensório-motores, mas sim em termos de um complexo psicológico subjacente.

Sherzer (70) estudou um jogo comumente praticado por índios pananamenhos da tribo cuna, o sorsik sunmakke. Após esse estudo, concluiu que diferentes falantes cuna utilizam representações fonológicas diferentes ou operam soluções distintas para problemas fonológicos particulares. De acordo com o tipo de solução utilizada pelos falantes, esses foram classificados em "A" speakers e "B" speakers. Já em "Play Languages; Implications for (socio) linguistics", Sherzer (76) diz que os jogos lingüísticos são um tipo ou uma subclasse dos jogos da fala e que eles envolvem tipicamente a criação de um código lingüístico baseado na linguagem utilizada pelos participantes e derivada da língua por uma série de regras definidas. Nesse estudo, discute três pontos de vista:

As propriedades inerentes dos jogos lingüísticos (ou play languages), isto é, o tipo de regras lingüísticas que estão envolvidas na produção dos jogos lingüísticos; a relevância desses jogos no que diz respeito à lingüística teórica e o que os jogos revelam sobre a etnografia da fala e padrões sociolingüísticos de uma comunidade. Para tanto, utilizou-se de jogos de três comunidades lingüísticas diferentes: cuna, francês e javanês, em jogos que identifica como "talking backwards".

Conclui afirmando que os jogos lingüísticos são relevantes no que concerne à lingüística teórica por um número de razões, ou seja, elas são uma valiosa fonte de dados para a solução de alguns problemas básicos como a estrutura de sílabas, a representação abstrata dos sons e o agrupamento de morfemas e palavras em classes.

"Os jogos lingüísticos também fornecem compreensão a respeito da realidade psicológica da descrição lingüística, um assunto que é de crescente interesse para lingüístas e psicólogos. Por outro lado, jogos lingüísticos no qual os falantes nativos manipulam tanto unidades lingüísticas quanto sílabas e fonemas abstratos oferecem evidências diretas de como os falantes realmente representam essas unidades". (Sherzer 76).

Os jogos lingüísticos também foram utilizados por Yonne Leite (74) em sua tese de doutoramento. "Portuguese Stress and related rules". Usando dados de uma informante carioca que "falava de trás para frente" e que residia em Brasília, fez uma revisão dos estudos publicados sobre o acento em português e teceu conclusões a esse respeito, de acordo com os dados advindos do "Portuguese spoken Backwards" produzidos pela informante.

A. Coupez (69-81) inicia seu artigo "A linguistic lesson" perguntando quem de nós nunca utilizou na infância códigos lingüísticos crípticos. Cita os jogos comumente praticados em diversas culturas, como Pig Latin, javanese, louchebén, para introduzir as duas espécies de jogos lingüísticos praticados numa língua Bantu, Kisanga, de-

nominados Kisela e Kisingelo. Seu estudo revela que a modalidade do segundo desses jogos permuta as duas últimas sílabas de cada palavra, enquanto que a modalidade Kisela possui três variações, intercalando uma ou mais sílabas em cada palavra, que é sempre a mesma, uma para cada tipo de variação. Seu estudo revela que apesar das mudanças causadas ora pela permuta, ora pela inserção de sílabas, o sistema de tons e de quantidade não sofre alteração alguma.

Temos no Brasil um jogo semelhante à variedade Kisela. É a chamada língua do "pe" que foi estudada por Abaurre-Gnerre (79). Utilizando dois membros de sua família e ela própria, concluiu que existem duas variedades da língua do "pe", faladas em Vitória, sendo que a primeira insere a sílaba /pe/ antes da sílaba original da palavra e outra na qual a sílaba /pe/ é inserida depois das sílabas originais. Admite também a possibilidade de os falantes desenvolverem regras idiossincráticas subsidiárias, uma vez dominada a regra básica, em uma variedade mais complexa do jogo. Essas regras são aplicadas consistentemente quando da utilização do jogo lingüístico. Isto leva a crer que os falantes parecem criar suas próprias gramáticas a respeito da língua do "pe". Pode-se deduzir que das duas variedades, uma demonstra um grau de complexidade maior, dada a existência de uma leve diferença de gramática, ocasionada por uma regra adicional.

Os jogos lingüísticos, como se observa nos estudos citados, podem ser utilizados como evidências dos processos correntes na língua em seu uso comum.

O presente trabalho visa estudar as realizações de falantes do português, utilizando-se de um jogo lin-

güístico que pressupõe a inversão silábica. Apesar de ser um estudo experimental, já que esse jogo não existe na língua em condições naturais, observou-se que crianças em fase de aquisição de linguagem algumas vezes o praticam, (méruno) ao invés de número, (Kazžéta) por jaqueta, (Karamão) por camarão, não com caráter lúdico, porém apresentando inversões silábicas. Jogos que se utilizam de processos semelhantes são encontrados em línguas não relacionadas, como mostram os estudos anteriormente referidos.

Uma vez que os falantes do português vão realizar inversões em palavras da sua língua num jogo que não é comumente praticado, estes vão inferir suas próprias regras e processos utilizados na inversão com base no uso normal da língua, e é nesse ponto que se utilizam os critérios propostos por Linell (79) para estudar a produtividade das regras: em jogo lingüístico que é, ao mesmo tempo, desempenho de fala em condições experimentais.

## 2. INVERSÃO SILÁBICA

Com a finalidade de testar a produtividade das regras ou processos fonológicos utilizados pelos falantes do português, elaborou-se um jogo que consiste numa permuta de sílabas. A partir de uma Regra do Jogo (RJ) básica  $S_1S_2 \rightarrow S_2S_1$ , oito falantes do português realizaram inversões silábicas em palavras constantes de um corpus previamente elaborado. Todos os informantes são florianopolitanos cuja idade varia entre 20 a 30 anos e possuem formação universitária.

O corpus é composto por cento e nove palavras, das quais um percentual de 51% são dissilábicas e 49% são trissilábicas. Quanto ao padrão acentual, nos dissílabos 30% são oxítonos e 70% paroxítonos; nos trissílabos, 20% são oxítonos, 66% paraxítonos e 14% proparoxítonos.

Os dados foram coletados nos meses de abril e maio de 1980, sempre num ambiente de descontração, tendo sido frisado aos informantes que não existiriam "erros" ou "acertos". Foi realizado um treinamento inicial, utilizando-se de 5 a 8 palavras dissílabas paroxítonas, após as pessoas terem sido informadas a respeito do objetivo da pesquisa "in latu sensu". O procedimento junto aos falantes pode ser esquematizado da seguinte maneira:

1. treinamento inicial com palavras que não constam do nosso corpus;
2. audição de um item do corpus;
3. reprodução deste item;
4. inversão das sílabas;
5. repetição da palavra invertida.

Não era dado tempo entre um item e outro até o fim do corpus. As únicas interrupções foram causadas por gar



galhadas provocadas por resultados de inversões consideradas hilariantes. Preservou-se, assim, o caráter lúdico que qualquer jogo deve ter. Todas as entrevistas foram gravadas. Depois de transcritas todas as realizações de cada informante, estas foram reagrupadas de acordo com o número de ordem sequencial. Temos então, no corpus do trabalho, o item numerado de 1 a 109 que corresponde às elocuições do pesquisador e após cada um, as realizações dos informantes numeradas de 1 a 8.

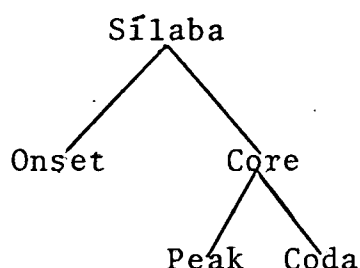
A análise pormenorizada dos dados revela a existência de dois tipos de processos que atuam quando da aplicação da regra do jogo, processos esses que impedem a reaplicação da regra com o resultado igual ao inicial. Em outras palavras, que impede a seqüência  $\text{Input} \longrightarrow \text{RJ} \longrightarrow \text{Output}$   
 $\text{RJ} \longrightarrow \text{Input}$ . Temos então:

- (I) - processos que atuam de modo a alterar a posição dos segmentos na estrutura da sílaba, e
- (II) - processos que alteram segmentos formadores de sílaba.

Esses processos serão abordados posteriormente, observando-se que a presença de um não exclui ou exige a presença do outro nas inversões realizadas.

Uma vez que se pretende estudar processos que alteram a estrutura silábica, é necessário um estudo prévio a respeito da sílaba.

A sílaba é uma das mais discutidas questões fonológicas, apresentando uma longa e ininterrupta história (cf. Brücke, Saussure, Menkel, Passy, Grammont, Jakobson, etc.). De acordo com Malmberg (1963), uma sílaba que é constituída de uma consoante mais uma vogal representa a mais primitiva e, sem dúvida nenhuma, o mais comum dos tipos de sílabas, o único que existe em todas as línguas. Hyman (1975) tece algumas considerações a respeito da sílaba antes de determinar a divisão silábica, argumentando que a maioria dos fonologistas aceitam a sílaba como uma unidade fonológica, assim como palavras e elocuições maiores podem ser silabificadas com bases em restrições fonotáticas ou sequenciais de cada língua, sujeitas a certas tendências universais. Ele admite que uma sílaba consiste em três partes fonéticas: 1. onset; 2. peak ou núcleo; 3. coda. Assim, em uma sílaba como par /p/ é o onset, /a/ o núcleo e /r/ é o coda da sílaba. Segundo Pike & Pike (1974), a sílaba seria representada esquematicamente da seguinte forma:

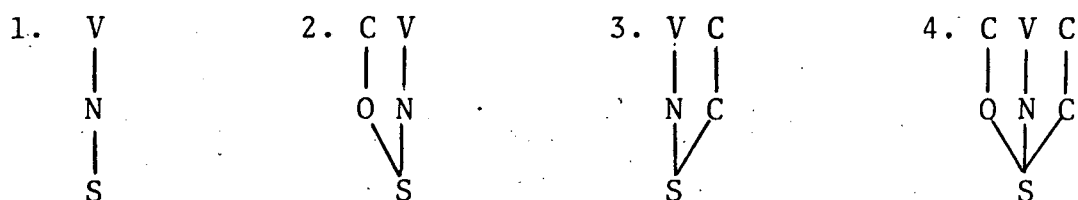


Pulgram (1970) e Hooper (1972) preconizam princípios universais para determinar a estrutura silábica.

No presente estudo distinguimos dois tipos bá-

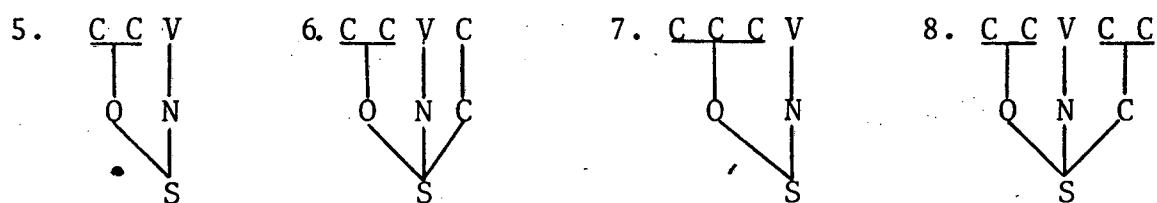
sicos de padrões silábicos: um padrão "A" quando se tem somente um segmento em cada margem de sílaba e um padrão "B", quando se tem possibilidades de "cluster" ocupar posições de onset e/ou coda.

No tipo A ou simples são atestadas as seguintes estruturas em português:



sendo S = Sílaba, N = Núcleo, O = Onset, C = Coda (na linha de O e N), V = Vogal e C = Consoante (na linha de V).

No tipo B ou complexo são atestadas as seguintes estruturas em português:



Os padrões do tipo B utilizados no corpus serão estudados em função dos processos que apresentam e não em função do tipo de segmento que pode ocorrer nessas posições. (cf. Abaurre-Gnerre-79: cap.5). Note-se que não foram esgotadas aqui as possibilidades de combinação de segmentos no português.

A Regra do Jogo (RJ) foi inicialmente sugerida em relação a dissílabos como:

$$S_1 S_2 \longrightarrow RJ \longrightarrow S_2 S_1$$

Ou seja, a palavra casa (kâza), ao ser submetida à RJ, terá como output (zakâ). A reaplicação da RJ a esse output, deverá ter um resultado semelhante ao input inicial, ou seja, (kâza). Teoricamente,  $RJ_0$  é a única aplicação possível da RJ. Quanto aos trissílabos, cinco RJ diferentes são teoricamente possíveis:

$$S_1S_2S_3 \longrightarrow RJ_1 \longrightarrow S_3S_2S_1 \quad (1)$$

$$\longrightarrow RJ_2 \longrightarrow S_3S_1S_2 \quad (2)$$

$$\longrightarrow RJ_3 \longrightarrow S_1S_3S_2 \quad (3)$$

$$\longrightarrow RJ_4 \longrightarrow S_2S_1S_3 \quad (4)$$

$$\longrightarrow RJ_5 \longrightarrow S_2S_3S_1 \quad (5)$$

Assim, por exemplo, as possíveis aplicações da RJ à palavra cavalo dariam:

$$(Kaválo) \longrightarrow RJ_1 \longrightarrow (lováka)$$

$$\longrightarrow RJ_2 \longrightarrow (lokavá)$$

$$\longrightarrow RJ_3 \longrightarrow (kalová)$$

$$\longrightarrow RJ_4 \longrightarrow (vákalo)$$

$$\longrightarrow RJ_5 \longrightarrow (vâloka)$$

Observou-se que poucos informantes utilizaram de maneira constante as RJ, permitindo que a reaplicação das RJ sobre os outputs apresentasse realizações semelhantes aos inputs. A  $RJ_0$ , aplicada em dissílabos, revelou um índice de 45% de produtividade, enquanto que da cinco RJ em trissílabos, apenas a  $RJ_1$  atingiu um percentual de 19% de produtividade, enquanto que  $RJ_2$  teve 6,1% e a  $RJ_5$  obteve 0,5% de produtividade. As outras duas regras teoricamente possíveis,  $RJ_3$  e  $RJ_4$ , foram

utilizadas juntamente com outros processos ou não foram utiliza  
das.

3. PROCESSOS (I) QUE ATUAM SOBRE OS  
SEGMENTOS FORMADORES DE SÍLABAS.

A busca dos fatores ou processos que impediam a reaplicação das RJ possibilitou a detecção de um tipo de processo mais amplo, que age de forma a manter imóveis segmentos formadores de sílabas, impedindo a aplicação das RJ sobre eles. Esse processo, que visa neutralizar a força de atuação da RJ utilizando-se de uma força antagônica, atua sobre quaisquer segmentos formadores de sílabas. Essa força contrária será chamada de *PROCESSO DE ESTATICIDADE*, i.e. que se manifesta como consequência da resistência estática de alguns segmentos.

Verificou-se a atuação do Processo de Estaticidade (que poderia ser designado também por meio do neologismo Estaticização) em relação a segmentos formadores de sílabas:

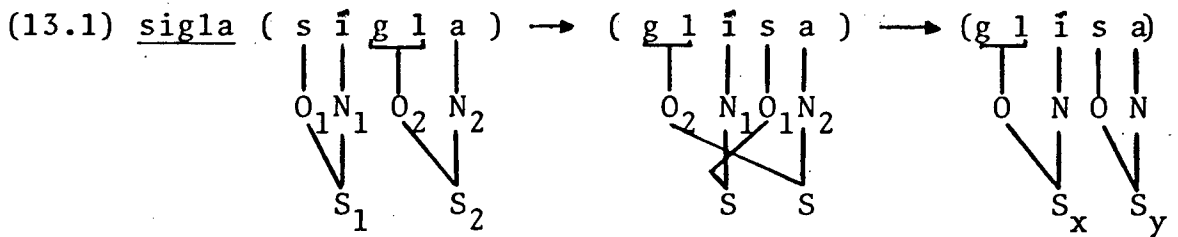
- a. sobre o núcleo;
- b. sobre o núcleo e coda;
- c. sobre o onset e o núcleo;
- d. sobre o onset
- e. sobre o coda; e
- f. sobre o acento tônico.

## 3.1. a

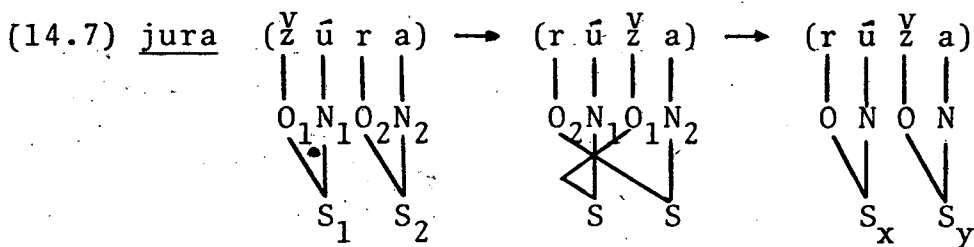
ESTATICIDADE DE SEGMENTOS NUCLEARES

A estaticidade de núcleos ocorre com mais frequência em dissílabos, estando também presente em trissílabos. Mantendo estático o núcleo da sílaba, este processo impede que as RJ sejam aplicadas com força total, ocasionando um cruzamento de linhas no output, se quisermos identificar os segmentos de acordo com sua posição no input. Kahn (1976) e Goldsmith (1976) mostraram que não pode haver linhas cruzadas entre sílabas.

O falante processa uma reestruturação silábica, que dará origem a novas sílabas, sendo esse fator que impede a reaplicação das RJ com resultado idêntico ao input inicial. Assim por exemplo:



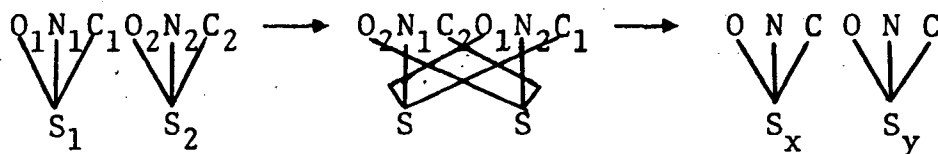
A reestruturação silábica — ou ressilabificação — que ocorre nesse dado faz com que o segmento onset de  $S_1$  apareça na sílaba seguinte, posterior ao seu núcleo de origem. Para situar os segmento em situações como essas é que se justifica a utilização do número que os identifica com relação à sílaba a qual pertencem no input, bem como a quebra de direção indicada pela linha que cruza por sobre a linha de seu próprio núcleo. Outro exemplo:



Assim, chula ( <sup>v</sup> ŷ ū l a ) → ( l ŷ ū a ), cravo ( k r á v u ) → ( v á k r u ) ,  
 ( n ō t a ) → ( t ō n a ) .

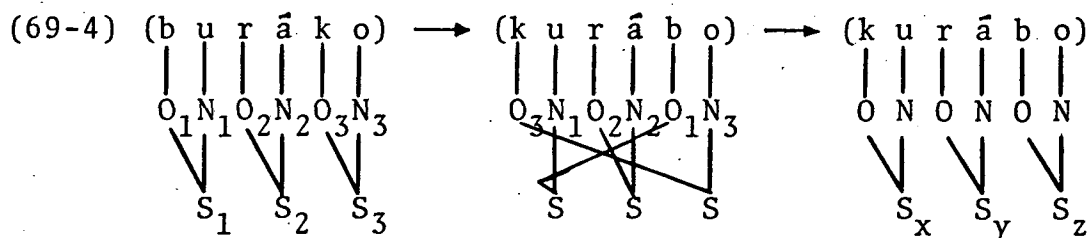
A estaticidade do núcleo pode também apresentar-se em combinações de sílabas travadas (ou fechadas). A violação seguida de ressilabificação corresponde ao esquema seguinte:



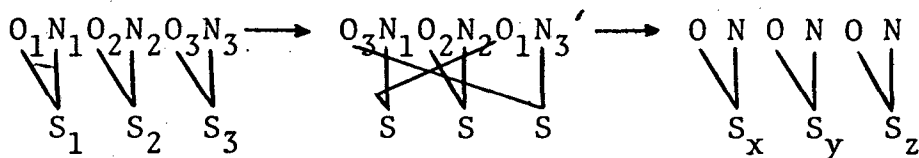


O único exemplo atestado é mentir (49.7) (mēntíh) → (tehмін)

As palavras trissílabas podem também apresentar núcleos estáticos. Por exemplo, a palavra buraco constituída de uma sucessão de três sílabas abertas:



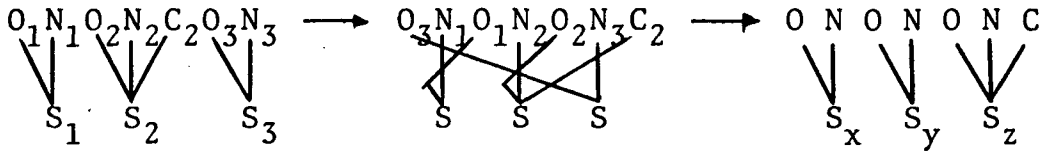
Uma vez que a RJ utilizada pelo falante é a RJ<sub>1</sub>, S<sub>2</sub> mantém-se completamente imóvel, obedecendo à RJ<sub>1</sub>, e apenas os segmentos-onset de S<sub>1</sub> e de S<sub>3</sub> trocam sua posição. Preconiza-se para trissílabos que seguem RJ<sub>1</sub>, formados por sílabas abertas e que sofrem o processo de estaticidade, o seguinte esquema:



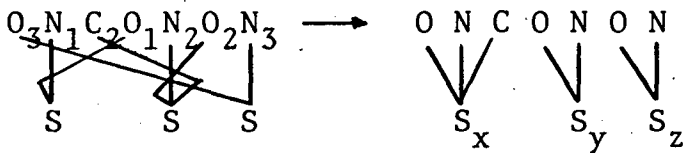
Há também estaticidade de núcleos em trissílabos que seguem RJ<sub>2</sub>, e cuja estrutura silábica é S<sub>1</sub> aberta + S<sub>2</sub> fechada + S<sub>3</sub> aberta. Assim, por exemplo, (71-1) Marilda (maríwda) → (dawníra).

Pelo fato de termos um sílaba fechada, o segmento-coda de S<sub>2</sub> (a sílaba fechada) vai se colocar como coda em S<sub>1</sub>. Isso se explica com a utilização de uma regra posterior, que possibilita a mobilidade do segmento para uma outra sílaba, que não a espe

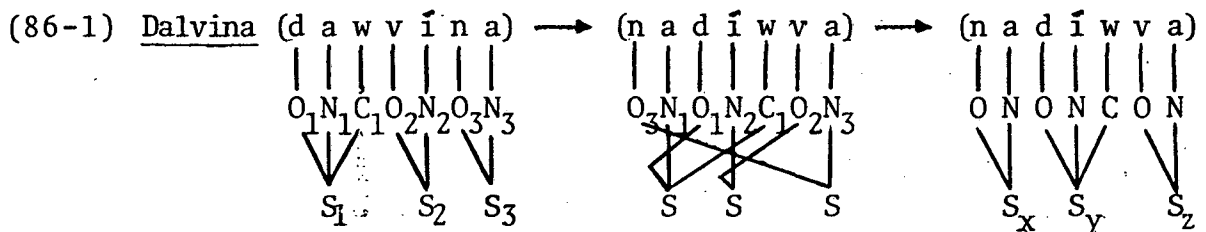
rada. Ou seja, o processo de estaticidade, ao agir sobre palavras com essa estrutura, juntamente com  $RJ_2$ , deveria ter o seguinte esquema:



Porém, ocorre que não é esse o esquema de output, uma vez que o coda de  $S_2$  dirige-se para junto do núcleo em  $S_1$ . Esse fato revela a aplicação de uma regra que determina ao segmento coda da sílaba fechada seu deslocamento para junto do núcleo de  $S_1$  que, com os outros, mantêm-se estático:



Por sua vez, o dado 86-1, trissílabo cuja estrutura silábica é CVC, CV, CV, ou seja uma sucessão de  $S_1$  fechada e de  $S_2$ ,  $S_3$  abertas, manteve os núcleos estáticos, e como obedece à  $RJ_2$ , apresenta como resultados:



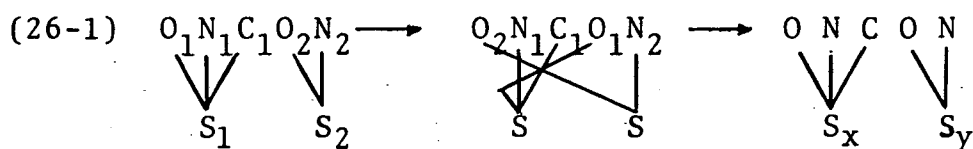
que nos leva a dedução de que esse é o esquema para trissílabos que seguem a  $RJ_2$  e o processo de estaticidade do núcleo.

### 3.1.b. ESTATICIDADE DE NÚCLEO E CODA

O fato de as palavras do português utilizadas no

corpus possuírem estruturas silábicas abertas e fechadas combinadas entre si ocasionam, à primeira vista, uma impossibilidade de se detectar exatamente sobre qual segmento atua o processo de estaticidade. No momento em que se determina que o tipo de estrutura silábica é pertinente para o explicitamento da atuação do processo de estaticidade, os esquemas silábicos começam a ser harmônicos, e é possível distinguir quais segmentos mantêm-se estáticos.

Em palavras dissilábicas cujas sílabas são  $S_1$  travada e  $S_2$  aberta, e sobre as quais age, além da RJ, o processo de estaticidade, temos o seguinte esquema:



Assim por exemplo:

(26-1) porta (p<sup>õ</sup>hta)  $\longrightarrow$  (t<sup>õ</sup>hpa)

(68-1) Selma (s<sup>é</sup>wma)  $\longrightarrow$  (é<sup>w</sup>sa), esse dado apresenta também e lipse de segmento, e portanto, a falta de uma linha no esquema silábico da inversão).

(32-1) longe (l<sup>õ</sup>n<sup>v</sup>zi)  $\longrightarrow$  (z<sup>v</sup>õnli)

(107-1) pranto (pr<sup>ã</sup>nto)  $\longrightarrow$  (t<sup>ã</sup>mpro)

Observa-se que em (107-1), o "cluster" consonantal que forma o on set de  $S_1$  é mantido como uma unidade. Os dois segmentos sofrem a RJ e invertem sua posição como se fossem um único elemento. O mesmo ocorre em (20-1) e em (13-1). Pode-se presumir para palavras com a combinação de estruturas silábicas do tipo  $S_1$  fechada +  $S_2$  aberta, sujeitas à RJ e ao processo de estaticidade de núcleo e coda, sempre o mesmo esquema de output. Diferentes es-

quem as de output em palavras com a mesma combinação de estruturas silábicas correspondem à utilização de diferentes regras, ou, no mínimo, à utilização de regras subsequentes. (cf.28-1,71-1)

### 3.1.c. ESTATICIDADE DE ONSET E NÚCLEO

Seja o dado (30-8): êter (ê t e h) → (ê r t e) → (ê r t e)

Portanto, em palavras dissílabas, formadas por  $S_1$  aberta +  $S_2$  fechada sobre a qual incida a RJ mais processo de estaticidade sobre onset e núcleo, teríamos sempre este esquema. Porém, observa-se que não apenas o fato de a sílaba ser fechada ou aberta é importante. As partes marginais, ou seja, a presença de onset e coda, ou a sua ausência, são fatores que condicionam o falante a optar por determinados tipos de esquemas no output.

O mesmo dado, êter, revela outro esquema de output, quando processada a inversão por outros falantes. Assim:

(30-1,7) (ê t e r) → (r ê t e) → (r ê t e)

A ausência de segmento-onset em  $S_1$  determina a transposição do coda em  $S_2$  para onset em  $S_1$ . Esse dado talvez indique a procura, por parte desses falantes, do padrão CV, proposto desde Jakobson como universal. As mesmas observações são válidas para (102-1,2,4)

amar (amãh) → (hãma)

(102-8) amar (amãh) → (rãma)

Desde que o processo de estaticidade atua sobre um segmento, ou sobre mais de um segmento, tornando-o (s) imóvel (is), é lícito dizer que age de forma contrária à RJ. Uma vez agindo sobre mais de um segmento da estrutura silábica, ou seja, sobre núcleo e coda, e sobre onset e núcleo, pode-se afirmar que sua força de ação sobre os segmentos é maior nesses casos, e menor quando age apenas sobre um segmento. Essa força maior ou menor está relacionada com o grau de força de atuação da RJ. Poder-se-ia propor que a força de atuação da RJ é inversamente proporcional à força de atuação do processo de estaticidade.

O processo de estaticidade pode agir também sobre o onset silábico, mantendo-o imóvel.

### 3.1.d. ESTATICIDADE DE ONSET

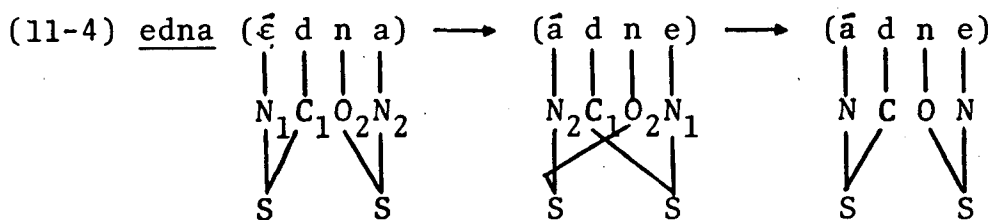
Os dados a seguir apresentam onset estático, apesar da RJ.

(66-1) maleta (m a l é t a) → (m e l á t o) → (m e l á t o)

The diagram illustrates the phonetic structure of the word 'maleta' and its evolution to 'meláto'. It shows three stages of syllabic structure with onset (O) and nucleus (N) segments, and their corresponding syllabic segments (S).

Trata-se de um trissílabo formado por sílabas do tipo CV, que segue RJ<sub>4</sub>.

O mesmo processo atua também sobre dissílabos:



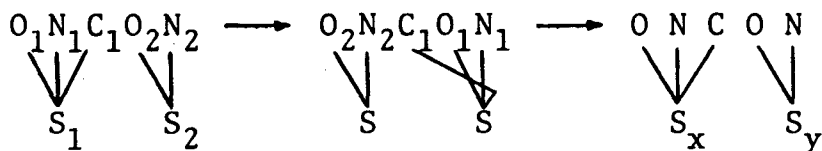
Porém, nesse caso específico, é conveniente sugerir que o processo de estaticidade atua sobre os segmentos marginais, permitindo que apenas os núcleos movimentem-se, obedecendo à RJ. Contudo, essas variações de processo de estaticidade possuem poucas realizações objetivas, dado o pequeno número de informantes utilizados nessa pesquisa.

### 3.1.e. ESTATICIDADE DE CODA

Sejam os seguintes dados:

- (4-1) Vilca (vīwka) → (kāwvi)  
 (8-1,4) bumbo (būmbo) → (bōmbu)  
 (0-1.3.4.7) trança (transa) → (sāntra)  
 (12-7) digno (dīgno) → (nogdī)  
 (23-4,6) Mirna (mīhna) → (nāhmi)  
 (26-1) porta (pōhta) → (tahpō)  
 (27-1) grande (grānde) → (dēngro)  
 (27-4,7) grande (grānde) → (dēngra)  
 (29-3,7) Selma (sēwma) → (māwsé)  
 (29-4) Selma (sēwma) → (mawsē)  
 (32-3.7) longe (lōnže) → (žēnlo)  
 (40-4,7) língua (līngwa) → (gwānli)  
 (107-4) pranto (prānto) → (tōmprā)

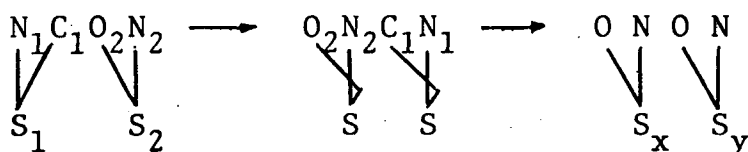
O esquema comum aos dados anteriores é o seguinte:



Palavras dissílabas formadas por  $S_1$  = núcleo e coda, +  $S_2$  = onset e núcleo, apresentam as seguintes mudanças:

- (3-7) oiça (õysa)  $\longrightarrow$  (sáyo)  
 (27-1,7) ouro (õwro)  $\longrightarrow$  (rõwo)  
 (28-3) ouro (õwro)  $\longrightarrow$  (orõwo)  
 (47-1) apto (ãpto)  $\longrightarrow$  (tõpta)  
 (47-5) apto (ãpto)  $\longrightarrow$  (topã)

Percebe-se a ocorrência de outros processos atuando juntamente com a RJ e a estaticidade sobre o coda. Contudo, o esquema geral relativo aos exemplos acima é o seguinte:



Também dissílabos formados por  $S_1 + S_2$ , ambas com onset, núcleo e coda, sofrem o processo de estaticidade de coda:

- (1-4) dourar (dowráh)  $\longrightarrow$  (hãwdo)  
 (48-5) vulgar (vuwgãh)  $\longrightarrow$  (gãhvu)

Nesses dois últimos dados, percebe-se que os segmentos-coda em  $S_2$  desaparecem.

Os seguintes dados mantêm estáticos os codas em  $S_2$ .

- (30-2) êter (êteh)  $\longrightarrow$  (teêh)

(34-1,2) varrer (vahéh) → (hevâh)

(63-1) nenhum (j n e n ũ m) → (j n u j ê m) → (h u ñ ê m)

Observe-se que o exemplo a seguir é formado por duas sílabas que possuem onset, núcleo e coda, no padrão CVC.

(49-1) mentir (m ê n t i h) → (t i m â h) → (t i m â h)

O informante, entretanto, deixa estático o segmento-coda de  $S_2$ , enquanto torna elíptico o coda de  $S_1$ , aplicando o processo de estaticidade no coda que restou. Isto nos leva a admitir que o falante criou um conjunto de regras e que estas seguem um princípio de ordenação.

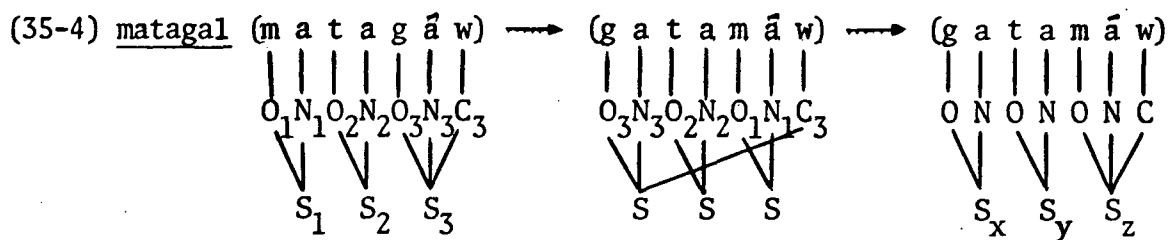
Em (50-4) temos um trissílabo em que  $S_1$  possui onset e coda;  $S_2$ , onset, núcleo e coda, e,  $S_3$  é formado por onset e núcleo. Uma vez aplicada a regra de onset estático, temos:

(54-4) paterno (p a t ê h n o) → (n o p â h t e) → (n o p â h t e)

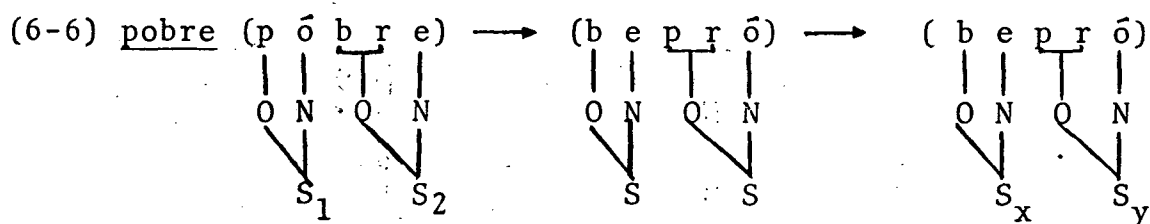
Esse trissílabo segue, para a inversão, a  $RJ_2$ .

Em trissílabos cuja  $S_3$  possui o segmento-coda também foi aplicado o processo de estaticidade em coda:





Em (6-6), o processo de estaticidade atua apenas sobre um dos segmentos do "cluster" que forma o onset:



Esta é uma das poucas evidências de que este falante considera os segmentos formadores de onsets e codas, ou seja, formadores de sílabas isoladamente, já que permite a aplicação do processo de estaticidade sobre ele. Outra possibilidade seria de a força de atuação do processo de estaticidade ser bastante reduzida, e por esse motivo atuante apenas sobre um dos segmentos que formam o onset (neste caso, o segundo do "cluster").

Em conclusão, o processo de estaticidade pode atuar sobre qualquer segmento formador de sílaba e a sua ação se realiza no sentido de impedir os segmentos de seguirem as Regras do Jogo (RJ). Em outras palavras, é um processo reverso às RJ, que atua sobre os segmentos formadores de sílaba.

### 3.1.f. ESTATICIDADE DO ACENTO TÔNICO

O processo de Estaticidade atua sobre os segmentos formadores de sílabas, mantendo-os imóveis. Também o acento tô-

nico é passível de sua atuação.

Para se fazer um estudo a respeito da Estaticidade do acento tônico é necessário dividir o corpus em estudo de acordo com os padrões acentuais.

Das 109 palavras estudadas, 51% são dissílabas, e destas, 30% são oxítonas, e 70% paroxítonas.

Os trissílabos somam 49% do total do corpus e se apresentam em 20% de oxítonas, 66% de paroxítonas e 14% proparoxítonas.

Não se faz, neste estudo, alusão às posições subtônicas ou à sílabas pré e pós-tônicas. A preocupação única de agora é o comportamento do acento tônico sobre palavras sujeitas às RJ, regras essas que determinam inversões nas posições das sílabas.

Leite (1974), in "Portuguese stress and related rules", estuda os acentos do português, e faz uma revisão dos estudos publicados a respeito. Conclui dizendo que "existem duas maneiras opostas de analisar o acento no português. Do ponto de vista tradicional o acento é completamente imprevisível e cada palavra é marcada no léxico. Do ponto de vista gerativo, o acento é marcado por uma regra muito similar à regra do acento no latim". Em sua análise, tanto regras quanto a marca no léxico são usados em relação ao acento. Mostra também que o acento não pode ser predito para nomes e verbos pela mesma regra. Acrescenta que a colocação do acento não é uma questão puramente fonológica, mas que necessita de informações gramaticiais.

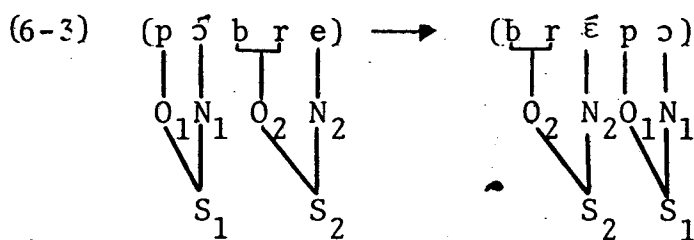
Porém no contexto específico da Inversão Silábica, o acento tônico, considerado como um supra-segmento que tem co-

mo condição "sine qua non" a presença de uma sílaba sobre a qual deve recair, essas questões não se mostram relevantes.

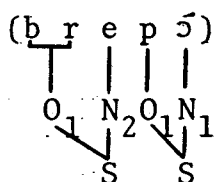
Afirma-se que toda palavra possui uma sílaba mais forte que as demais e que sobre essa recai o acento tônico. Uma vez aplicada sobre uma palavra a RJ que determina a inversão silábica, presume-se que o acento tônico siga a mesma determinação e inverta sua posição juntamente com a sílaba sobre a qual recai. Deste modo, os dissílabos oxítonos devem tornar-se paroxítonos no output e vice-versa, ou seja:  $S_1\acute{S}_2 \rightarrow \acute{S}_2S_1$  e  $\bar{S}_1S_2 \rightarrow S_2\bar{S}_1$ .

Porém isto nem sempre ocorre. Os supra-segmentos, ou acentos tônicos, do mesmo modo que os demais segmentos formadores de sílabas, podem manter-se estáticos enquanto os segmentos formadores de sílabas obedecem às RJ.

Exemplificando:



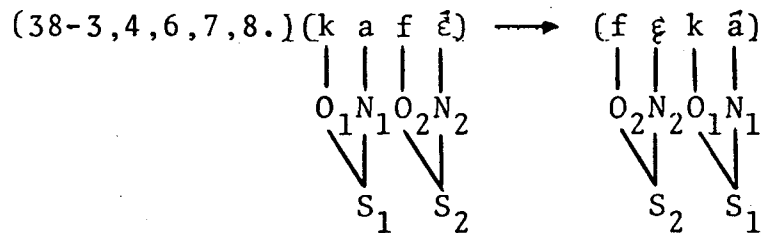
Este dado, um dissílabo paroxítono, deveria ter tido como resultado, aplicada a RJ.



Percebe-se no entanto que o acento tônico contraria a RJ e mantém-se imóvel sobre o núcleo de  $S_1$ , quando deveria ter-se movimentado juntamente com  $S_2$ :

Os dissílabos paroxítonos apresentam um total de 35% de palavras que mantiveram seu acento tônico estático. (ver tabela). Os oxítonos apresentaram um percentual de 53% palavras que mantiveram seu acento estático, isto é, continuaram oxítonas, apesar da aplicação da RJ. Existe uma variação na utilização ou não do Processo de Estaticidade sobre o acento tônico pelos falantes que poderá ser observada mais atentamente se confrontarmos os dados que foram tabulados.

A hipótese de que o acento tônico mantém-se estático se houver a utilização de outros processos simultâneos às RJ é descartada, uma vez que existem dados em que a inversão das sílabas obedece às RJ e não há outro processo atuando, além da Estaticidade sobre o acento tônico.



Um estudo específico a respeito do acento tônico na inversão silábica, com um corpus voltado apenas para esse ponto, talvez lance mais luzes sobre a relação que possa haver entre os segmentos que compõem a sílaba e o supra-segmento que está sobre ela.

A autonomia do supra-segmento com relação aos segmentos ressalta do estudo de Coupez (69/81) no que diz respeito a tonalidade. Os dados do corpus ora em estudo tendem a confirmar a posição de Coupez em relação aos supra-segmentos.

O estudo do acento tônico nos trissílabos torna a hipótese da autonomia do supra-segmento mais consistente.

Convém lembrar que os dissílabos possuem somente a opção oxítono/paroxítono, uma vez que possuem apenas duas sílabas. Porém, os trissílabos possuem 5 regras de inversão teoricamente possíveis. Deste modo, faz-se necessário marcar a sílaba tônica e propor as RJ observando também esse fator.

Assim sendo, não teríamos cinco regras possíveis, e sim quinze, já que devemos multiplicar os 3 padrões acentuais (oxítona, paroxítona e proparoxítona) pelas cinco regras teoricamente possíveis. De acordo com essa afirmação, existem cinco regras para cada padrão acentual.

Os trissílabos proparoxítonos teriam, segundo as RJ utilizados, os seguintes resultados em relação ao acento tônico:

$$\begin{aligned}
 \acute{S}_1 S_2 S_3 \rightarrow RJ_1 &\rightarrow S_3 S_2 \acute{S}_1 && - \text{oxítona} \\
 RJ_2 &\rightarrow S_3 \acute{S}_1 S_2 && - \text{paroxítona} \\
 RJ_3 &\rightarrow \acute{S}_1 S_3 S_2 && - \text{proparoxítona} \\
 RJ_4 &\rightarrow S_2 \acute{S}_1 S_3 && - \text{paroxítona} \\
 RJ_5 &\rightarrow S_2 S_3 \acute{S}_1 && - \text{oxítona}
 \end{aligned}$$

Seguindo  $RJ_1$ , temos 56% dos trissílabos proparoxítonos, dos quais 92% mantiveram-se estáticos, ou seja, continuaram proparoxítonos.

Seguindo a  $RJ_2$ , temos 36% dos proparoxítonos, e desses, nenhum manteve estático o acento. Os 8% dos proparoxítonos restantes não aplicaram as RJ em trissílabos.

Em relação aos trissílabos oxítonos, aplicadas as RJ, teríamos:

$$\begin{aligned}
 S_1 S_2 \acute{S}_3 &\rightarrow RJ_1 \rightarrow \acute{S}_3 S_2 S_1 - \text{proparoxítonas} \\
 RJ_2 &\rightarrow \acute{S}_3 S_1 S_2 - \text{proparoxítonas} \\
 RJ_3 &\rightarrow S_1 \acute{S}_3 S_2 - \text{paroxítonas} \\
 RJ_4 &\rightarrow S_2 S_1 \acute{S}_3 - \text{oxítonas} \\
 RJ_5 &\rightarrow S_2 \acute{S}_3 S_1 - \text{paroxítonas}
 \end{aligned}$$

Dos trissílabos oxítonos, 73% seguem a RJ<sub>1</sub>, e desses 56% mantêm estático o acento tônico.

Seguindo a RJ<sub>2</sub>, temos 19% dos trissílabos oxítonos, e destes 90% mantêm estático o acento tônico.

Apenas 4% seguem a RJ<sub>4</sub> e destes, nenhum mantêm estático o acento tônico.

Os 4% restantes não aplicaram as RJ.

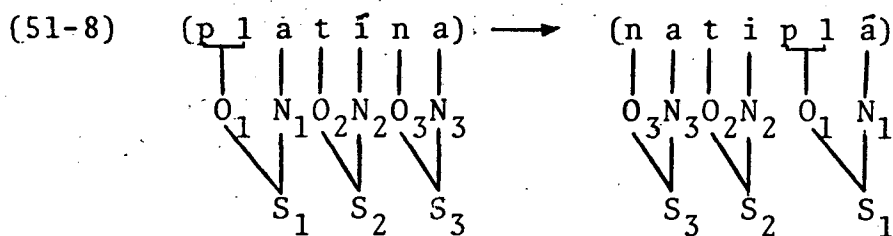
Em relação aos trissílabos paroxítonos, que somam 66% do total dos trissílabos teríamos, aplicadas as RJ, os seguintes resultados:

$$\begin{aligned}
 S_1 \acute{S}_2 S_3 &\rightarrow RJ_1 \rightarrow S_3 \acute{S}_2 S_1 - \text{paroxítona} \\
 RJ_2 &\rightarrow S_3 S_1 \acute{S}_2 - \text{oxítona} \\
 RJ_3 &\rightarrow S_1 S_3 \acute{S}_2 - \text{oxítona} \\
 RJ_4 &\rightarrow \acute{S}_2 S_1 S_3 - \text{proparoxítona} \\
 RJ_5 &\rightarrow \acute{S}_2 S_3 S_1 - \text{proparoxítona}
 \end{aligned}$$

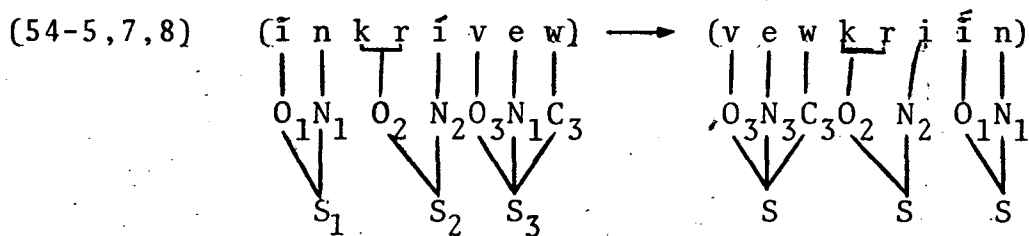
Destes, 64% seguem a RJ<sub>1</sub>, ou seja  $S_1 \acute{S}_2 S_3 \rightarrow S_3 \acute{S}_2 S_1$  e 44% mantêm estático o acento tônico. Isto significa que 56% dos trissílabos paroxítonos não obedecem a RJ<sub>1</sub> quanto à acentuação tônica.

Ora, se o supra-segmento não se mantém estático e não segue a RJ<sub>1</sub> proposta aos segmentos formadores das sílabas, isto nos leva a crer que o falante utilize, para os supra-segmentos, uma outra regra de inversão que não é utilizada pelos segmentos.

Os exemplos a seguir, trissílabos paroxítonos que obedecem a RJ<sub>1</sub> nos segmentos, não apresentam a utilização da mesma RJ para os supra-segmentos.



Desde que seguindo a RJ<sub>1</sub>, o acento tônico deveria permanecer sobre o núcleo de S<sub>2</sub> ou seja, N<sub>2</sub>. No entanto, desloca-se, indo postar-se sobre o núcleo de S<sub>1</sub>, tornando esse trissílabo um oxítono. O mesmo ocorre em (54-5, 6, 8).

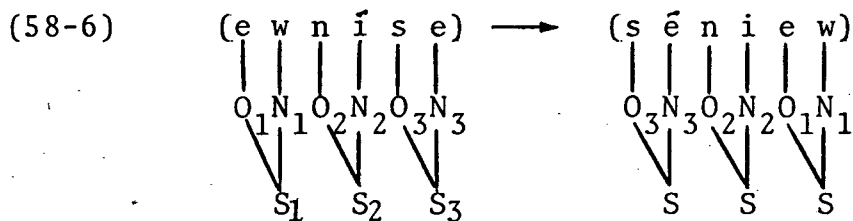


Novamente os segmentos obedecem a RJ<sub>1</sub> que determina que S<sub>2</sub> permaneça em seu lugar já que propõe S<sub>1</sub>S<sub>2</sub>S<sub>3</sub> → S<sub>3</sub>S<sub>2</sub>S<sub>1</sub>, enquanto o supra-segmento parece usar da RJ<sub>2</sub> ou de RJ<sub>3</sub> que produzem outputs oxítonos. (RJ<sub>2</sub> = S<sub>1</sub>S<sub>2</sub>S<sub>3</sub> → S<sub>3</sub>S<sub>1</sub>S<sub>2</sub>; RJ<sub>3</sub> = S<sub>1</sub>S<sub>2</sub>S<sub>3</sub> → S<sub>1</sub>S<sub>3</sub>S<sub>2</sub>)

Acreditamos ser utilizada a RJ<sub>2</sub> para esses supra-segmentos, baseados no fato de a RJ<sub>3</sub> ser totalmente improdutiva no contexto específico deste trabalho.

O falante nº 7 apresentou uma preferência sistemática pela oxítonização, ou seja, procurou somar um maior número possível de palavras oxítonas. Porém outros falantes também o fizeram.

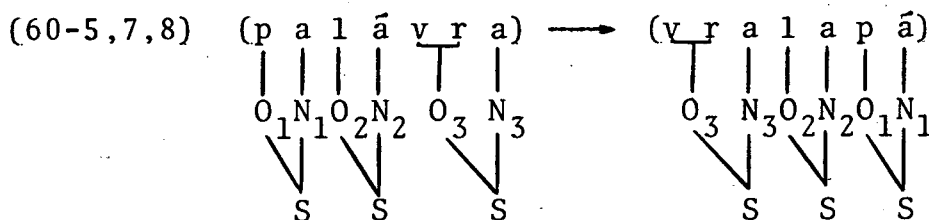
Já em (58-6) temos um fenômeno reverso.



O informante coloca o acento tônico sobre S<sub>3</sub>, contrariando a RJ<sub>1</sub>, que determina a presença do acento sobre S<sub>2</sub>. Não está claro neste exemplo qual a regra utilizada pelo falante, já que este teria duas opções em termos de proparoxítonas, RJ<sub>4</sub>:

S<sub>1</sub>Ŝ<sub>2</sub>S<sub>3</sub> → Ŝ<sub>2</sub>S<sub>1</sub>S<sub>3</sub> ou ainda a RJ<sub>5</sub>: S<sub>1</sub>Ŝ<sub>2</sub>S<sub>3</sub> → Ŝ<sub>2</sub>S<sub>3</sub>S<sub>1</sub>. Desde que este informante não tenha utilizado nenhuma vez qualquer dessas regras para inversões em segmentos, seria ousado afirmar que ele tenha utilizado especificamente uma delas. É possível apenas constatar, diante dos dados, que o supra-segmento não obedece a mesma RJ que os segmentos.

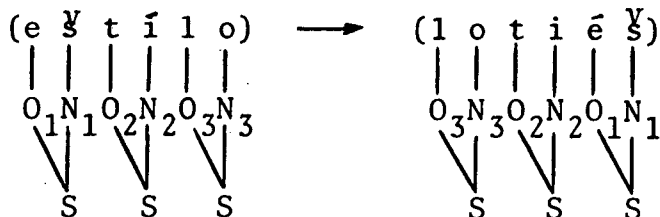
Em (60-5,7,8) temos os mesmos processos utilizados em (54-6,7,8) valem portanto aqui as afirmações feitas lá.



Também ocorre o mesmo em relação a (62-5,7,8).

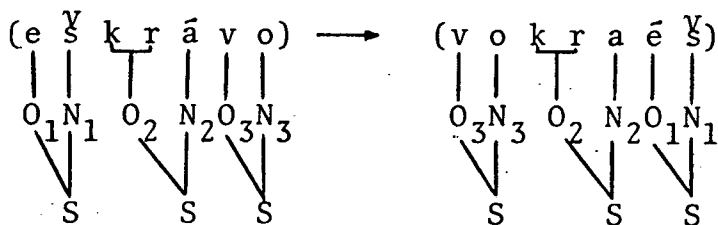


62-5,7,8)



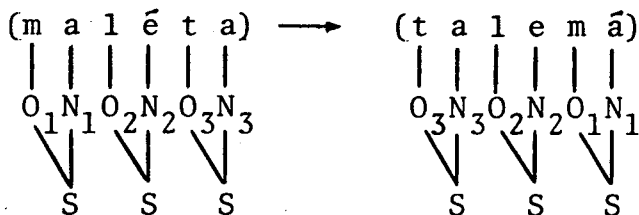
O dado de nº 65 (eskrávo) apresenta os mesmos processos.

65-4,6,7,8)

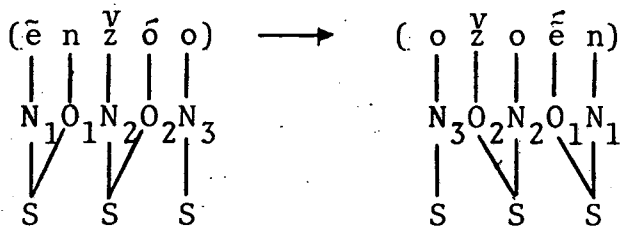


Do mesmo modo ocorre com os dados a seguir:

(66-5,7,8)



(67-6,7)



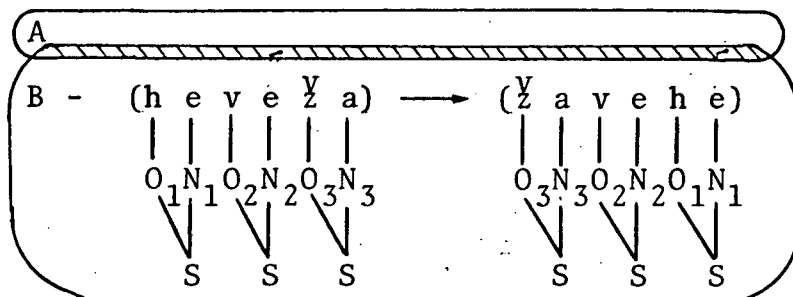
Exceto (58-6), todos os demais informantes que utilizaram a RJ<sub>1</sub> para os paroxítonos procederam segundo os exemplos anteriores. (ver tabela)

Fica claro, nestes exemplos, a autonomia do supra-segmento em relação à sílaba, a que está ligado.

Os dados parecem revelar a presença de dois sistemas interligados e independentes ao mesmo tempo: o dos segmentos que compõem a sílaba e o dos supra-segmentos que recaem sobre

ela (neste caso especificamente o acento tônico). Ou seja: aplicada a RJ que determina a inversão, o acento tônico possui autonomia suficiente para obedecer outra regra de inversão. Deste modo teríamos:

(90-6)



Em que A, o supra-segmento, necessita obrigatoriamente de uma sílaba sobre a qual deve recair, e B, obrigatoriamente necessita de uma sílaba mais forte na cadeia da fala, sílaba essa sobre a qual recai o acento tônico.

Ocorre porém que A não segue obrigatoriamente a Regra do Jogo utilizada por B. É esse fato, mais que a possibilidade de manter estático o acento tônico, que comprova a autonomia do supra-segmento em relação as sílabas com as quais mantém uma relação de dependência.

Em outras palavras, pode-se afirmar, com base nesses dados, que a relação de dependência entre os dois sistemas interligados não impede que cada um deles possua autonomia de escolha em relação às Regras do Jogo de Inversão. Ou seja, são independentes a ponto de cada sistema seguir uma regra diferente.

Afirmou-se que a Estaticidade é um processo contrário à RJ, que impede a mobilidade do segmento. Afirmou-se, também, que ele age de modo a alterar a estrutura da sílaba, impedindo a reaplicação da RJ com resultados iguais ao input ini-

cial, ( $S_1S_2 \longrightarrow S_2S_1 \longrightarrow S_1S_2$ ).

Observa-se porém que toda palavra possui uma sílaba tônica e que a posição dessa sílaba em relação às outras determina modificações nessa palavra, sendo que muitas vezes a presença do acento sobre determinada sílaba (3º, 2º, 1º) pode ser indicação de sua classe gramatical, como nos casos citados por Leite (74:33). Conclui-se que o acento tônico pode ter autonomia sobre a sílaba, porém essa autonomia, em nosso contexto específico, de mobilidade, não ultrapassa a barreira de final de palavra. Ou seja, o acento tônico não respeita as barreiras de sílabas, já que a única ligação que possui com elas é que estas fazem parte de palavras, e todas as palavras possuem um acento tônico (exceto monossílabos átonos).

Esse fato pode ser uma evidência a respeito do acento tônico e sua ligação com os segmentos que compõem uma palavra. A palavra é composta de sílabas, que por sua vez se compõem de núcleo e/ou onset/coda.

O acento tônico liga-se a palavras, e não a sílabas específicas, obedecendo na palavra, a restrição de movimentar-se apenas até a 3ª sílaba da direita para a esquerda. Assim sendo, não é sobre a sílaba que o acento tônico recai, mas sobre as palavras que são compostas de sílabas.

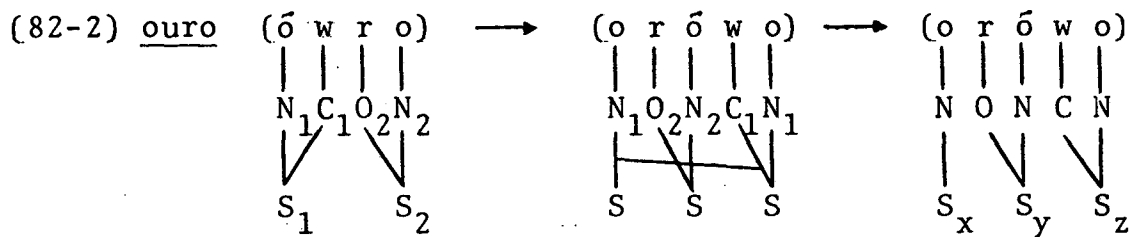
Desta maneira, o campo de ação do acento tônico não é especificamente, a sílaba, mas a palavra.

### 3.1.2. REDUPLICAÇÃO DE SEGMENTOS

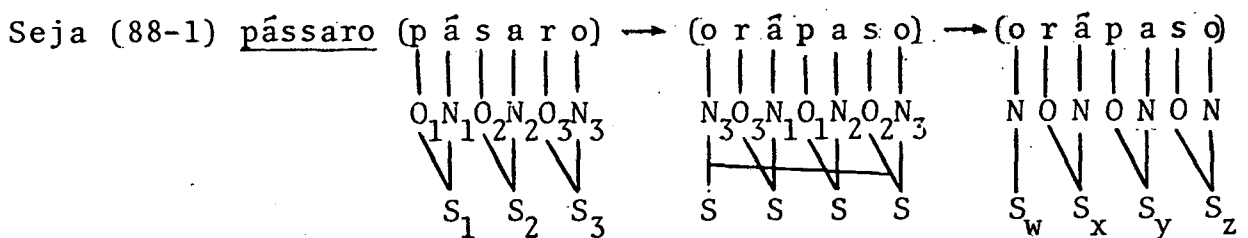
Desde que a ação do processo de estaticidade altera a estrutura da sílaba impedindo a reaplicação das Regras do Jogo com um mesmo resultado, isto significa que esse processo possui determinado grau de força de ação. Chega-se a essa conclusão observando sua atuação sobre onsets, núcleos e codas.

Porém quando a Regra do Jogo possui um grau de força de atuação igual a do processo de estaticidade, ocorre um fenômeno de reduplicação de segmentos.

Assim, por exemplo:



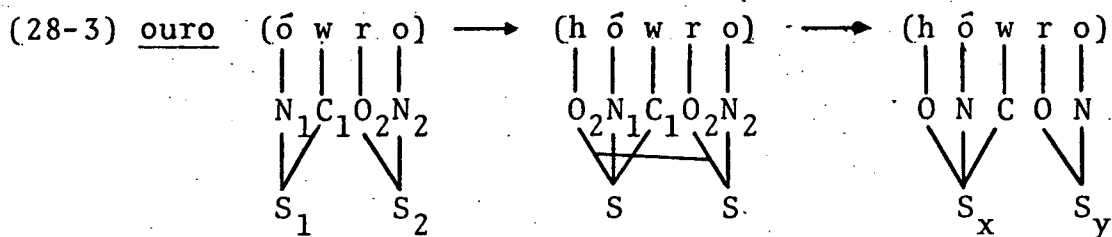
A aplicação da RJ em ouro requer, como output esperado (roów). No entanto, esse dado apresenta um coda estático e a reduplicação do núcleo de  $S_1$ . Tudo indica uma igualdade de força de atuação da Regra do Jogo e do Processo de Estaticidade. "Mutatis mutandis", esse fenômeno de redobro se assemelha à meiose, que ocorre na reprodução celular, uma vez que os dois segmentos apresentam-se exatamente iguais e surgem de uma divisão.



Nesse triassílabo, que segue a  $RJ_2$ , há uma reduplicação do nú-

cleo de  $S_3$ . Desde que o núcleo de uma sílaba é redobrado, tem-se uma sílaba suplementar. Assim, dissílabos, com a reduplicação do núcleo, passam a ser trissílabos, e trissílabos passam a ser quatrossílabos.

Os dados a seguir apresentam uma reduplicação do segmento onset da sílaba final, que passa a ocupar posição de onset na sílaba inicial.



(35-1) erma (êrma) → (mêhna)

(58-3) acima (asíma) → (masína)

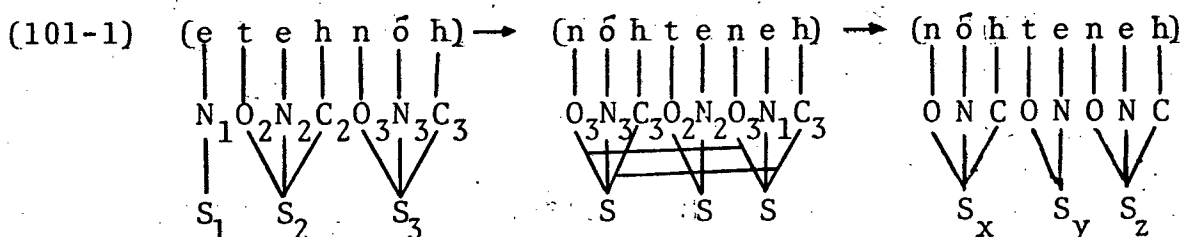
(58-6) acima (asíma) → (masína)

(93-1) alunas (alúnaš) → (nalúnaš)

(105-1) ôbito (ôbito) → (tôbito)

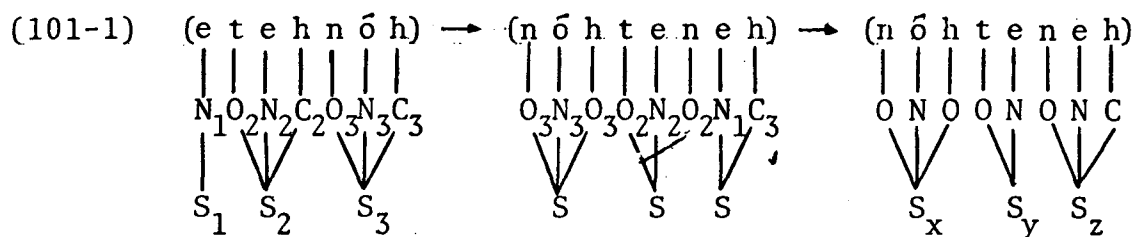
Os dados acima possuem em comum a sílaba inicial formada apenas pelo ápice silábico. A reduplicação permitiu uma ressilabificação segundo o padrão universal CV.

Em (101-1) tem-se reduplicação de segmentos a nível de sílaba:



Ou seja, após a aplicação da  $RJ_1$ , o segmento-coda de  $S_2$  movi-

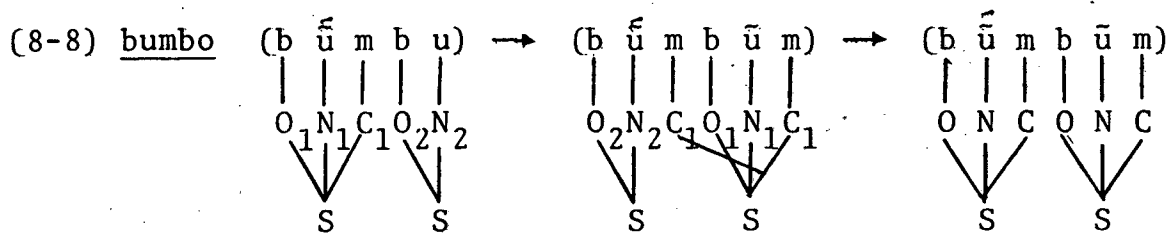
menta-se novamente ocupando a posição coda em  $S_3$ . Outra possibilidade para esta reduplicação seria a de que há, não a aplicação da RJ a nível de sílaba mas sim, elipse de coda em  $S_2$  e reduplicação de onset e coda de  $S_3$ . Assim:



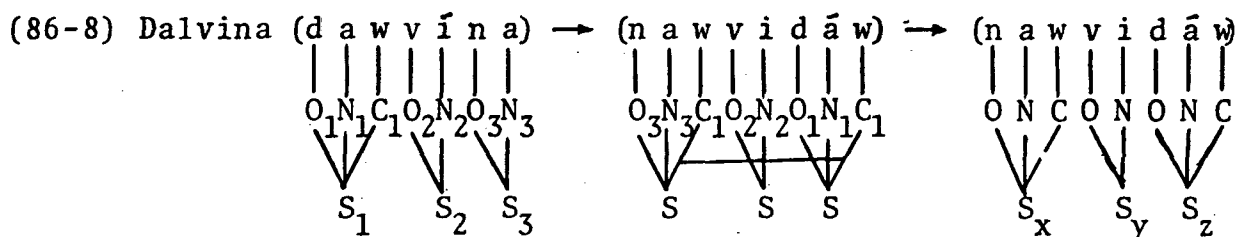
Qualquer que seja a solução em termos de esquema de inversão, as duas apresentam segmentos reduplicados que derivam, claramente, de segmentos que foram imobilizados pela ação do processo de estaticidade e que, pela incidência da RJ com igual força de atuação, dividem-se e realizam-se duas vezes, satisfazendo assim a duas forças antagônicas.

Tem-se em (101-8), coda de  $S_3$  estático e reduplicado. O processo de estaticidade agiu apenas sobre o coda de  $S_3$  e sua força é igual à força de atuação da RJ, originando-se assim o segmento bipartido, i.e., reduplicado.

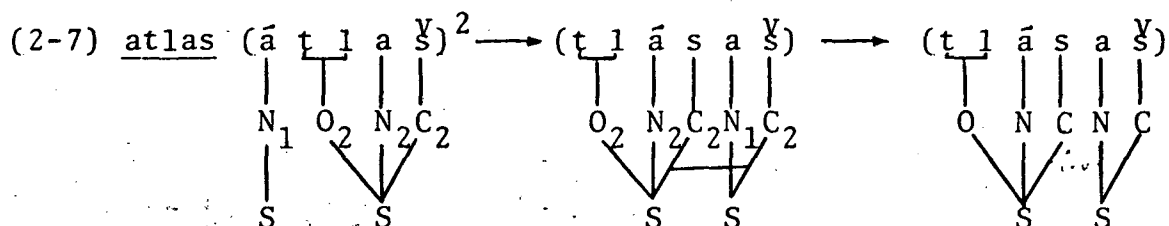
Os dados (8-8) e (28-8) apresentam o coda de  $S_1$  estático e reduplicado. O mesmo ocorre em (86-8), um trissílabo que segue a  $RJ_1$ .



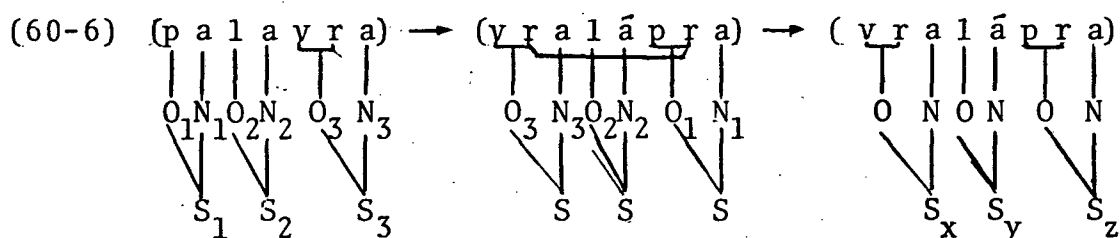
(28-8) ouro (ówro) → (rówow)



Já em (2-7), tem-se coda de  $S_2$  estático e reduplicado.



Em (60-6) o segundo segmento do "cluster" que forma o onset de  $S_3$  é reduplicado e estático. Esse fato é mais uma evidência a respeito de o falante considerar os segmentos isoladamente, como o correu em (6-6) pobre (póbre) → (hepró),



Ficou claro, com relação aos segmentos reduplicados, que todos eles sofrem, além das RJ, o processo de estaticidade. Pode-se esboçar um esquema com os graus de força de atuação dos processos até agora estudados e seus resultados, uma vez que as RJ e o processo de estaticidade atuam na inversão como forças contrárias que competem entre si. Quando a força de atuação da RJ é maior que a força de atuação do processo de estaticidade, tem-se uma inversão silábica completa. Quando ambos os processos se equiparam em força de atuação, tem-se como resultado segmento(s) que se divide(m) para obedecer ambas as or-

dens e resulta(m) segmento(s) reduplicado(s). Quando a força de atuação da RJ é menor que a força de atuação do processo de estaticidade sobre determinado(s) segmento(s), tem-se segmento(s) estático(s). Esquemáticamente:

se  $RJ > PE \rightarrow$  segmento invertido

se  $RJ = PE \rightarrow$  segmento reduplicado (um estático e outro invertido)

se  $RJ < PE \rightarrow$  segmento estático.

Numa escala ampla que abarque todas as inversões realizadas pelos informantes percebe-se que a RJ possui uma atuação maior que a do processo de estaticidade, e que este processo por sua vez também tem uma produtividade que não é igual para todos os informantes ou para todos os dados. Evidencia-se, desta forma, a existência de competências individuais que diferem de falante para falante.



### 3.1.3. AMBISSILABICIDADE

No contexto específico do jogo de inversão silábica, os segmentos ambissilábicos são facilmente detectados, uma vez que reduplicam, aparecendo plenamente nas duas sílabas quando submetidos ao processo de inversão silábica.

A respeito da ambissilabidade, Fujimura & Lovins (1978) concluem que é "amálgama de traços do final de uma sílaba com os traços da sílaba seguinte".

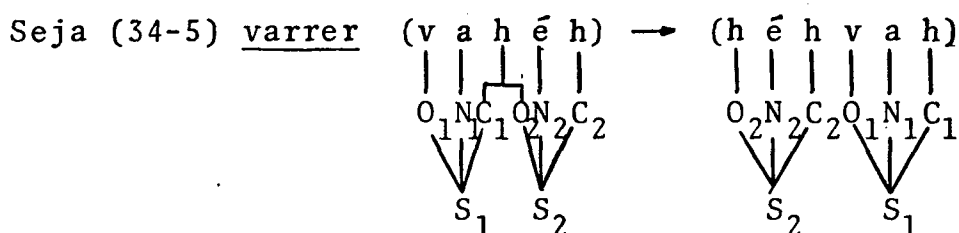
Kahn (1976) representa os segmentos ambissilábicos do Inglês como resultado do movimento sobre o limite fonológico de sílaba.

Bell & Hooper (1978) afirmam que a noção de ambissilabidade, ou seja, o envolvimento de duas sílabas numa mesma interpretação, tem sido superficialmente repetida, se não suficientemente explicada em estudos fonéticos e fonológicos.

Conforme os conceitos emitidos por esses autores a respeito da ambissilabidade, pode ser considerado ambissilábico o segmento que fizer, ao mesmo tempo, parte de duas sílabas, como que ignorando o limite silábico. Nestas condições, um mesmo segmento poderá pertencer as duas sílabas distintas, exercendo simultaneamente o papel de coda e de onset.

A utilização da terminologia proposta por Hyman (1975) aliada à representação geométrica proposta por Goldsmith (1976) e Kahn (1976) são de grande valia na descrição dos segmentos ambissilábicos. A utilização de uma linha horizontal que se subdivide em baixo do segmento em questão, serve a indicar que o mesmo segmento exerce as funções de coda e de onset sem

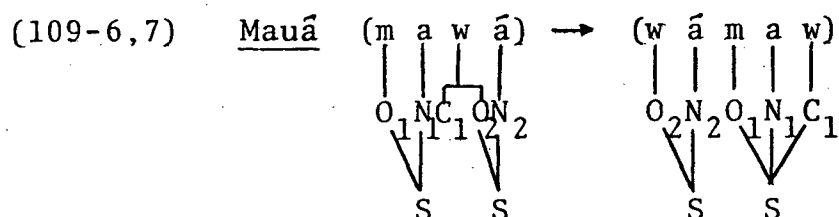
que haja cruzamento de linhas, o que revelaria uma violação a ser resolvida por ressilabificação.



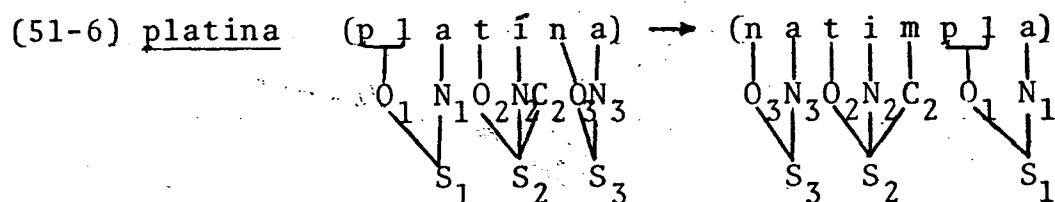
Temos em (34-5), o segmento onset de  $S_2$  ambissilábico, exercendo ao mesmo tempo as funções de coda em  $S_1$ . Percebe-se que, submetido a RJ, este segmento realiza-se como onset de  $S_2$ , seu "status" normal, e como coda de  $S_1$ , "status" adquirido pela ambissilabidade. Percebe-se ainda que, se considerado deste modo, impede a utilização de linhas cruzadas como ocorreria se o considerássemos apenas um segmento reduplicado.

A ambissilabidade pode ser considerada também como reduplicação de segmentos, porém dentro de um contexto específico, que por sua vez não altera a estrutura silábica a ponto de necessitar de ressilabificação, como ocorre com os segmentos que permanecem estáticos quando da aplicação das RJ.

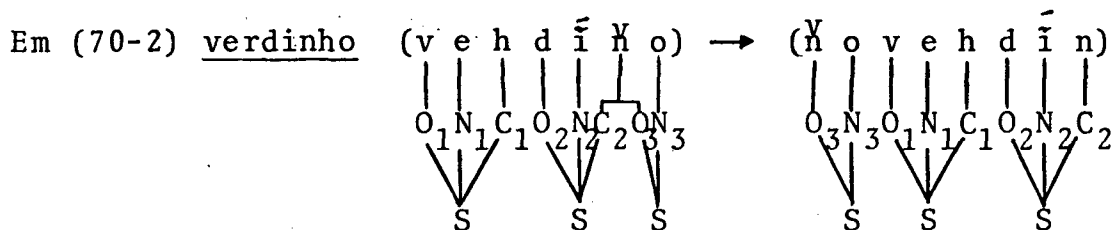
Em (109-6,7), o coda de  $S_1$  ocupa também posição de onset em  $S_2$ :



Seja um exemplo de trissílabos com ambissilabidade:

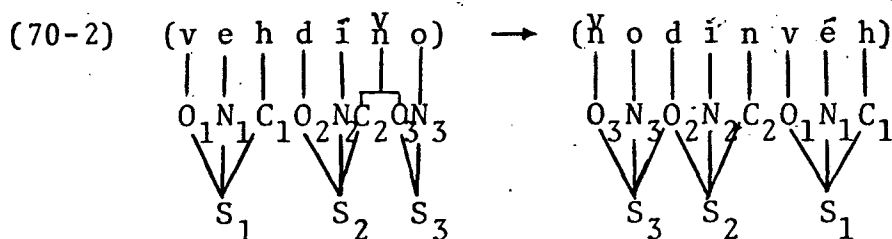


Do mesmo modo que dois segmentos (p) e (l) ocupam posição de onset, um único segmento (n) ocupa posição de onset e coda.

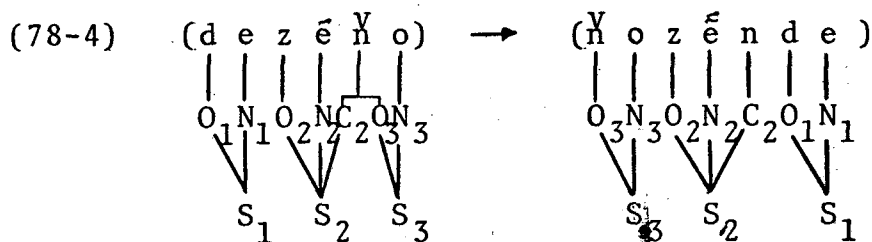


O informante utilizou, na inversão, a RJ<sub>2</sub>.

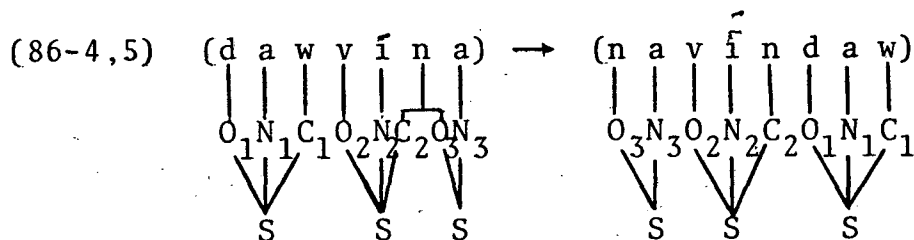
Já em (70-4,5,6), os informantes utilizaram a RJ<sub>1</sub> e é esta a diferença de output com (70-2), seja:



Outro exemplo:



Em (86-4,5) também o segmento-onset de S<sub>3</sub> revela-se ambissilábico, ocupando posição de coda em S<sub>2</sub>.



Os dois últimos exemplos seguem a RJ<sub>1</sub>.

Os vários exemplos acima revelam que a ambissila-

bicidade é um processo de reduplicação em condições específicas.

### 3.1.4. CONCLUSÃO

Pode-se concluir, a respeito do processo de estaticidade que:

- O acento tônico, considerado um supra-segmento, possui autonomia na escolha das Regras de Inversão, sendo seu campo de ação a palavra.
- Qualquer segmento pode se opor às Regras do Jogo e manter-se estático.
- Qualquer segmento estático pode reduplicar e essa reduplicação resulta da aplicação de duas forças antagônicas iguais, uma da Regra do Jogo e outra do Processo de Estaticidade.
- A ambissilabidade provoca, com a aplicação da Regra do Jogo, uma reduplicação, sem que haja estaticidade, e consequentemente, linhas cruzadas a exigir uma ressilabificação.

## 3.2.

EPÊNTESE DE SEGMENTOS

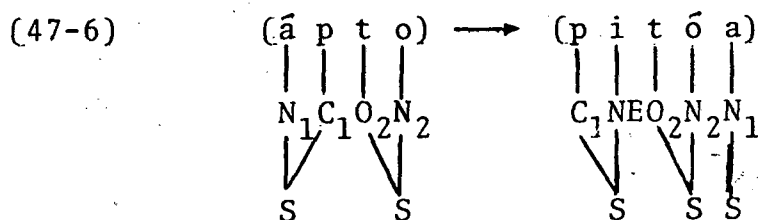
Dentre os processos que alteram a estrutura da sílaba no Jogo de Inversão Silábica ora em foco, temos também a Epêntese de Segmentos.

Neste estudo são considerados epentéticos segmentos que aparecem no output da inversão sem que existam no Input inicial.

No português do Brasil, segundo Hooper (Int. a Fon. Ger. Natural) "existe uma regra de epêntese que insere o (i) para permitir certas sílabas com finais obstruintes". Em outras palavras, a epêntese ou a introdução da vogal mínima /i/ em palavras do português ocorre sempre que houver sílabas com coda obstruinte seguidas de onset obstruinte ou nasal.

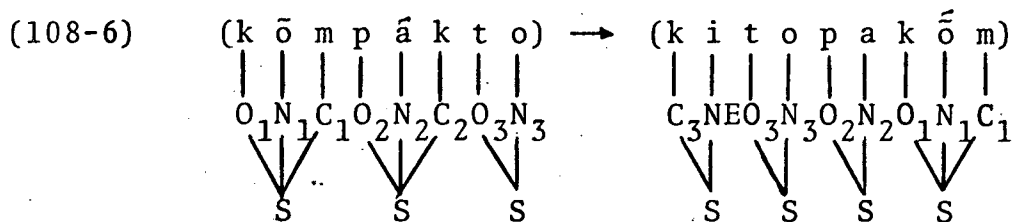
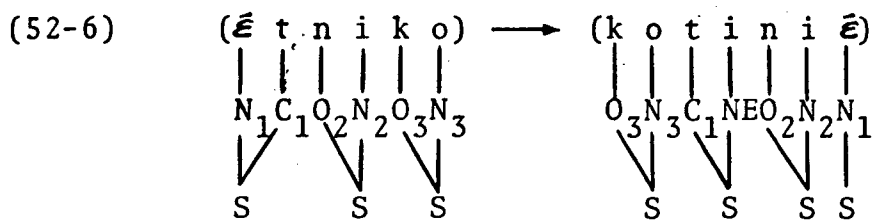
A introdução de uma vogal mínima causa alterações significativas na estrutura silábica da palavra, já que vogais ocupam posição de núcleos silábicos e estes por sua vez são considerados novas sílabas. Conseqüentemente, a Epêntese de segmentos vocálicos causa uma ressilabificação, já que o segmento epentético liga-se ao coda obstruinte para desfazer a seqüência obstruinte/obstruinte ou nasal.

Os dados a seguir apresentam epêntese de segmento vocálicos no output.



Utilizou-se, para caracterizar o segmento vocáli-

co epentético NE, ou seja, núcleo epentético.



Observa-se que a regra de Epêntese proposta por Hooper é aceita pelos informantes, uma vez que estes, apesar de não inserirem a vogal no Input apresentam-na no Output.

Observa-se também que o segmento nuclear epentético une-se ao codas para formar uma nova sílaba de tipo CV.

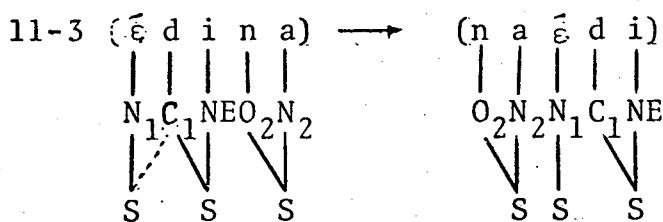
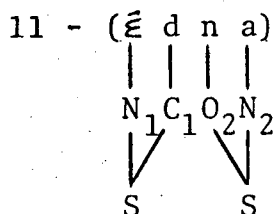
Partindo-se da premissa de que não há a realização fonética da vogal epentética solicitada pela estrutura silábica da palavra no Input mas apenas a sua realização no Output, pode-se levantar a hipótese de que o falante não realiza a inversão silábica partindo da forma fonética de superfície e sim de uma representação subjacente dessa palavra. Sherzer(70) levanta essa hipótese em seu estudo a respeito do cuna.

Afirmou-se anteriormente que seriam considerados epentéticos os segmentos que se realizam no Output sem que existam no Input.

A epêntese é um processo muito utilizado pelos falantes. Estes ouviram os 5,5% das palavras do corpus que são susceptíveis à utilização do processo de epêntese e, ao reprodu

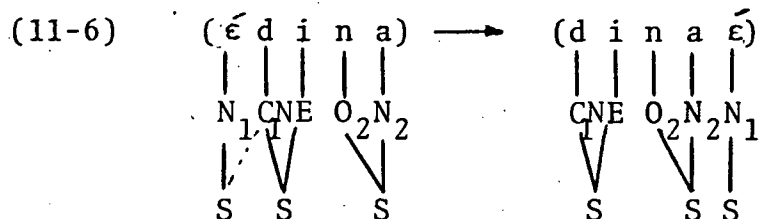
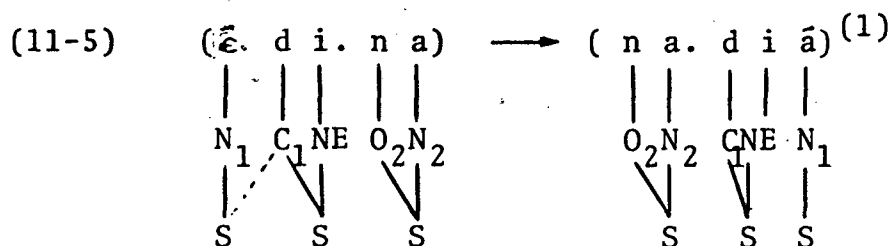
zirem o item antes da inversão, (convém recordar que os informantes ouviam o item, repetiam-no e então procediam a inversão) 50% desse total utilizaram a Regra de Epêntese de vogal mínima.

Desta maneira, temos 50% do total das palavras do corpus cuja estruturas silábicas possuem codas obstruintes seguidas de onsets obstruintes ou nasais, realizados pelos informantes já com a epêntese da vogal mínima no Input. Essa epentetização altera a estrutura da sílaba em relação à palavra ouvida pelo informante. Isso significa que este, ao ouvir a palavra, aplica a Regra de Epêntese ao reproduzi-la. Tem-se então mais uma sílaba, formada por coda e vogal epentética, em relação à palavra proposta para a inversão e, conseqüentemente, uma ressilabificação.

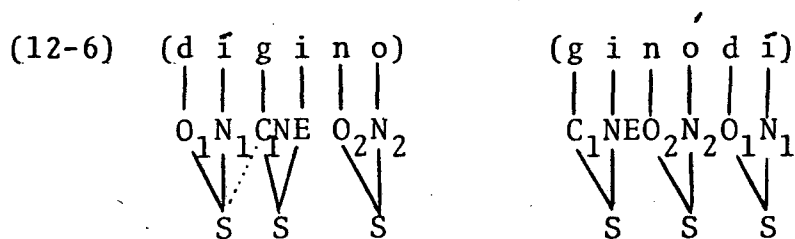
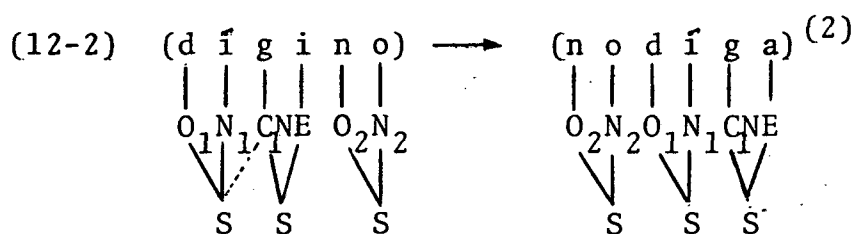
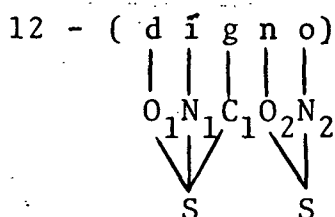


Conservou-se C para os codas que passam a onset com a epêntese da vogal mínima (NE, ou núcleo epentético) enquanto as linhas pontilhadas indicam a relação de dependência que existe entre coda, agora onset de nova sílaba pela epêntese, e seu núcleo de acordo com o item proposto para as inversões.





O mesmo ocorre em relação ao dado número 12.

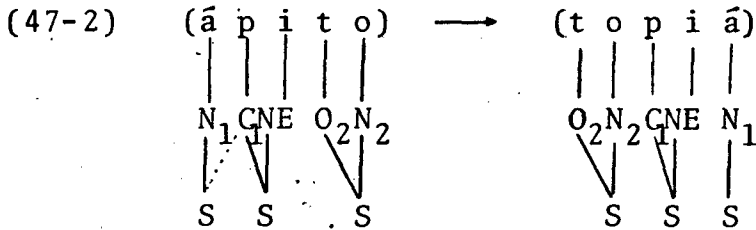
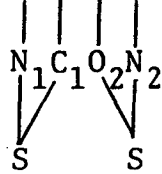


Também o dado de número (47) apresenta esse tipo de resultado.

1. Esse dado apresenta ainda rebaixamento de  $n_1$ . /ε/  $\rightarrow$  /a/.

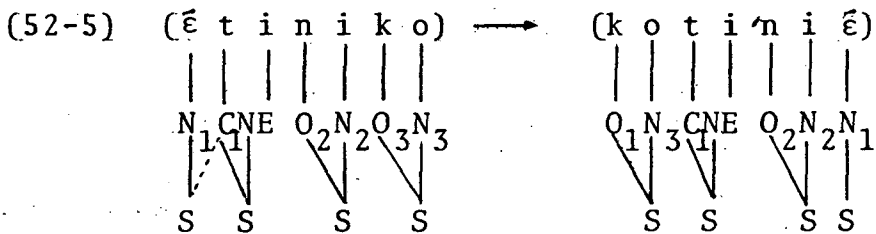
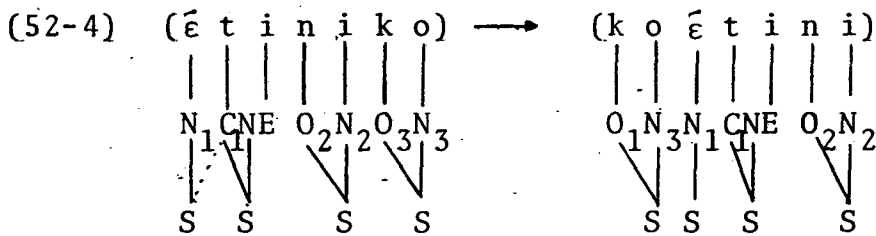
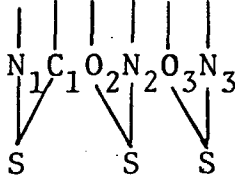
2. Temos no output de (12-2) rebaixamento vocálico da vogal epentética: /i/  $\rightarrow$  /a/.

47 - (ã p t o)



No dado número (52) também ocorre o mesmo processo

52 - (ê t n i k o)



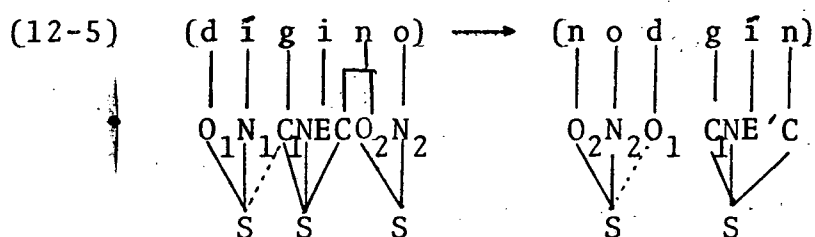
Observa-se que os informantes aplicam a Regra de Epêntese ao Input, mantendo a vogal epentética no output. Este fato sugere a hipótese de serem os dissílabos apresentados para a inversão considerados trissílabos (sujeitos às RJ) e os trissílabos considerados polissílabos. Preferiu-se porém detectar o

tipo de mudança causada pela epêntese na estrutura da sílaba, sem tecer considerações a esse respeito.

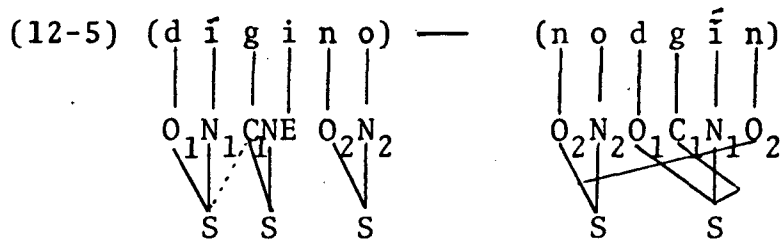
Convém observar também que as proparoxítonas como /*étniko*/ e /*téknika*/, pela epêntese da vogal mínima fogem ao padrão acentual do português, numa vez que a nova sílaba ocorre depois da sílaba sobre a qual recai o acento tônico. Pode-se tentar explicar esse fato utilizando-se a hipótese de que a vogal mínima é inserida depois da aplicação da Regra de acentuação. (cf. A. Naro, 1971:57).

Os dados que possuem a estrutura silábica necessária à aplicação da Regra de Epêntese, ou seja, S cujo coda é obstruinte seguida de S cujo onset é obstruinte ou nasal, tanto apresentam a vogal epentética apenas no output, quanto ao input e output, ou ainda, apenas no input.

Os exemplos listados a seguir apresentam a vogal epentética apenas no input.:

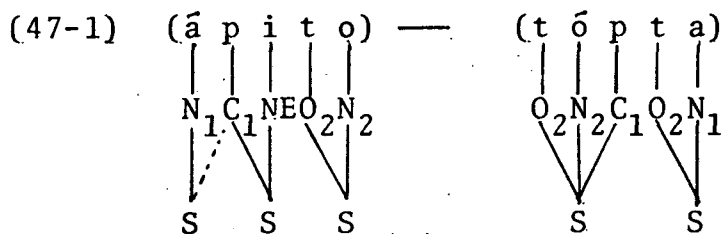


Este dado, à primeira vista, parece oferecer um caso de ambissilabidade. Porém se for tratado como tal, haverá elipse de núcleo. Não é possível precisar se houver elipse de N<sub>1</sub> ou se a regra de Epêntese não foi aplicada, uma vez que ambos se assemelham foneticamente. A segunda hipótese, no entanto, parece mais plausível.



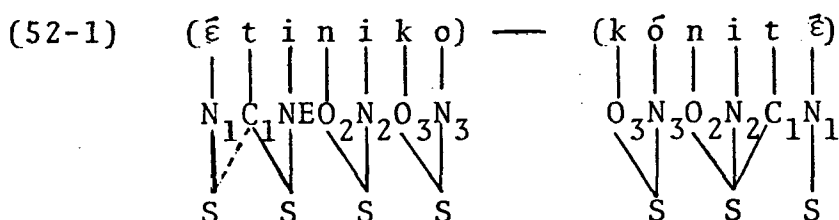
A hipótese de que a Regra de Epêntese não foi aplicada sobre output parece ser mais aceitável que a primeira a apresentada, em que há ambissilabidade de  $O_2$  e elipse de  $N_1$ , já que visualizamos a movimentação dos segmentos, a reduplicação de  $O_2$  e a reestruturação silábica ocorrida.

O dado de número 47-1 parece ter sofrido a Regra de Epêntese apenas no input, à maneira de (12-5).



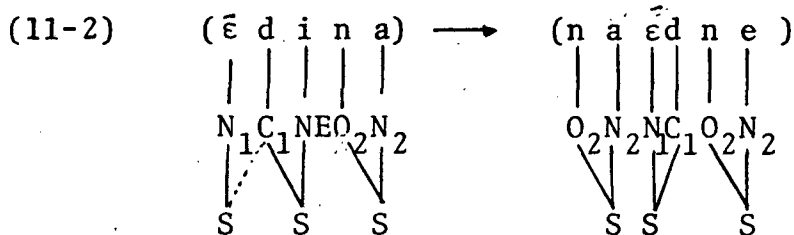
Há, em 47-1 a aplicação da Regra de Epêntese da vogal mínima apenas no input, sendo que só output apresenta  $O_2$  reduplicado em posição de  $O_1$  e  $C_1$  estático.

Já em 52-1, além de Regra de Epêntese ser aplicada apenas ao output, tem-se uma reestruturação silábica, onde  $C_1$  ocupa posição de onset.

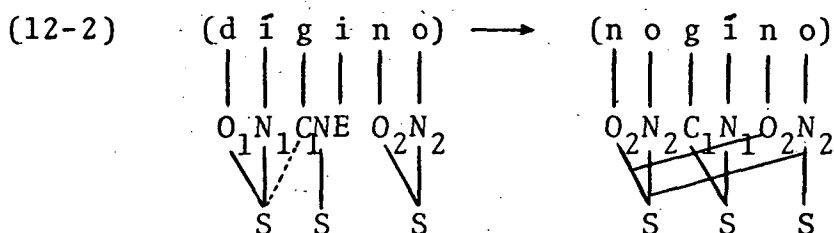


Os outros dados também apresentam a Regra de E-

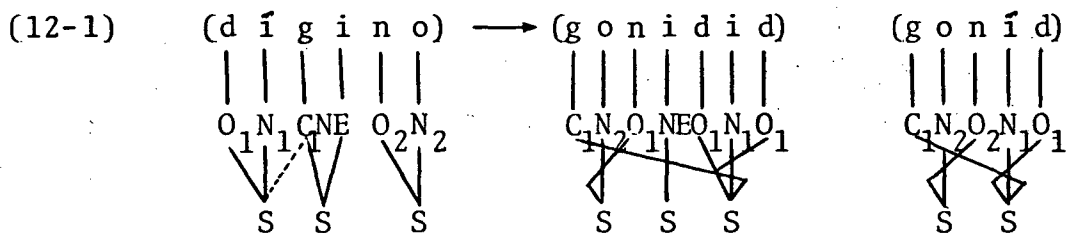
pêntese apenas no input.



Observamos, em (11-2), reduplicação de  $O_2$  e reduplicação e levantamento de  $N_2$ .



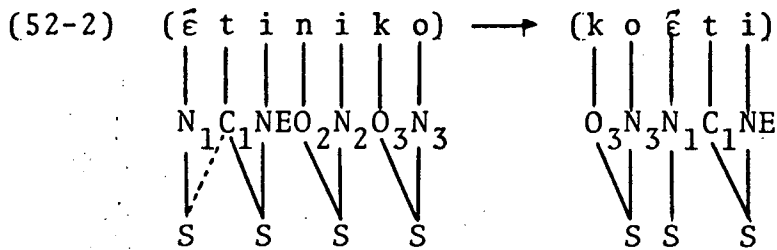
Em (12-2) temos reduplicação de  $S_2$  (onset e núcleo) e elipse de  $O_1$  sendo que  $C_1$  ocupava posição do segmento elíptico.



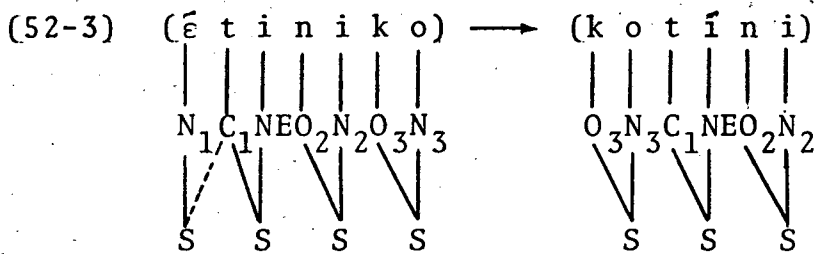
Em 12-1, temos no 1º output, a presença de segmento nuclear epentético (NE), além da reduplicação de  $O_1$  em posição de  $C_1$  e coda de  $S_1$  ocupando posição de onset de  $S_2$ , enquanto seu onset ocupa posição coda. Ressilabificando, teríamos um trissílabo formado por CV, CV, CVC. No entanto, a repetição do output revela a ausência da vogal epentética, bem como os onsets ocupando posição coda e o coda de  $S_1$  ocupando posição de onset.

Os dados agrupados a seguir sofrem a aplicação da

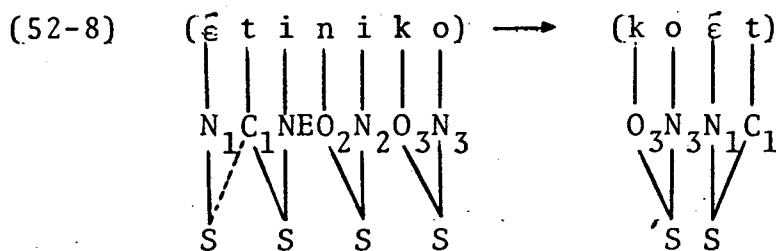
Regra de Epêntese no Input, apresentando também elipse de segmento no Output.



Temos em 52-2, elipse de  $S_2$  - onset e núcleo. A epêntese realiza-se tanto no in quanto no output.

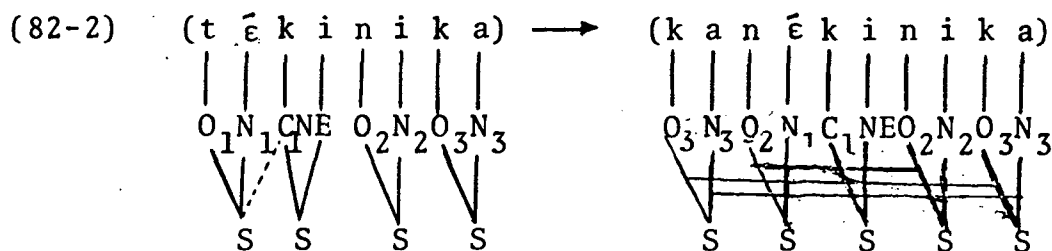


Em 52-3 há a elipse de  $N_1$  além de epêntese no in e output.



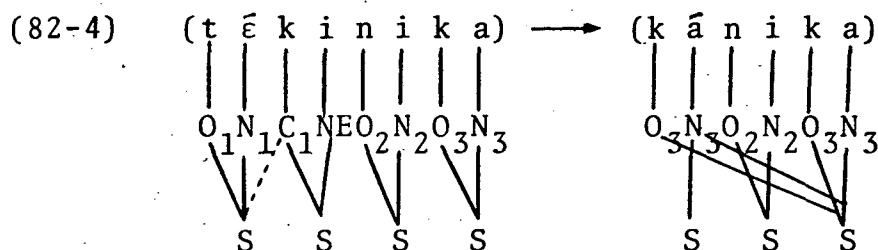
Este dado apresenta elipse de  $S_2$ , onset e núcleo. A Regra de Epêntese só foi aplicada no input, ou por outro lado, caso tenha sido aplicada também ao output, o segmento epentético sofre o processo de elipse, já que não se realiza foneticamente.

O trissílabo (tékniKa) também possui as condições silábicas que permitem a ação da Regra de Epêntese, ou seja, sílabas formadas por coda obstruinte seguida por sílabas formadas por onset nasal ou obstruinte.



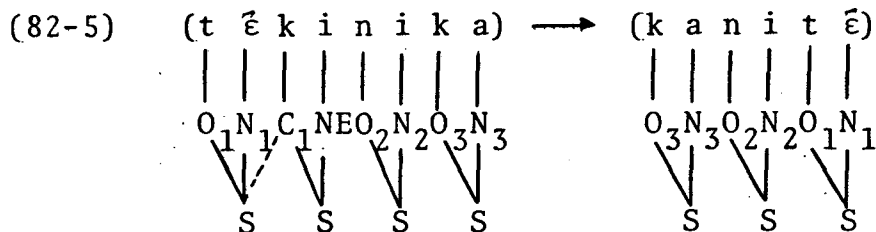
Além da Epêntese do segmento vocálico (NE), esse dado apresenta elipse de  $O_1$  e reduplicação de  $O_2$  e onset e núcleo de  $S_3$ .

Já em (82-4), a Epêntese do segmento vocálico é visível apenas no input.



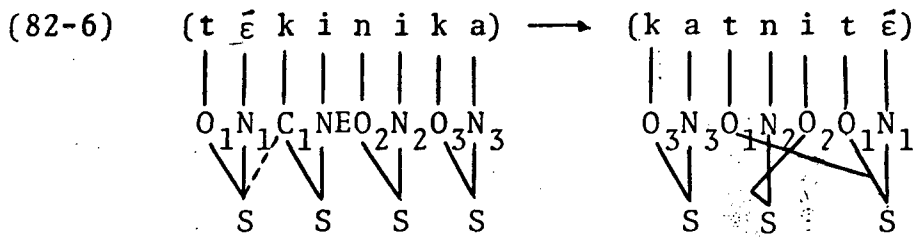
Temos, no output de (82-4), elipse de  $S_1$ , onset, núcleo e coda. Desde que o segmento epentético liga-se ao coda, este sofrendo o processo de elipse, o NE deixa de possuir as condições para realização.

Em (82-5, 6, e 8) temos ainda a presença de Epêntese aliada à Elipse:

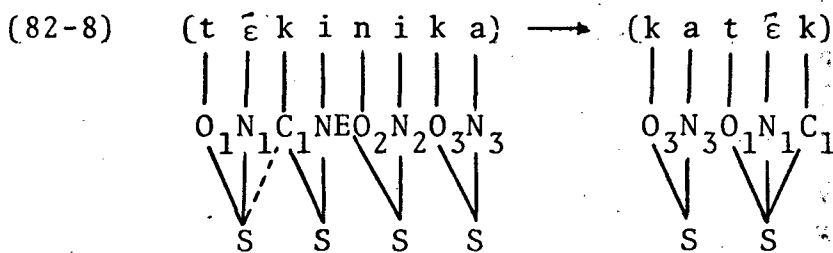


Este dado apresenta a Epêntese de segmento vocálico apenas no Input, já que pela elipse de  $C_1$  deixam de existir

as condições para o aparecimento do NE no output.

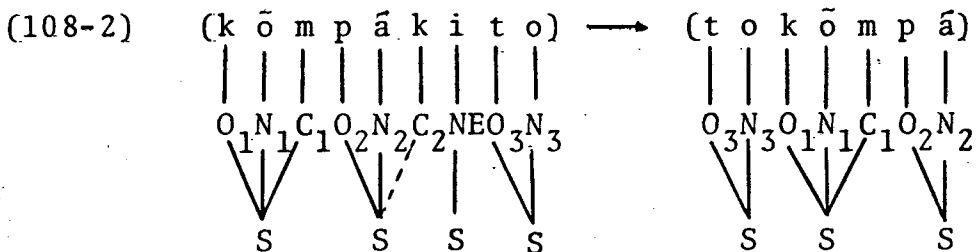


As afirmações a respeito de (82-9) são válidas também para (82-6) incluindo-se aqui a reduplicação de  $O_1$  em posição de  $C_1$ .



A epêntese do segmento vocálico ocorre apenas no input de (82-8) já que  $C_1$  não sofre elipse e aparece no output com as mesmas características do input. A elipse atua sobre  $S_2$ , onset e núcleo, tomando esse trissílabo um dissílabo.

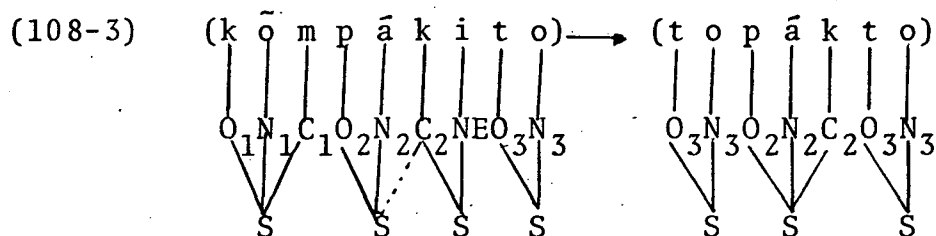
Em (108-2,3) o segmento epentético realiza-se apenas no input:



Do mesmo modo, a ausência de  $C_2$  impede o aparecimento no NE, uma vez que desfaz as condições necessárias a seu aparecimento. Nos casos de Epêntese e Elipse num mesmo Output



não podemos vislumbrar qual dos dois processos atuam ou se os dois atuaram numa mesma palavra. Isto porque a Epêntese é utilizada para desfazer encontros tipo coda obstruinte/onset obstruinte, ou nasal, inserindo para isso um segmento vocábulo /i/ (ou /e/, em casos de hiper-correção, como é encontrado em dialetos do oeste de SC, em que /pnêw/ é pronunciado /penêw/) enquanto a Elipse nada mais é que a perda de segmentos. Deste modo, algumas vezes a palavra pode ter sofrido epêntese de segmento vocálico e posteriormente pode ter sofrido elipse deste segmento, principalmente em casos onde esta age também sobre outros segmentos.



Percebe-se, em (108-3), a aplicação da Epêntese no Input bem como a Elipse de  $S_1$  e a reduplicação de  $S_3$  em posição de  $S_1$ .

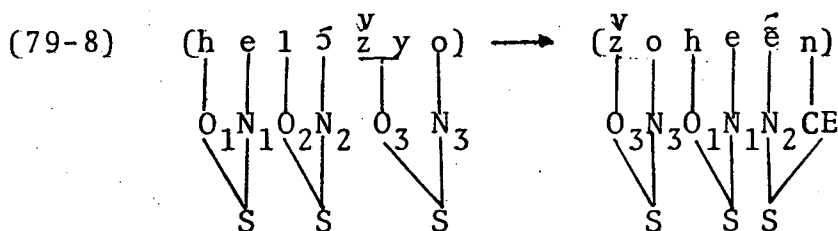
Abaurre-Gnerre (79:67) diz que o fato de a vogal epentética estar presente apesar de passar despercebida algumas vezes pode ser uma indicação da realidade psicológica dos falantes do português. Diz ainda que uma vez as sílabas não podendo terminar com obstruintes, a vogal epentética pode ser incorporada na representação fonológica. Atenta ainda para o fato de estas vogais não serem representadas na ortografia e apesar disso, serem incluídas na leitura.

Porém os dados retirados de um corpus oferecido a 8 informantes deixam dúvidas quanto a posição a ser tomada ,

uma vez que esses informantes comportaram-se de maneira diferentes em contexto semelhantes, ou seja, a vogal epentética não ocorreu no input mas ocorreu no output; a vogal epentética ocorreu tanto no in quanto no output.

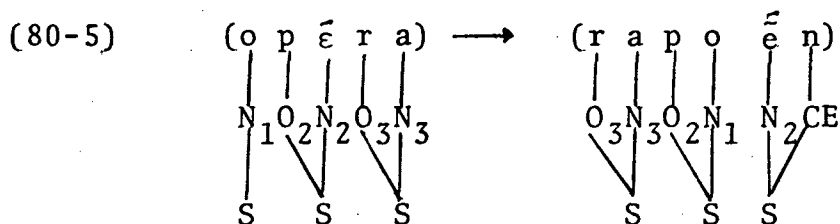
O trabalho ora realizado fornece apenas as tendências dos falantes com respeito a certos processos fonológicos utilizáveis no português. O número relativamente baixo de informantes (oito) e a diversificação de padrões silábicos do corpus indicam a preferência de determinados falantes por um ou outro processo. As conclusões advindas de um trabalho em que se utilize poucos informantes são, sem sombra de dúvida, mais vulneráveis que as resultantes do estudo do uso dessa língua por um número maior de informantes. Porém em relação a jogos linguísticos, outros estudiosos fizeram uso de um número menor de informantes (cf. Leite-74, apenas um, e Abaurre-Gnerre -(79) que utilizou a si própria e a suas duas irmãs como informantes, sem que esse fato tenha invalidado suas conclusões). É pacífico, entretanto, que quanto maior o número de informantes utilizados mais condições se teria para concluir a respeito da língua em usos ou situações especiais como é o caso dos jogos linguísticos e, em nosso contexto específico, da inversão silábica.

Os dados revelaram também um segmento coda epentético ou CE, caracterizado pela nasal.



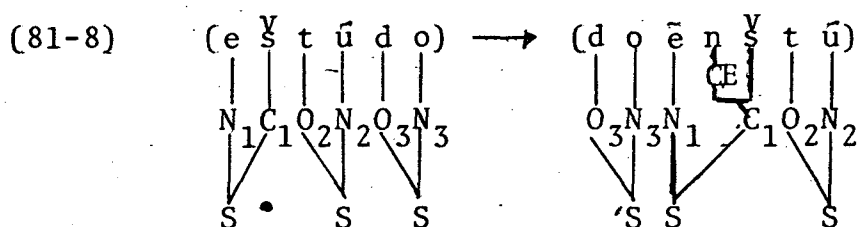
Porém não apenas CE (coda epentético) aparece no

output de (79-8) Há a Elipse de  $O_2$  e o levantamento de  $N_2 \rightarrow /ɔ/ \rightarrow /o/$ . A nasalização é decorrência da Epêntese do segmento coda nasal.



Temos, em (80-5), onset de  $S_2$  estático, enquanto o restante do trissílabo segue a  $RJ_2$ , ou seja,  $S_1S_2S_3 \rightarrow S_3S_1S_2$ , além de coda Epentético colocado junto a  $N_2$ , que também sofre um levantamento.  $/ɛ/ \rightarrow /e/$ .

Já em (81.8), temos o segmento epentético nasal introduzido junto ao coda existente, formando desse modo um "cluster".



A epêntese do segmento nasal em posição coda pode ocorrer, se tomarmos por base (81-8), também em sílabas que possuem coda, formando deste modo "cluster".

Observa-se ainda, em (81-8), que o segmento nasal epentético  $\tilde{e}$  colocado antes de coda, nasalizando desse modo o núcleo ao qual é ligado.

Com base nos dados, a Epêntese atuou para desfazer seqüências consonantais obstruinte/obstruinte ou nasal intro

duzindo um segmento vocálico, caracterizado como NE, ou seja, núcleo epentético. Atuou também introduzindo, após o núcleo, um segmento consonantal nasal, caracterizado aqui como CE, ou seja, coda epentético. A utilização do processo de Epêntese de coda nasal, além de causar uma reestruturação silábica, altera traços de segmentos, uma vez que nasaliza o núcleo ao qual está ligado.

O processo de Epêntese, como se pode observar nos exemplos apresentados nesse estudo, desestrutura a seqüência silábica da palavra sobre a qual atua, uma vez que introduz um segmento novo nessa estrutura. A presença desse novo segmento, que requer um espaço vital, causa uma movimentação dos segmentos para acomodá-lo, e no caso de Epêntese da vogal mínima, liga-se ao segmento coda imediatamente anterior, desligando-se este da sílaba original para formar uma nova sílaba, do tipo CV.

Observa-se também a utilização de outros processos pelos falantes quando da inversão, além de Epêntese. Dentre esses, o processo de Elipse, que será abordado a seguir.

### 3.3 - ELIPSE OU PERDA DE SEGMENTOS

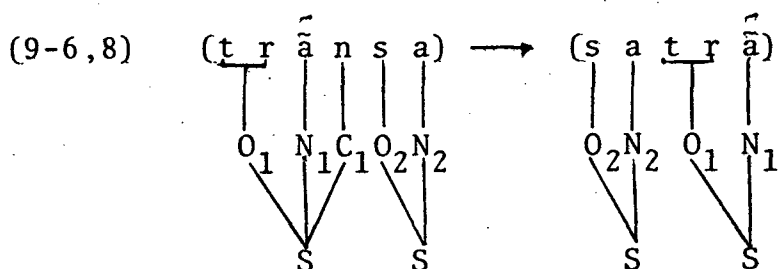
A Elipse ou Perda de Segmentos é, juntamente com Epêntese, Reduplicação e Estaticidade, um processo que altera as estruturas silábicas submetidas às RJ.

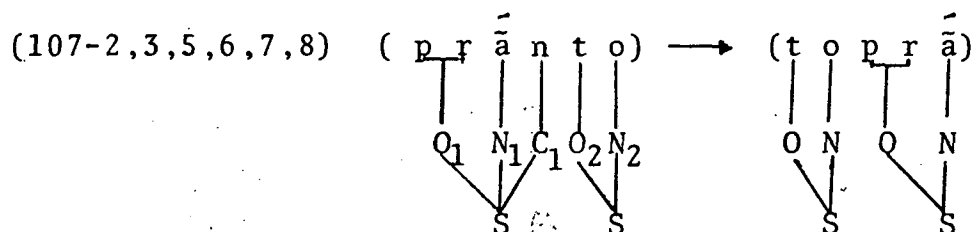
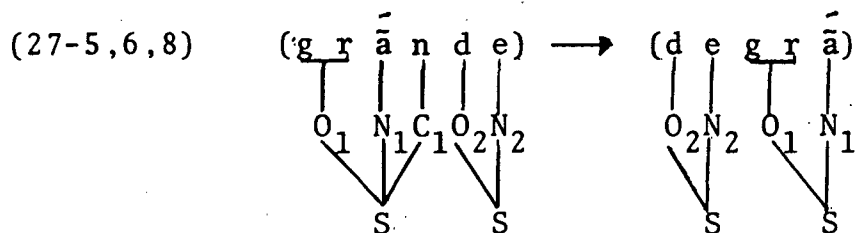
Enquanto o Processo de Estaticidade impede a movimentação dos segmentos solicitada pelas RJ, a Reduplicação se utiliza de um Processo semelhante ao da meiose, na reprodução celular, para responder às solicitações de dois Processos antagônicos e a Epêntese introduz um segmento inexistente na estrutura silábica, a Elipse por sua vez retira segmentos dessa estrutura.

Deste modo, a perda de um segmento que esteja presente no input é caracterizada como Elipse e essa perda causa alterações no esquema silábico do output, impedindo que as RJ sejam reaplicadas com resultado igual ao input.

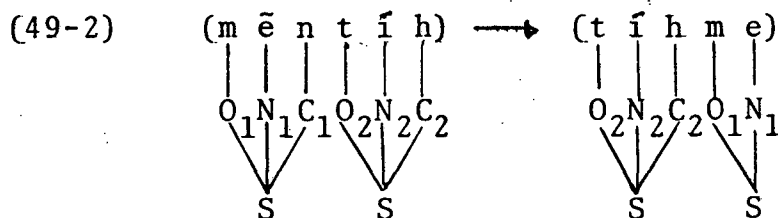
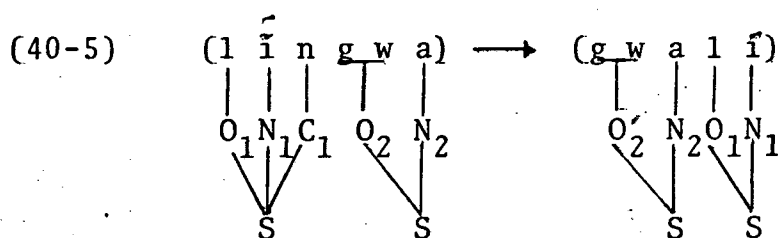
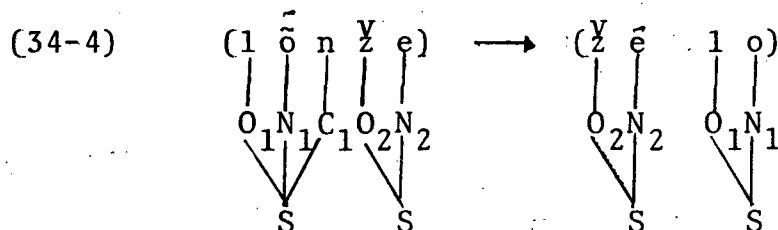
Os casos de Elipse de coda apresentados a seguir podem ser considerados como decorrência da aplicação de uma Regra Fonotática do Português. O segmento coda nasal desaparece em posição final de palavra:

#### ELIPSE DE CODA



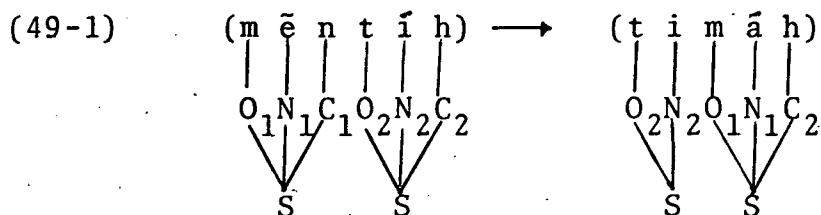


Observa-se que o segmento coda em  $S_1$ , aplicada a RJ, torna-se coda de S final, e segue a Regra que torna elíptico os segmentos coda nessa posição. A nasalidade de seu núcleo é conservada, o que já não ocorre nos dados a seguir:



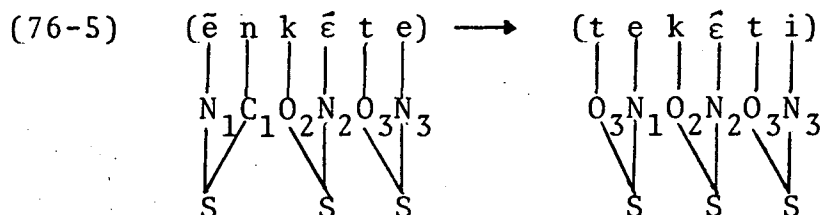
A Elipse do segmento coda nasal leva a uma posterior desnasalização do núcleo junto ao qual esteve ligado, como ocorre em (32-4), (40-5) e (49-2)

Alguns dados apresentaram a Elipse de coda nasal aliada a outros processos:

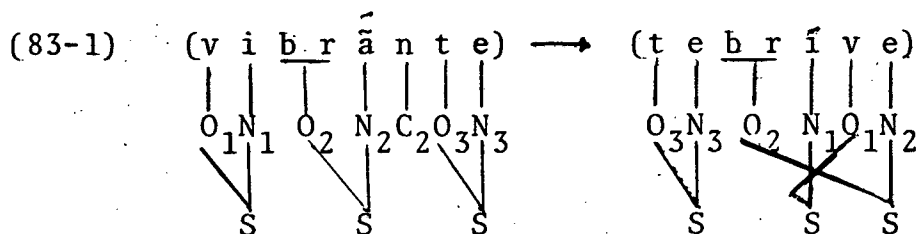


Em (49-1) o segmento coda de  $S_2$  mantém-se Estático, além de haver a Elipse coda nasal.

Já o dado (76-5) apresenta coda nasal elíptico e reduplicação de  $O_3$  em posição de onset em  $S_1$ . Observa-se que o núcleo de  $S_3$  sofre levantamento (/e/ → /i/) que pode ser caracterizada como redução da vogal pós-tônica final.

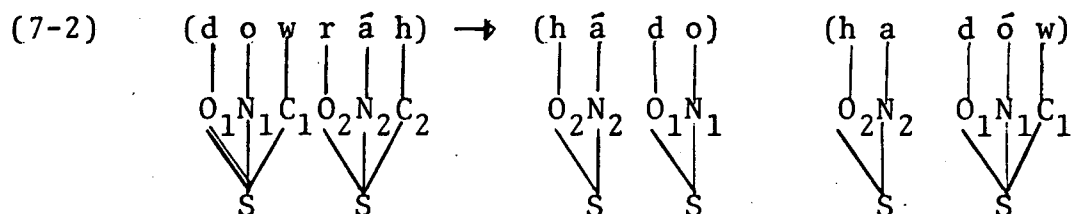


Além da Elipse do coda nasal e da aplicação da RJ, observa-se uma reaplicação da RJ a nível de segmentos em (83-1:)

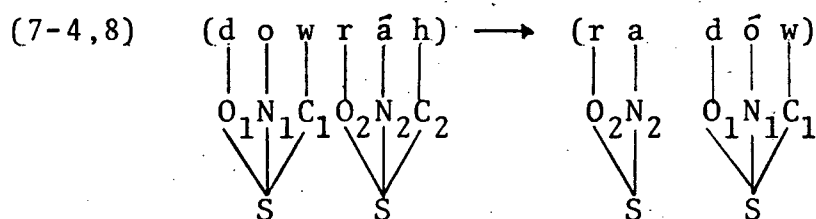


Após a aplicação da  $RJ_2$ , ou seja,  $S_1 S_2 S_3 \rightarrow S_3 S_2 S_1$  o informante reaplicou a RJ sobre os segmentos onset de  $S_1$  e  $S_2$ , invertendo sua posição.

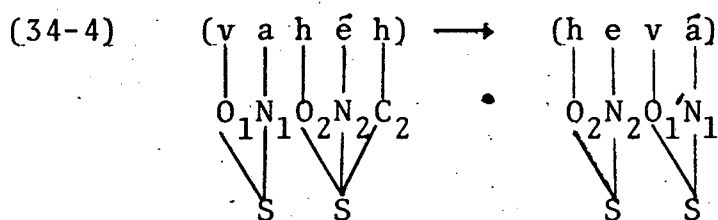
Não apenas o coda nasal sofre a ação do Processo de Elipse. Os dados agrupados a seguir também apresentam o segmento coda elíptico.



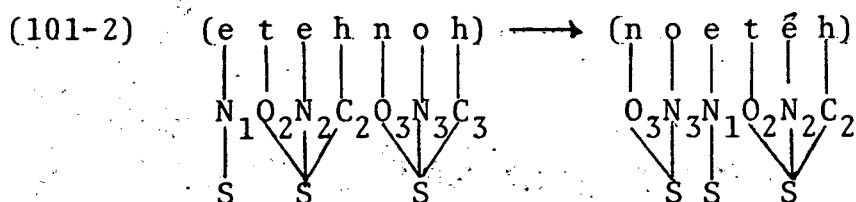
Em (7-2), ambos os segmentos coda são Elípticos. Na reprodução da inversão, a Epêntese é aplicada apenas ao segmento coda em S<sub>2</sub>.



Os dados número (7-4,8) apresentam apenas Elipse de C<sub>2</sub>, ou seja, do segmento /h/, no output.

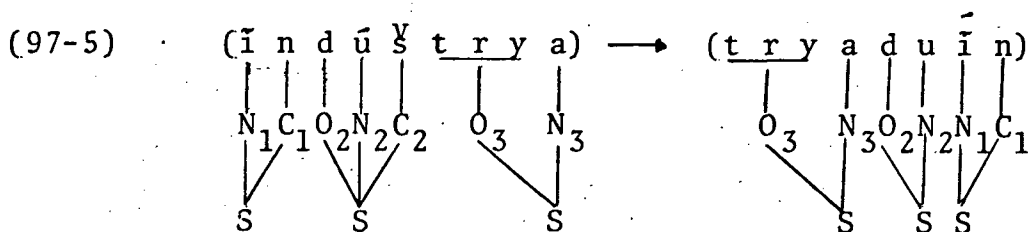
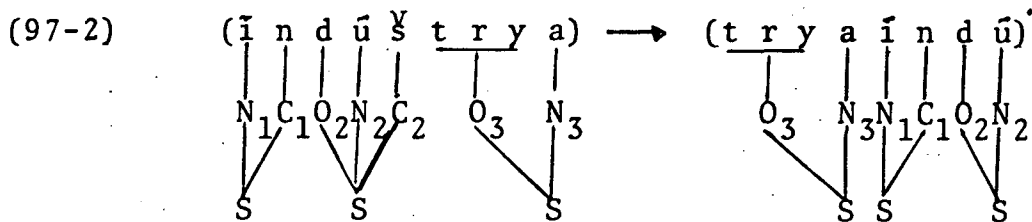


A exemplo de (34.4), em que C<sub>2</sub> é o segmento /h/, o trissílabo 101-2 também apresenta o processo de Elipse agindo sobre coda final. (C<sub>3</sub>).



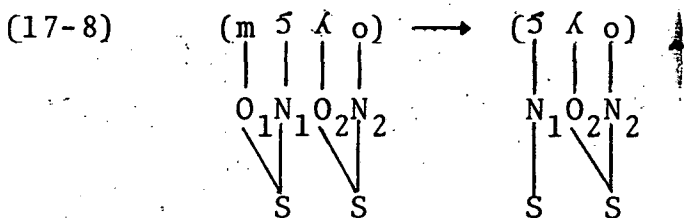
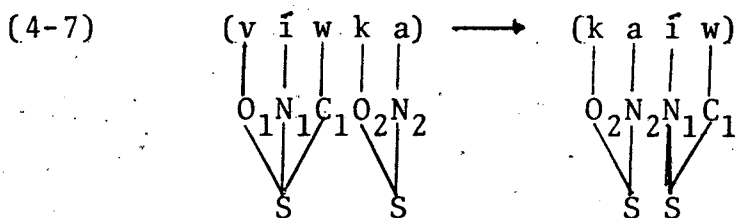




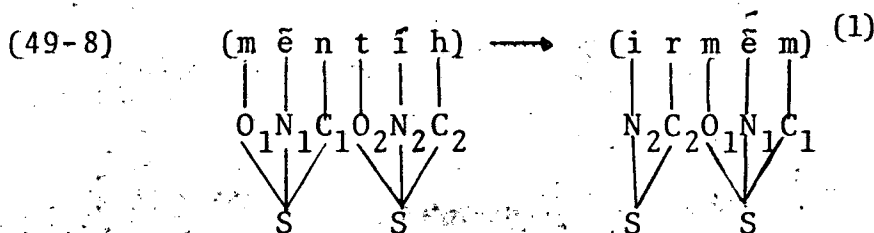


Os exemplos até agora utilizados mostraram a perda de segmentos coda no output. A Elipse age também sobre os segmentos onsets, como se verá a seguir:

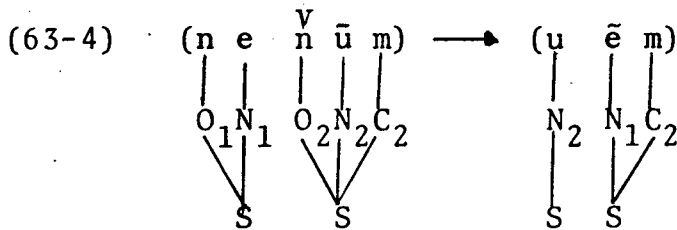
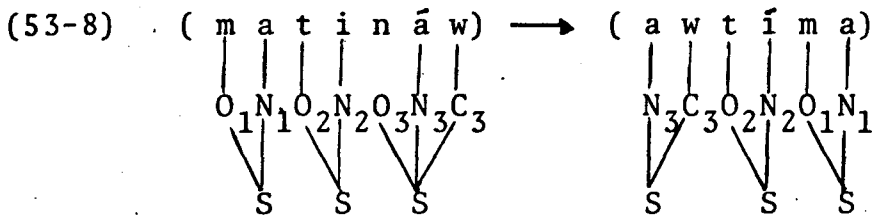
#### ELIPSE DE ONSET



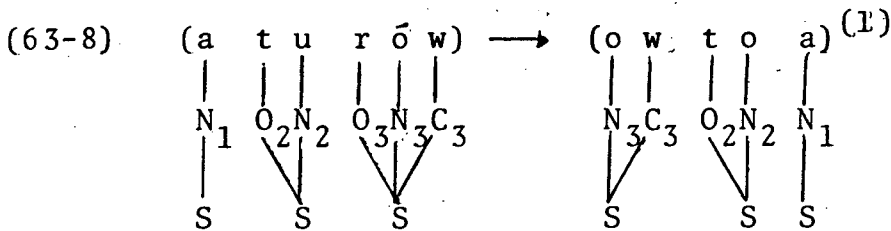
Em (17-8) temos apenas a Elipse de  $O_1$ . A Regra do Jogo não foi aplicada.



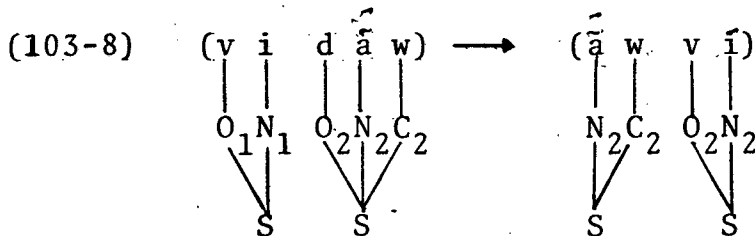
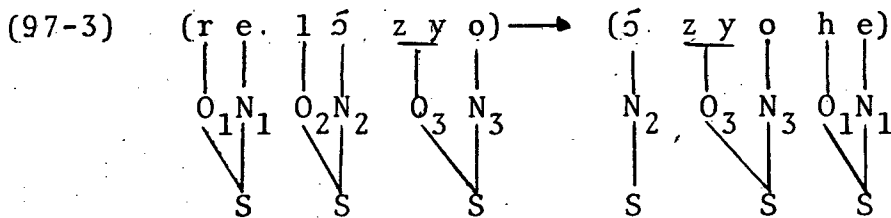
1. A repetição da inversão é produzida com alterações em  $C_1$ , que se reescreve. Ou seja:  $/h/ \rightarrow /r/$ .



A Elipse age, em (63-4), sobre os dois onsets.

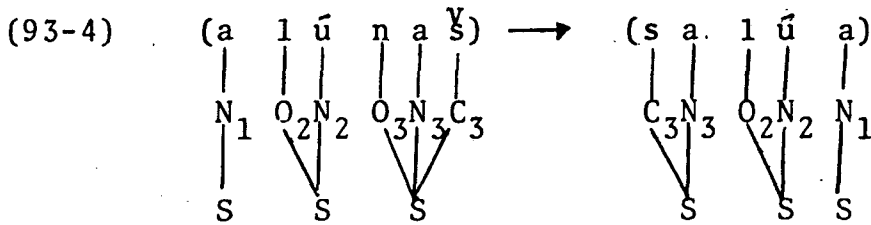


A ação da Elipse ocorre sobre  $O_3$ , que desaparece no output.

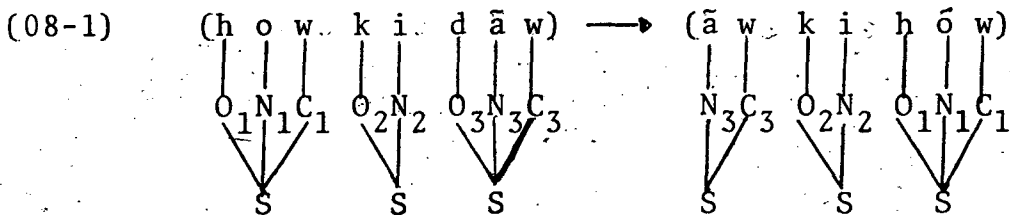


Os dois últimos dados apresentam  $O_2$  elíptico no output.

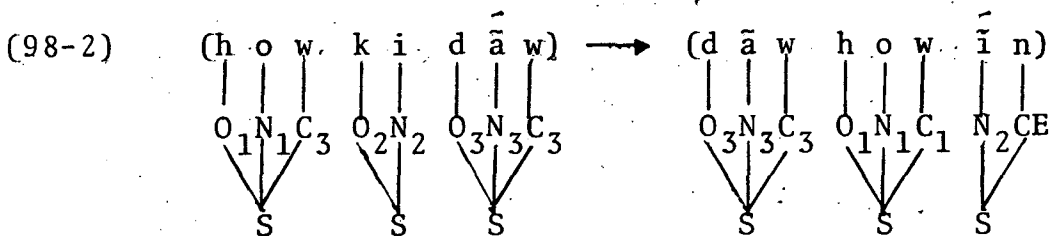
1. O núcleo de  $S_2$  sofre rebaixamento: /u/ → /o/.



A Elipse de  $O_3$  leva o segmento coda a ocupar sua posição no output.



Em (08-1), o informante utilizou a  $RJ_1$ , tornando e líptico  $O_3$ .



A Elipse de  $O_2$  e a utilização da RJ, ou seja,  $S_1 S_2 S_2 \rightarrow S_3 S_1 S_3$ , não impede a Estaticidade do acento tônico e da nasalização. A nasalização de  $N_3$ , que mantém-se Estática, dá origem ao segmento coda nasal ligado a  $N_2$  no output.

Este fato nos leva a crer que, a exemplo do acento tônico, a nasalidade pode manter-se imóvel por sobre o segmento, indiferente à solicitação de inversão da RJ.

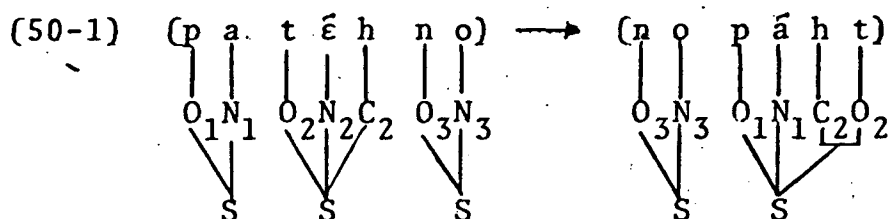
A Elipse age, do mesmo modo que a Reduplicação de Segmentos, sobre onsets, codas e núcleos. Enquanto a Reduplicação altera a estrutura da sílaba pelo acréscimo de segmentos, a

Elipse causa alterações diminuindo o número dos segmentos formadores de sílaba.

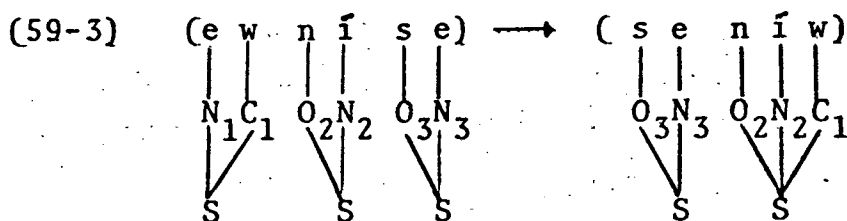
A Elipse de onsets e codas altera a estrutura da sílaba, e o output dos dados que são submetidos a esse processo apresentam uma linha a menos no Esquema Silábico.

Desde que não existe sílaba sem núcleo, sempre que houver Elipse ou perda de núcleo haverá, conseqüentemente, perda de sílaba. Desse modo os segmentos marginais que agrupavam-se junto ao núcleo elíptico, reagrupam-se junto aos núcleos restantes, como se verá nos dados a seguir:

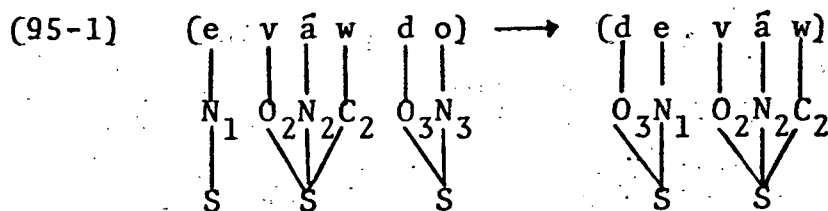
### C - ELIPSE DE NÚCLEOS



A Elipse de  $N_2$  faz com que os segmentos coda e onset em (50-1) reagrupem-se junto ao núcleo de  $S_1$ , formando esses dois segmentos, um coda para  $S_1$  no output.

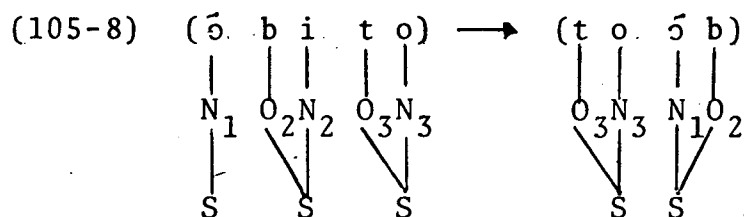


Em (59-3), a perda de  $N_1$  faz com que seu coda li-gue-se a  $S_2$ .



A perda de  $N_3$  leva  $O_3$  a ligar-se a  $N_1$  no output.

Em (105-8), a Elipse de  $N_2$  leva seu onset a agrupar-se junto a  $N_1$ .

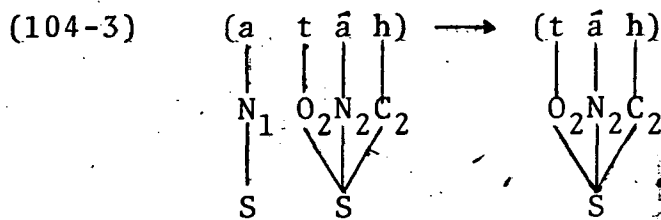
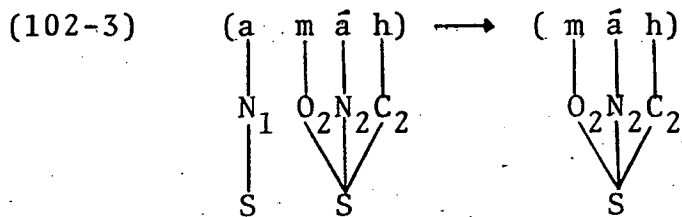
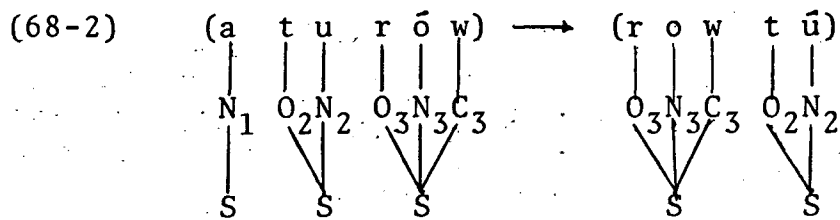
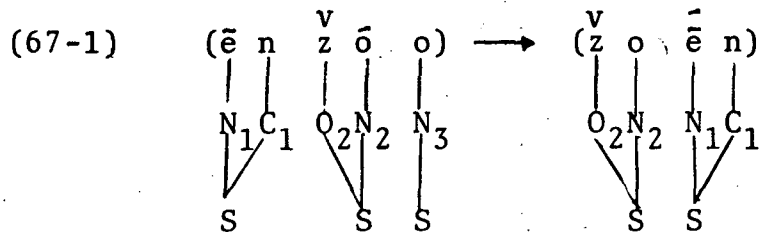


A utilização da linha pontilhada caracteriza mais facilmente os segmentos marginais que reagrupam junto a núcleo existentes pela perda de seu próprio núcleo. Esse reagrupamento diminui o número de sílabas das palavras sujeitas a Elipse de núcleos bem como altera o padrão das sílabas junto as quais os segmentos marginais sem núcleo procuram abrigo. Em outras palavras, um dado cuja estrutura silábica seja do tipo A, ou seja, partes marginais formadas por uma única consoante, podem tornar-se padrões do tipo B, pela perda de um núcleo e o subsequente reagrupamento em torno de núcleos restantes. É o que ocorre em (50-1) — (patêhno) — (CV, CVC, CV̇), que pela Elipse da vogal que ocupa o ápice em  $S_2$ , tendo como resultado no output (nopáht) — (CV, CVCC), ou seja, passa a ser um dissílabo que apresenta uma de suas sílabas com um "cluster".

Do mesmo modo, sílabas que não possuem onsets ou codas podem passar a possuí-las, já que pela perda de um núcleo os segmentos marginais que agrupavam-se junto a ele devem ligar-se a um outro núcleo. (cf. 105-8, 59-3)

Já a Elipse de vogais em sílabas formadas apenas pelo núcleo não causa propriamente uma reestruturação silábica

e sim somente a diminuição do número de sílabas da palavra. É o que ocorre nos dados a seguir:

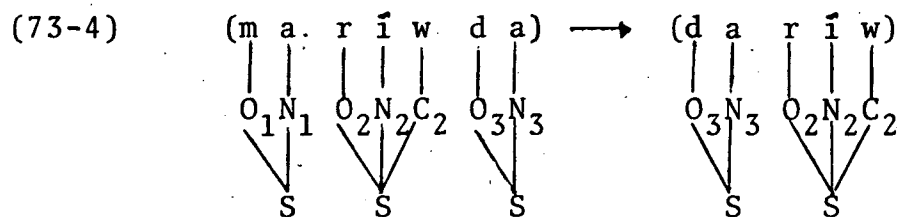


Observou-se que, a exemplo dos outros processos que alteram a estrutura da sílaba, o resultado da ação do processo de Elipse depende do tipo de estrutura silábica e de quais segmentos estão sujeitos à sua ação nessa estrutura.

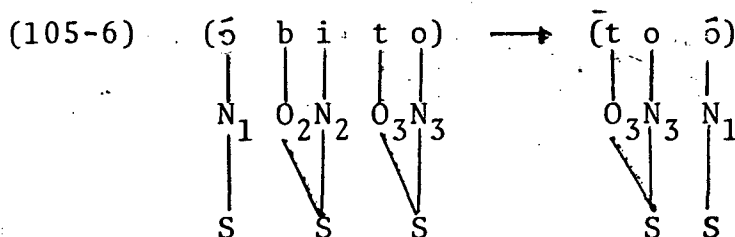
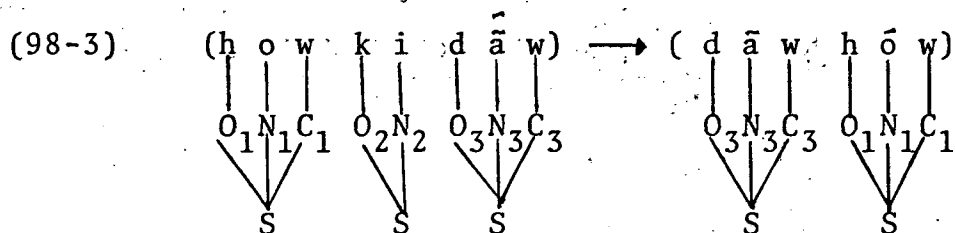
Observou-se, até agora, a ação do Processo de Elipse sobre os segmentos codas, núcleos e onsets. Os dados revelam que, a exemplo do Processo de Estaticidade, a Elipse pode atuar sobre mais de um segmento na sílaba, ou seja, pode tornar

elípticos onsets e núcleos ou núcleos e codas.

D - ELIPSE EM ONSETS E NÚCLEOS

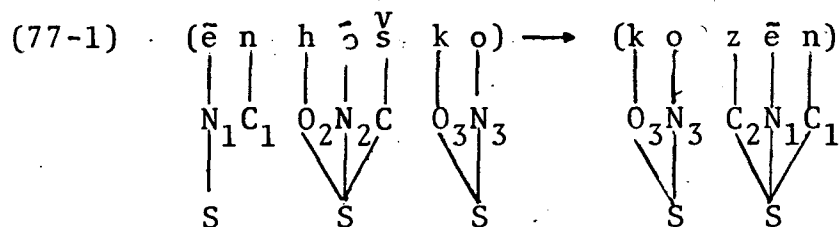


Em (73-4) temos Elipse de  $S_1$  - onset e núcleo.



Os dois últimos dados apresentam elipse de  $S_2$  - onset e núcleo.

Já em (77-1), temos Elipse de onset e núcleo em  $S_2$ , que é travada. Dessa maneira o segmento restante reagrupa-se junto a outro núcleo



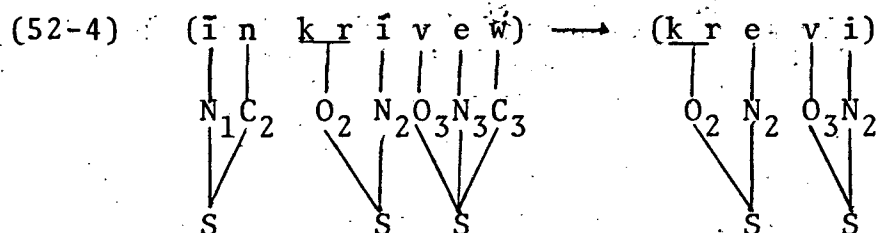
O segmento coda de  $S_2$  sonoriza-se (/s/ → (z/)).



Essa sonorização pressupõe que o informante considera o segmento / $\zeta$ / como /s/, palatalizando-o posteriormente. No output o informante sonoriza o segmento sem levar em conta a palatalização. Além desse fato, o segmento coda restante de  $S_2$  vai ocupar, junto a  $S_1$ , posição de onset.

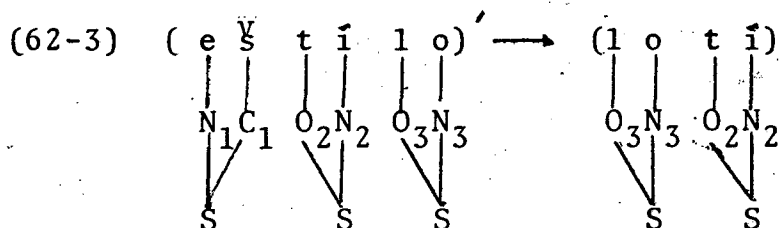
Temos ainda o Processo de Elipse atuando sob núcleo e coda.

### E - ELIPSE DE NÚCLEO E CODA

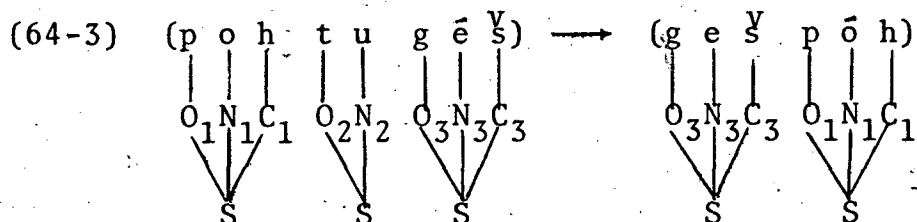


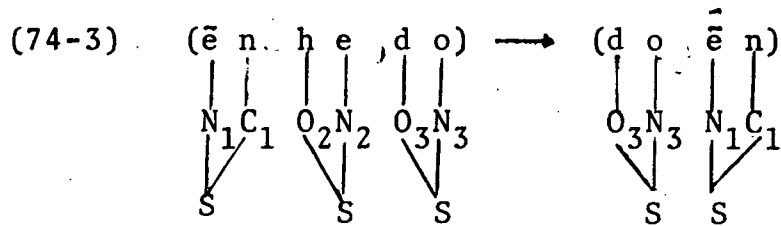
Além da perda de  $S_1$ , núcleo e coda, o informante manteve os onsets restantes Estáticos, aplicando a RJ sobre os núcleos.

Em (62-3), temos perda de  $S_1$ , núcleo e coda:

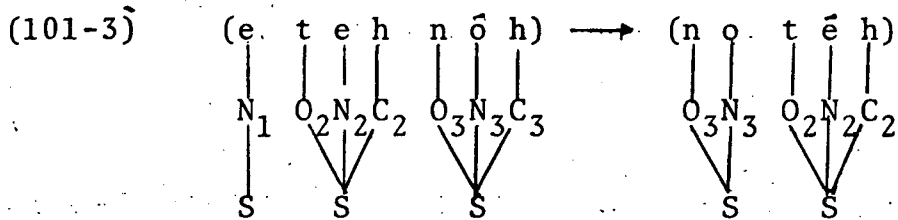


Os dados a seguir apresentam a Elipse de  $S_2$  -núcleo e coda:



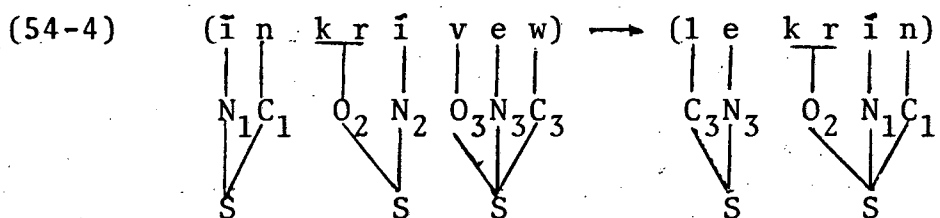


O processo de Elipse atuou, em 101-3 sobre mais de uma sílaba:

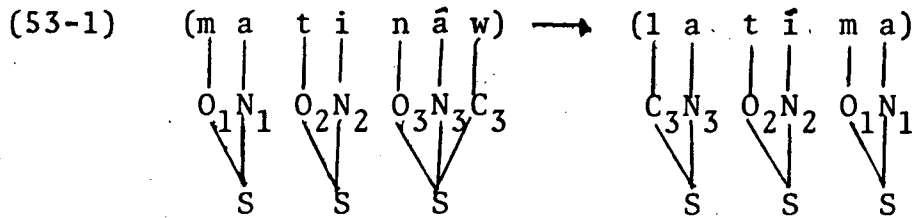


Comparando-se o esquema do input com o do output, observa-se a ausência de duas linhas. Isto significa que temos dois segmentos elípticos: núcleo de S<sub>1</sub> e coda de S<sub>3</sub>. Uma outra possibilidade seria de que C<sub>3</sub> manteve-se Estático e a Elipse atuou sobre C<sub>2</sub>. O resultado, no entanto, seria o mesmo, qualquer que fosse o processo utilizado.

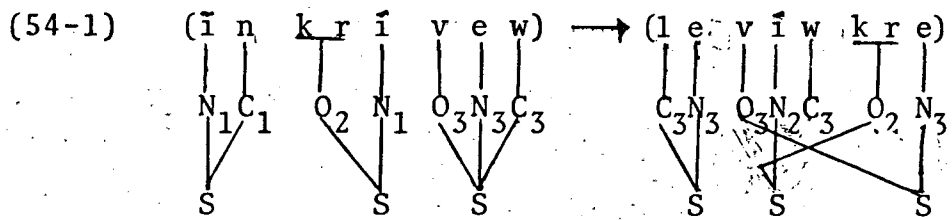
Os dados que possuem sílabas cujo coda é a semivogal /w/, algumas vezes apresentam esse segmento no output como a consoante /l/. Pode-se concluir, desse modo, que o /l/ faz parte da forma subjacente da palavra, sobre o qual é aplicada uma Regra posterior de vocalização deste segmento em posição coda.



Em (54-4), observou-se a Elipse de N<sub>2</sub> e a reagrupação de seu onset junto a N<sub>1</sub>.



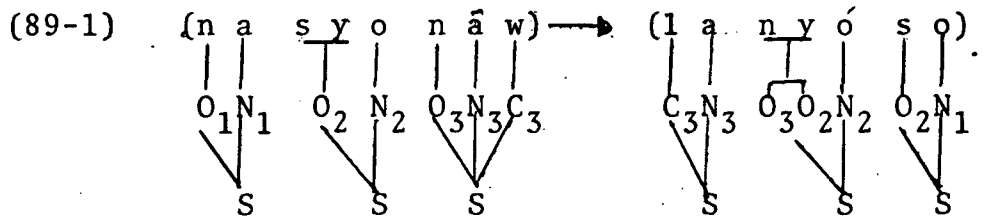
A Elipse de  $O_3$  faz com que  $C_3$  ocupe essa posição e retorne sua condição de consoante /l/.



A Elipse de  $S_1$  em (54-1), aliada à Estaticidade dos núcleos, faz com que a Regra do Jogo se aplique apenas aos segmentos marginais de  $S_2$  e  $S_3$ , que invertem sua posição. Além disso, temos a Reduplicação de  $N_3$  e  $C_3$ , que ocupam a posição de sílaba elíptica. Observa-se que o segmento coda /w/ em posição de onset reassume suas condições de consoante /l/.

O fato de os falantes considerarem o segmento coda /w/ como a consoante /l/ em posição onset pode ser tomada como uma evidência de uma forma subjacente sobre a qual se aplicam regras posteriores que nos apresentam uma forma fonética de superfície diferente da forma subjacente. Isto nos leva a crer que, para esses informantes, a forma subjacente dos itens que possuem segmentos coda representados pela semivogal /w/, na verdade possuem o segmento /l/ nessa posição sobre o qual é aplicada uma regra de vocalização que o transforma, na superfície, em /w/.

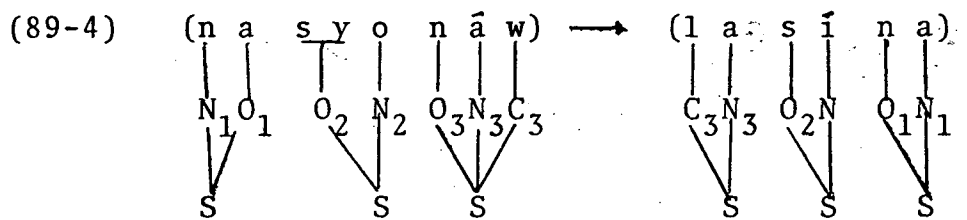
O dado de número (89) apresenta, além da Elipse, outros processos como se verá a seguir:



Temos a Estaticidade agindo sobre o segmento que forma o onset de S<sub>2</sub>. Desse modo, o esquema de output apresenta O<sub>3</sub> e o segundo segmento de O<sub>2</sub> formando um "cluster".

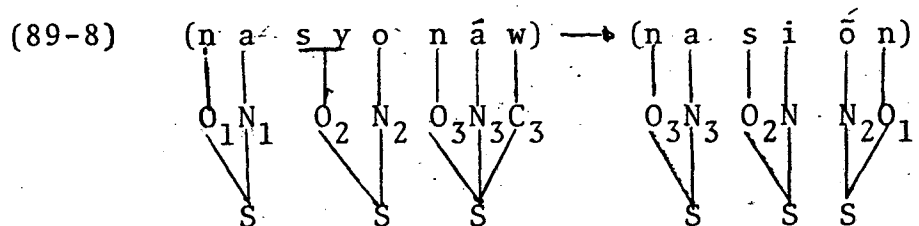
Há ainda o levantamento de N<sub>1</sub> → /a/ → /o/ e o segmento coda de S<sub>3</sub> ocupando posição de onset sendo portanto, reescrito como /l/.

Já em (89-3), a perda de N<sub>2</sub> faz com que a semivogal que ocupa a segunda posição no "cluster" /y/ passe a ser considerada vogal.



Além da Elipse do núcleo de S<sub>2</sub> /o/ e sua substituição pela semivogal /y/, esse dado apresenta também Elipse de onset em S<sub>3</sub> e o segmento coda /w/ ocupando posição de onset (sendo reescrito como /l/).

O informante de número 8 utilizou-se da Elipse e de outros processos, na inversão que realizou no dado número (89) (nasyonãw).



A Elipse de  $C_3$  e do núcleo de  $S_1$  fazem com que esse dado sofra uma reestruturação.

Pela perda do núcleo em  $S_1$ , o segundo segmento do 'cluster' que compõe o onset de  $S_2$  passa a ser considerado silábico e a formar, juntamente com o onset cujo núcleo sofreu o processo de Elipse, uma nova sílaba.

Pode-se concluir o estudo do Processo de Elipse dizendo que todos os segmentos podem sofrer sua ação — onsets, núcleos e codas.

A perda de segmentos de uma sílaba ocasiona uma reestruturação na sílaba que envolve os segmentos marginais e sua posição junto aos núcleos, e ainda a alteração de traços desses segmentos em busca de uma estrutura considerada mais adequada pelos falantes que fizeram uso desse processo. (Exceção: 51-1 - patéhno → nopáht.)

4. PROCESSOS (II) QUE ALTERAM  
TRAÇOS DE SEGMENTOS.

4.

### PROCESSOS QUE ALTERAM TRAÇOS DE SEGMENTOS

Além dos Processos de Estaticidade, de Reduplicação, de Ambissilabidade, de Epêntese e de Elipse que foram abordados até agora, e que agem de modo a alterar a estrutura das sílabas, o corpus apresenta processos que alteram traços de segmentos formadores de sílabas.

Esses processos podem, por sua vez, serem divididos de acordo com o tipo de ação que exercem e sobre quais segmentos, ou seja, se atuam sobre o núcleo ou sobre as partes marginais que compõem a sílaba.

Dentre os Processos que alteram os traços do núcleo, temos:

- a. Levantamento vocálico
- b. Rebaixamento vocálico
- c. Nasalização
- d. Desnasalização

Os Processos que alteram traços dos segmentos marginais são:

- e. Alternância de /l/ - /w/
- f. Palatalização de nasal
- g. Alternância de /h/ - /r/
- h. Alternância de /s/ - /š/.

Uma vez que não alteram a estrutura da sílaba, esses processos não deveriam causar alterações no resultado da reaplicação dos RJ sobre os outputs. Porém cada alteração de traços corresponde a uma alteração nos segmentos que compõem a

estrutura silábica: Isto quer dizer que esses processos alteram os segmentos que ocupam, na estrutura da sílaba, posição de onset, núcleo ou coda; sem que se altere as posições desses segmentos, aplicadas as Regras do Jogo. Porém a alteração dos traços é sentida a nível da sílaba e da palavra.

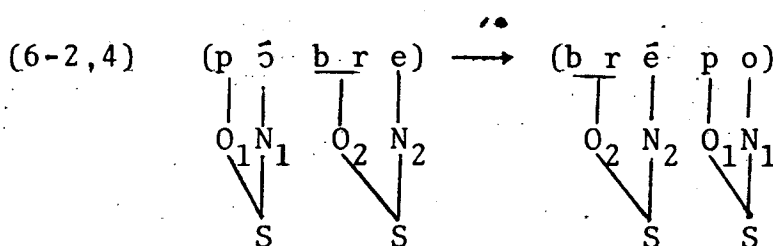
O jogo de inversão silábica, como o nome já diz, consiste na inversão de sílabas que formam palavras. Essas sílabas, por sua vez, são formadas por onsets, núcleos e codas, e até esse nível procurou-se fazer um estudo com maior profundidade.

Os processos que alteram traços de segmentos são, sem sombra de dúvida, importantes para lançar luzes sobre diversas questões da Fonologia.

A título de ilustração, listaremos itens que apresentam Processos que alteram traços de segmentos:

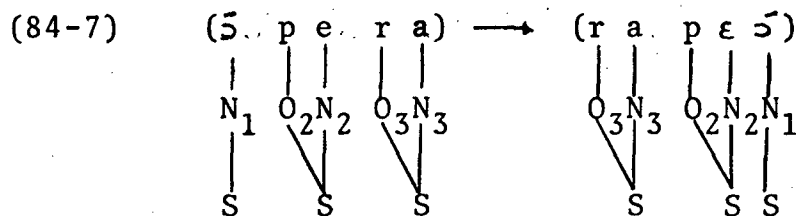
Processos que atuam sobre o núcleo silábico

#### 4.a. LEVANTAMENTO VOCÁLICO



Observa-se que o núcleo silábico de  $S_1$  é levantado, realizando-se no input /ɔ/ e no output /o/. Ou seja, algumas vezes os falantes produzem vogais mais altas no output. Ocorre também o processo contrário, quando as vogais são mais altas no input e sofrem rebaixamento no output:

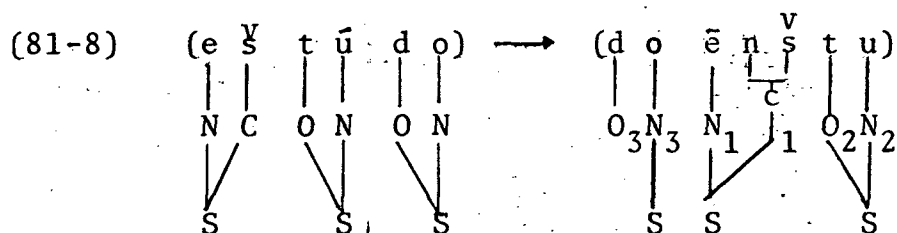


4. b. REBAIXAMENTO VOCÁLICO

O núcleo de S<sub>2</sub> é rebaixado, sendo produzido, no output como /ε/. Ou seja, há alteração do núcleo vocálico em S<sub>2</sub>.  
(/e/ → /ε/)

c. NASALIZAÇÃO

A nasalização é decorrência da aplicação de outro processo, o da Epêntese de segmento nasal. A inserção de um segmento nasal após o núcleo, isto é, em posição coda, nasaliza o segmento imediatamente anterior.

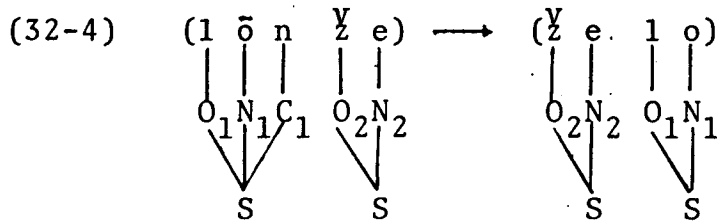


De acordo com o afirmado com referência à Epêntese, o segmento nasal epentético é inserido após o núcleo. Caso haja coda presente, este, "abre espaço" formando um "cluster", como em 81-8.

d. DESNASALIZAÇÃO

A desnasalização é, como a nasalização, decorrente de outro processo. A perda do segmento coda nasal, ou seja,

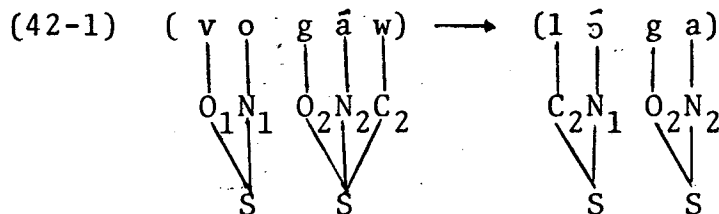
Elipse pode ocasionar a desnasalização do núcleo ao qual estava ligado.



Presume-se aqui que o uso dos processos utilizados pelo informante tenha seguido uma ordem em que a Elipse é anterior à desnasalização, já que ocorrem casos (ver Elipse de coda) em que, apesar da Elipse do segmento coda nasal, o núcleo ao qual este era ligado, permanece nasalizado.

e. ALTERNÂNCIA DE /l/ ~ /w/

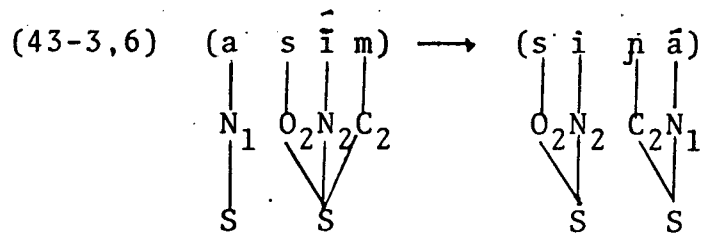
Também os segmentos marginais podem ter seus traços alterados. É o que ocorre com o segmento /l/ em posição coda, que é produzido como /w/. Observa-se que se este segmento ocupar, no output, posição de onset, realiza-se como /l/ e não como a semivogal /w/.



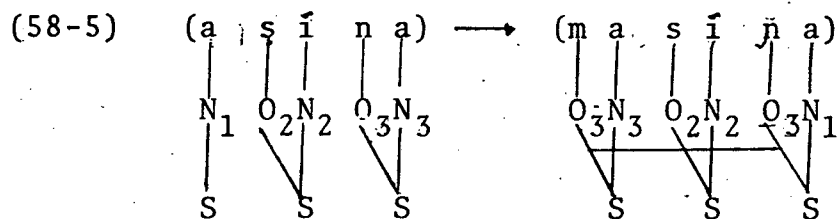
A Elipse de  $O_1$ , aliada à Estaticidade dos núcleos, faz com que  $C_2$  ocupe posição de onset. Observa-se que nesse posição o segmento reassume seus traços de consoante lateral.

f. PALATALIZAÇÃO DE NASAL

Ocorre algumas vezes a palatalização do segmento na sal:

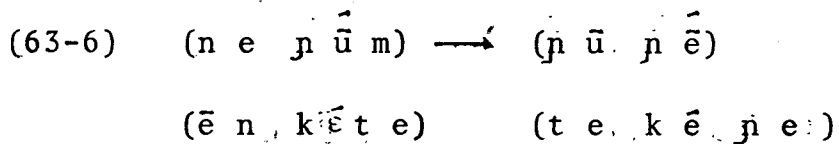


A aplicação da RJ sobre esse dissílabo permitiu que o segmento vocálico /i/ atuasse sobre C<sub>2</sub>, segmento nasal, (que une-se ao N<sub>1</sub> formando nova sílaba) palatalizando-o. O mesmo ocorre no caso a seguir:



A reduplicação do segmento não impede sua palatalização.

Outros dois dados apresentaram palatalização:

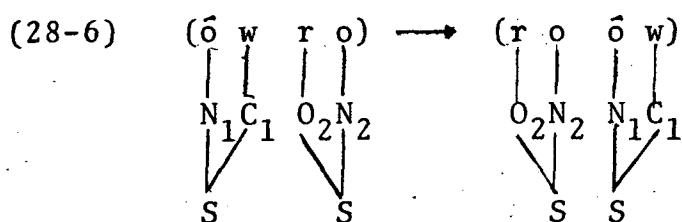
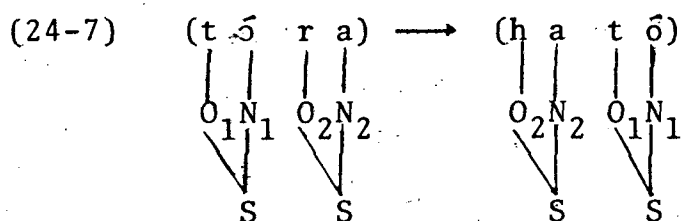
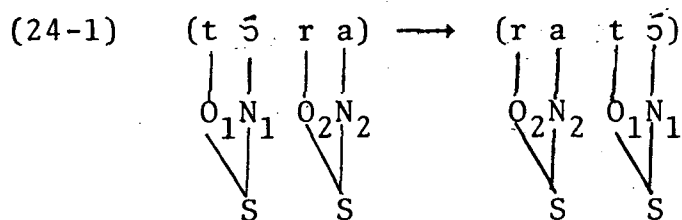
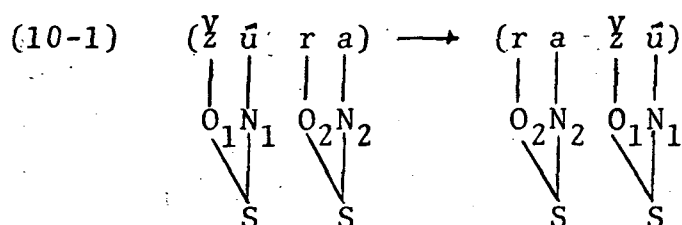


Todos os processos que alteram traços de segmentos na Inversão Silábica necessitariam de um estudo mais detalhado, pois são aqui apenas detectados sem que se aprofundem considerações a respeito. Apesar disso, demonstram uma certa uniformidade quanto às suas possibilidades de atuação, e essas alterações de traços podem, se tratadas adequadamente, ser utilizadas como fontes de evidência externa da atuação de determinados processos fonológicos correntes na língua.

g. ALTERNÂNCIA DE /h/ - /r/.

Os informantes usam com maior frequência /h/ em posição de onset de sílaba inicial ou como coda. O /r/ é utilizado em onsets de sílabas mediais. Algumas vezes a inversão provocada pelas RJ faz com que onsets de sílabas mediais passem a onsets de sílabas iniciais de palavra. E é esse fato que torna alguns segmentos onsets /r/ em /h/.

Porém esse processo não tem uma produtividade absoluta, já que algumas vezes o segmento mantém-se com as mesmas características do input.

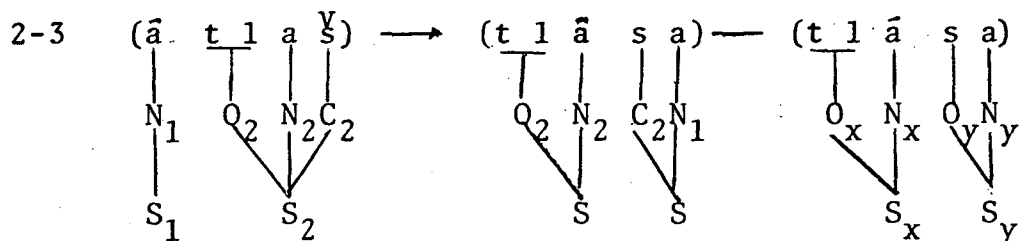


Esses exemplos ilustram o que foi afirmado anteriormente em relação à alternância /h/ -/r/. O /R/ é utilizado com pouca frequência e o processo é semelhante à alternância /h/-/r/ (cf. 28-6).

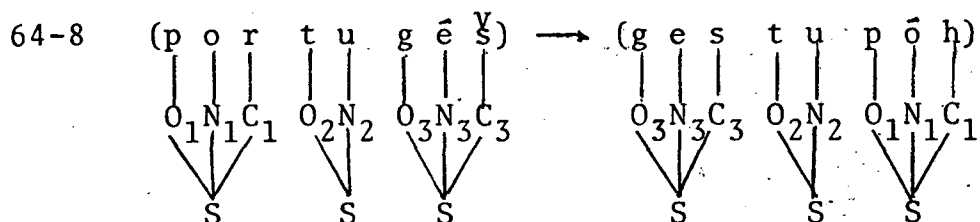
#### h. ALTERNÂNCIA DE /s/ -/ʃ/

A palatalização do /s/ em posição coda pode ser considerada inclusive marca dialetal, já que a maioria dos falantes florianopolitanos utilizam esse processo.

A aplicação das RJ ou a utilização de outros processos quando da inversão podem bloquear essa palatalização. É o que ocorre nos dados a seguir:



Nesse dado, C<sub>2</sub> ocupa posição de onset, já que o informante procedeu a partição silábica dessa maneira. É esse fato que impede a palatalização do /s/, já que este não possui mais as condições necessárias para ser palatalizado, ou seja, não ocupa posição coda na estrutura silábica.



Observa-se que coda de S<sub>3</sub> é um segmento palatal :

/ʃ/. No entanto, aplicada a RJ<sub>1</sub>, o falante produz o segmento sem o traço palatal. Um estudo específico dessa alternância em que as variáveis sociolinguísticas fossem controladas mais rigidamente com certeza abriria novas perspectivas a respeito desse fenômeno, já que o informante de número oito é filho de pais que sistematicamente não utilizam a palatalização.

Com relação aos Processos que alteram traços do segmento vocálico, ou seja, do núcleo silábico, seriam necessários mais dados e um "debruçar mais atento" sobre eles. São dessa maneira se teriam condições para tentar esboçar conclusões a respeito de como agem esses processos.

A respeito dos Processos que alteram traços de segmentos marginais, pode-se concluir que a alternância de traços, na maioria das vezes, é provocada pelo próprio contexto onde esses segmentos ocorrem, ou pela posição ocupada na estrutura silábica.

Porém essas afirmações são feitas com ressalvas já que existem dados (cf. II, h; 64-8) em que nem a posição nem o contexto forneceriam elementos que corroboram o que foi anteriormente afirmado.

Os dados do corpus são formados de maneira heterogênea, com oito padrões silábicos do português combinados entre si e com a utilização da maioria dos segmentos possíveis de ocupar as posições de onset, núcleo e coda, bem como formar "clusters". A diversidade de padrões silábicos e de tipos de segmentos utilizados nesses padrões transforma o corpus, composto por cento e nove palavras, em um corpus piloto, que pode ser

visto como indicador de processos fonológicos utilizáveis não apenas em jogos lingüísticos como também no uso da língua pelos falantes em condições normais.

Em contrapartida, oito informantes apenas indicam caminhos a serem seguidos. Demonstram a diversidade existente na utilização dos processos e apesar de servirem como meros indicadores, mostram-se capazes de se opor à tese de Chomsky (65) "um falante-ouvinte ideal, numa comunidade lingüística homogênea. "A variação apresentada pelos falantes na utilização dos processos vai de encontro à tese de competências reais variáveis, defendida por Labov, Sankoff, Sherzer (70-76), entre outros.

A utilização de um jogo lingüístico que envolva a permuta ou inversão silábica como fonte de evidência a respeito da produtividade dos processos fonológicos ou como evidências externas de representações subjacentes é válida, uma vez que "envolve a criação de um código lingüístico baseado na linguagem usual empregada comumente e derivados da língua por uma série de regras definíveis" (Sherzer 76:19-20).

O objetivo primeiro desse trabalho, testar a produtividade das regras ou processos fonológicos utilizados pelos falantes do português, revelou-se ambicioso demais, levando em conta as observações feitas em relação ao corpus trabalhado e ao número de informantes utilizado.

Porém a utilização de todos os processos foi tabuada e esses resultados, se comparados, nos mostram a preferência dos informantes por determinados processos em detrimento de outros. A parte do trabalho que antes ousávamos chamar de

produtividade, passará a ser vista a seguir, como uma forma de se identificar os processos utilizados pelos falantes no jogo de inversão silábica, bem como a preferência dos falantes em relação a eles, através de tabela que indica os processos e seu uso ou não pelos informantes.



## Processos detectados no Jogo de Inversão Silábica

Informantes								
Processos utilizados	1	2	3	4	5	6	7	8
1. Utilização da RJ <sub>0</sub> permitindo reaplicação	4	26	23	15	34	28	17	35
2. Utilização do RJ <sub>1</sub> permitindo reaplicação	13	8	22	42	45	45	51	40
3. Utilização da RJ <sub>2</sub> permitindo reaplicação	3	1	4	0	1	1	0	0
4. Utilização da RJ <sub>3</sub> permitindo reaplicação	8	40	14	4	3	2	1	9
5. Utilização da RJ <sub>4</sub> permitindo reaplicação	0	0	0	0	0	0	0	0
6. Utilização da RJ <sub>5</sub> permitindo reaplicação	4	4	4	4	1	4	4	4
7. Não utilização da RJ em tris sílabos	5	0	3	3	0	0	0	0
8. Trissílabos proparoxítonos com acento tônico Estático (RJ <sub>5</sub> )	0	0	0	0	0	0	0	0
9. Trissílabos proparoxítonos com acento tônico Estático (RJ <sub>4</sub> )	0	0	0	0	0	0	0	0
10. Trissílabos proparoxítonos com acento tônico Estático (RJ <sub>3</sub> )	0	0	0	0	0	0	0	0
11. Trissílabos proparoxítonos com acento tônico Estático (RJ <sub>2</sub> )	0	0	0	0	0	0	0	0
12. Trissílabos proparoxítonos com acento tônico Estático (RJ <sub>1</sub> )	1	0	0	0	0	3	0	2
13. Trissílabos oxítonos com acento tônico Estático (RJ <sub>5</sub> )	0	0	0	0	0	0	0	0
14. Trissílabos oxítonos com acento tônico Estático (RJ <sub>4</sub> )	0	0	0	0	0	1	0	0
15. Trissílabos oxítonos com acento tônico Estático (RJ <sub>3</sub> )	0	0	0	0	0	0	0	0
16. Trissílabos oxítonos com acento tônico Estático (RJ <sub>2</sub> )	2	6	0	0	0	0	0	2

17. Trissílabos oxítonos com acento tônico Estático (RJ <sub>1</sub> )	4	1	1	5	8	1	9	4
18. Trissílabos Paroxítonos com acento tônico Estático (RJ <sub>5</sub> )	2	0	1	0	0	0	0	0
19. Trissílabos Paroxítonos com acento tônico Estático (RJ <sub>4</sub> )	5	0	0	0	1	0	0	0
20. Trissílabos Paroxítonos com acento tônico Estático (RJ <sub>3</sub> )	0	0	0	0	0	0	0	0
21. Trissílabos Paroxítonos com acento tônico Estático (RJ <sub>2</sub> )	4	6	5	1	0	2	0	0
22. Trissílabos Paroxítonos com acento tônico Estático (RJ <sub>1</sub> )	12	0	11	20	6	20	0	7
23. Dissílabos oxítonos com acento tônico Estático	7	6	6	6	10	5	10	8
24. Dissílabos paroxítonos com acento tônico Estático	35	13	6	13	3	6	17	3
25. Núcleos Estáticos	8	0	0	1	1	0	1	0
26. Núcleo e Coda Estáticos	4	0	0	0	0	0	0	0
27. Onset e Núcleos Estáticos	2	1	0	1	0	0	1	2
28. Onset Estático	4	0	0	1	0	0	0	0
29. Coda Estático	9	1	4	10	2	2	8	0
30. Reduplicação: O. de S final como O de S <sub>1</sub>	2	0	2	1	0	1	0	0
31. Reduplicação: C. de S final como O de S <sub>1</sub>	2	2	1	1	0	0	0	1
32. Reduplicação: Coda reduplicado	0	0	0	0	0	0	3	3
33. Reduplicação: Núcleo reduplicado	1	1	0	0	0	0	0	0
34. Reduplicação: Onset como C em S final	0	0	1	0	0	0	1	0
35. Ambissilábicos	0	1	0	3	3	2	1	0
36. Epêntese de segmento vocálico (Núcleo) no Input	3	5	4	1	4	3	0	2
37. Epêntese de segmento vocálico (Núcleo) no Output	1	2	1	2	4	5	0	0

38. Epêntese de segmento nasal (coda)	0	0	0	0	1	0	0	2
39. Elipse de segmento nasal (coda)	2	1	1	2	4	3	1	3
40. Elipse de Onset	1	1	2	1	0	0	1	4
41. Elipse de coda	1	5	3	3	1	3	1	2
42. Levantamento vocálico	10	5	4	7	1	1	7	2
43. Rebaixamento vocálico	6	2	0	5	0	2	2	1
44. Nasalização	1	2	1	2	0	0	0	0
45. Desnazalização	3	0	2	2	1	0	1	1
46. Palatalização de nasal	0	0	1	0	3	2	0	0
47. Alternância /l/ w/	4	0	0	1	0	0	1	1
48. Despalatalização de /ʎ/	0	1	1	2	1	2	1	1
49. /h/ como onset de S <sub>1</sub> (input)	4	4	4	4	4	4	4	4
50. /h/ como onset de S <sub>1</sub> (output)	2	3	3	3	3	3	3	3
51. /h/ como onset de S <sub>2</sub> (3) (input)	3	3	3	3	3	3	3	3
52. /h/ como onset de S <sub>2</sub> (3) (output)	6	6	4	6	5	5	5	6

5. CONCLUSAO

## 5. CONCLUSÃO

Esse tipo de estudo, que pode ser rotulado como experimental, demonstra que os mecanismos utilizados pelos falantes nem sempre possuem a mesma produtividade, dada a variação existente em sua utilização.

Observou-se que os falantes algumas vezes utilizam mecanismos que impedem a aplicação da Regra do Jogo. Dentre esses mecanismos, apenas um não possui referências bibliográficas— o Processo de Estaticidade. Os outros mecanismos ou Processos atuantes no jogo de inversão já foram longamente estudados em inúmeras ocasiões, e os dados oferecem evidências a respeito das afirmações emitidas em relação a eles. Por serem Processos já estudados, são apenas citados aqui, uma vez que chama a atenção o fato de sua utilização não ser constante, mesmo quando se esperava sua presença.

O pequeno número de informantes e a multiplicidade de padrões silábicos utilizados dilui a força dessa afirmação, uma vez que reduz a possibilidade de ocorrência de todos os processos. Apesar disso, um pequeno número de informantes demonstrou uma grande frequência de variação na utilização dos Processos. Conseqüentemente, aumentando-se o número de informantes e controlando-se mais rigidamente os dados a fim de se observar a ação do processo a ser estudado, esse tipo de trabalho é capaz de fornecer evidências a respeito dos Processos fonológicos subjacentes.

Cada falante demonstrou uma preferência maior por determinados tipos de Processos. Abaurre-Gnerre(79) observou esse fato denominando-o de "idiossincrasias".

A variação existente na utilização dos Processos fonológicos possíveis no português, tanto entre indivíduos como pelo mesmo indivíduo em contextos semelhantes, faz com que se conclua ser ousado afirmar categoricamente que este ou aquele processo tem 100% de produtividade. Apenas um dado, dos cento e nove oferecidos aos informantes, apresentou esse índice, já que todos procederam da mesma maneira na inversão (44- dú.pla → pla.dú).

A ação de Processos como Estaticidade, em alguns casos, leva a crer que os falantes nem sempre consideram a sílaba como unidade mínima, e sim o segmento.

Os jogos lingüísticos ou estudos experimentais oferecem muito mais evidências a respeito da realidade psicológica do falante do que as que foram detectadas aqui. Esse é um trabalho pobre, se observada a riqueza de elementos que o corpus oferece e que foram aqui, quando muito, apenas descobertos, sem que o filão tenha sido realmente explorado.

6. A N E X O S

CORPUS SUBMETIDO AO PROCESSO DE INVERSÃO

---

- |            |              |
|------------|--------------|
| 1. rapê    | 28. ouro     |
| 2. atlas   | 29. Selma    |
| 3. peça    | 30. éter     |
| 4. vilca   | 31. triplo   |
| 5. meigo   | 32. longe    |
| 6. pobre   | 33. raro     |
| 7. dourar  | 34. varrer   |
| 8. bumbo   | 35. Erma     |
| 9. trança  | 36. nota     |
| 10. jura   | 37. filô     |
| 11. Edna   | 38. café     |
| 12. digno  | 39. sobre    |
| 13. sigla  | 40. língua   |
| 14. preto  | 41. curso    |
| 15. tocha  | 42. vogal    |
| 16. grosso | 43. assim    |
| 17. molho  | 44. dupla    |
| 18. cada   | 45. naba     |
| 19. ciclo  | 46. crise    |
| 20. cravo  | 47. apto     |
| 21. cano   | 48. vulgar   |
| 22. lixo   | 49. mentir   |
| 23. mirna  | 50. paterno  |
| 24. tora   | 51. platina  |
| 25. chula  | 52. étnico   |
| 26. porta  | 53. matinal  |
| 27. grande | 54. incrível |



- |               |               |
|---------------|---------------|
| 55. tônica    | 82. técnica   |
| 56. médico    | 83. vibrante  |
| 57. posição   | 84. ópera     |
| 58. acima     | 85. ventoso   |
| 59. Eunice    | 86. Dalvina   |
| 60. palavra   | 87. urubu     |
| 61. opala     | 88. pássaro   |
| 62. estilo    | 89. nacional  |
| 63. nenhum    | 90. reveja    |
| 64. português | 91. inversão  |
| 65. escravo   | 92. barulho   |
| 66. maleta    | 93. alunas    |
| 67. enjôo     | 94. óbulo     |
| 68. aturou    | 95. Evaldo    |
| 69. buraco    | 96. volume    |
| 70. verdinho  | 97. indústria |
| 71. vitória   | 98. rouquidão |
| 72. europa    | 99. querida   |
| 73. Marilda   | 100. meter    |
| 74. enredo    | 101. eternor  |
| 75. matagal   | 102. amar     |
| 76. enquete   | 103. vidão    |
| 77. enrosco   | 104. atar     |
| 78. dezenho   | 105. óbito    |
| 79. relógio   | 106. incluso  |
| 80. opera     | 107. pranto   |
| 81. estudo    | 108. compacto |
|               | 109. mauá     |
-

## 1. ha.pē

1. (ha.pē) → (pē.ha) → (pē.ha)
2. (ha.pē) → (pē.ha) → (pē.ha)
3. (ha.pē) → (pē.ha) → (pē.ha)
4. (ha.pē) → (pē.ha) → (pē.ha)
5. (ha.pē) → (pē.ha) → (pē.ha)
6. (ha.pē) → (pē.ha) → (pē.ha)
7. (ha.pē) → (pē.ha) → (pē.ha)
8. (ha.pē) → (pē.ha) → (pē.ha)

## 2. ā.tlas

1. (ā.tlas<sup>V</sup>) → (tā.las<sup>V</sup>) → (tā.las<sup>V</sup>)
2. (ā.tlas<sup>V</sup>) → (tlā.sa) → (tlā.a)
3. (ā.tlas<sup>V</sup>) → (tlā.sa) → (tlā.sa)
4. (ā.tlas<sup>V</sup>) → (saw.a) → (saw.ta)
5. (ā.tlas<sup>V</sup>) → (tlās.a) → (tlās.a)
6. (ā.tlas<sup>V</sup>) → (tlas.ās<sup>V</sup>) → (tlas.ās<sup>V</sup>)
7. (ā.tlas<sup>V</sup>) → (zā.tla) → (zā.tla)
8. (ā.tlas<sup>V</sup>) → (tlas.ā) → (tlas.ā)

## 3. ōy.sa

1. (ōy.sa) → (sō.ya) → (sō.ya)
2. (ōy.sa) → (sā.ya) → (sā.ya)
3. (ōy.sa) → (say.ōs<sup>V</sup>) → (say.ōs<sup>V</sup>)
4. (ōy.sa) → (a.sīw) → (a.sīw)
5. (ōy.sa) → (sā.yo) → (sa.yo)
6. (ōy.sa) → (sā.ōy) → (sa.ōy)
7. (ōy.sa) → (sāy.o) → (sā.yo)
8. (ōy.sa) → (sa.ōy) → (sa.ōy)

## 4. víw.ka

1. (víw.ka) → (kāw.vi) → (kāw.vi)
2. (vīm.ka) → (ka.vīw) → (ka.vīw)
3. (víw.ka) → (ka-vīw.ka) → (ka.vīw.ka)
4. (víw.ka) → (ka.vīw) → (ka.vīw)
5. (víw.ka) → (ka.īw.ka) → (ka.īw.va)
6. (víw.ka) → (ka.vīw) → (ka.vīw)
7. (víw.ka) → (ka.īw) → (ka.īw)
8. (víw.ka) → (ka.vīw) → (ka.vīw)

## 5. méy.go

1. (méy.go) → (gōy.me) → (gōy.me)
2. (méy.go) → (go.méy) → (go.méy)
3. (méy.go) → (go.ī.go) → (go.ī.go)
4. (méy.go) → (gōy.me) → (gōy.me)
5. (méy.go) → (gōy.me) → (gōy.me)
6. (méy.go) → (gōy.me) → (go.méy)
7. (méy.go) → (gōy.me) → (gōy.me)
8. (méy.go) → (go.méy) → (go.méy)

## 6. pō.bre

1. (pō.bre) → (brē.po) → (brē.po)
2. (pō.bre) → (brē.po) → (brē.po)
3. (pō.bre) → (bre.pō) → (bre.pō)
4. (pō.bre) → (bre.po) → (bre.po)
5. (pō.bre) → (bre.pō) → (bre.pō)
6. (pō.bre) → (be.pō) → (be.pō)
7. (pō.bre) → (bre.pō) → (bre.pō)
8. (pō.bre) → (bre.pō) → (bre.pō)

## 7. dow.rār

1. (dow.rāh) → (rār.dow) → (hār.dow)
2. (dow.rāh) → (ha.dōw ) → (ha.dōw)
3. (dow.rāh) → (rāh.dow) → (rāh.dow)
4. (dow.rāh) → (hāw.do ) → (hāw.do)
5. (dow.rāh) → (har.dōw) → (har.dōw)
6. (dow.rāh) → (rāh.dow) → (rāh.dow)
7. (dow.rār) → (Rar.dōw) → (Rar.dōw)
8. (dow.rār) → (ra.dōw ) → (ra.dōw)

## 8. būm.bo

1. (būm.bo) → (bōm.bu) → (bōm.bu)
2. (būm.bo) → (bom.būm) → (bo.būm)
3. (būm.bo) → (bō.būm) → (bō.būm)
4. (būm.bo) → (bō.būm) → (bō.būm)
5. (būm.bo) → (bo.būm) → (bo.būm)
6. (būm.bu) → (būm.būm) → (bu.būm)
7. (būm.bu) → (bōm.bu) → (būm.bu)
8. (būm.bo) → (bo.būm) → (bo.būm)

## 9. Trān.sa

1. (trān.sa) → (sān.trā) → (sān.trā)
2. (trān.se) → (sa-trān) → (sa.trān)
3. (trān.sa) → (sān.trā) → (sān.trā)
4. (trān.sa) → (sān.trā) → (sān.trā)
5. (trān.sa) → (sa.trān) → (sa.trān)
6. (trān.sa) → (sā.trā ) → (sā.trā)
7. (trān.sa) → (sān.trā) → (sān.trā)
8. (trān.sa) → (sa.trā ) → (sa.trā)

## 13. Sígla

- |             |   |          |   |          |
|-------------|---|----------|---|----------|
| 1. (sí.ḡla) | → | (glí.sa) | → | (glí.sa) |
| 2. (sí.gla) | → | (gla.sí) | → | (gla.sí) |
| 3. (sí.gla) | → | (gla.sí) | → | (gla.sí) |
| 4. (sí.gla) | → | (gla.sí) | → | (gla.sí) |
| 5. (sí.gla) | → | (gla.sí) | → | (gla.sí) |
| 6. (sí.gla) | → | (gla.sí) | → | (gla.sí) |
| 7. (sí.gla) | → | (glá.si) | → | (glá.si) |
| 8. (sí.gla) | → | (gla.sí) | → | (gla.sí) |

## 14. pré.to

- |             |   |          |   |          |
|-------------|---|----------|---|----------|
| 1. (pré.to) | → | (tō.pre) | → | (tō.pre) |
| 2. (pré.to) | → | (tō.pre) | → | (to.prē) |
| 3. (pré.to) | → | (tō.pre) | → | (tō.pre) |
| 4. (pré.to) | → | (tō.pre) | → | (to.prē) |
| 5. (pré.to) | → | (tō.pre) | → | (to.prē) |
| 6. (pré.to) | → | (tō.pre) | → | (to.prē) |
| 7. (pré.to) | → | (tō.pre) | → | (tō.pre) |
| 8. (pré.to) | → | (tō.pre) | → | (to.prē) |

## 15. tō.ṽa

- |            |   |         |   |         |
|------------|---|---------|---|---------|
| 1. (tō.ṽa) | → | (ṽō.ta) | → | (ṽō.ta) |
| 2. (tō.ṽa) | → | (ṽa.tō) | → | (ṽa.tō) |
| 3. (tō.ṽa) | → | (ṽa.tō) | → | (ṽa.tō) |
| 4. (tō.ṽa) | → | (ṽā.tō) | → | (ṽa.tō) |
| 5. (tō.ṽa) | → | (ṽa.tō) | → | (ṽā.tō) |
| 6. (tō.ṽa) | → | (ṽā.tō) | → | (ṽā.tō) |
| 7. (tō.ṽa) | → | (ṽā.tō) | → | (ṽā.tō) |
| 8. (tō.ṽa) | → | (ṽā.tō) | → | (ṽā.tō) |

## 16. grō.so

- |             |   |          |   |          |
|-------------|---|----------|---|----------|
| 1. (grō.so) | → | (sō.gro) | → | (so.grō) |
| 2. (grō.so) | → | (sō.gro) | → | (sō.grō) |
| 3. (grō.so) | → | (sō.grō) | → | (so.grō) |
| 4. (grō.so) | → | (so.grō) | → | (so.grō) |
| 5. (grō.so) | → | (so.grō) | → | (so.grō) |
| 6. (grō.so) | → | (so.grō) | → | (so.grō) |
| 7. (grō.so) | → | (so.grō) | → | (so.grō) |
| 8. (grō.so) | → | (so.grō) | → | (so.grō) |

## 17. mō.λο

- |             |   |          |   |         |
|-------------|---|----------|---|---------|
| 1. (mō.λο)  | → | (λō.m )  | → | (λō.mo) |
| 2. (mō.λο)  | → | (λō.mo ) | → | (λō.mo) |
| 3. (mō.λε)  | → | (λο.mō ) | → | (λε.mō) |
| 4. (mō.λω)  | → | (λō.mo ) | → | (λō.mo) |
| 5. (mō.λο)  | → | (λō.mo ) | → | (λō.mō) |
| 6. (mō.λο)  | → | (λο.mō ) | → | (λō.mō) |
| 7. (mō.λυ ) | → | (λō.mo ) | → | (λō.mo) |
| 8. (mō.λο)  | → | (ō.λο )  | → | (ō.λο ) |

## 18. Kā.da

- |            |   |         |   |         |
|------------|---|---------|---|---------|
| 1. (kā.da) | → | (dā.ka) | → | (dā.ka) |
| 2. (kā.da) | → | (dā.ka) | → | (dā.ka) |
| 3. (kā.da) | → | (da.kā) | → | (da.kā) |
| 4. (kā.da) | → | (dā.ka) | → | (dā.ka) |
| 5. (kā.da) | → | (da.kā) | → | (da.kā) |
| 6. (kā.da) | → | (da.kā) | → | (d.akā) |
| 7. (kā.da) | → | (da.kā) | → | (da.kā) |
| 8. (kā.da) | → | (da.kā) | → | (da.kā) |

## 19. Sí.klo

- |    |          |   |          |   |          |
|----|----------|---|----------|---|----------|
| 1. | (sí.klo) | → | (kló.si) | → | (kló.si) |
| 2. | (sí.klo) | → | (klo.sí) | → | (klo.sí) |
| 3. | (sí.klo) | → | (klo.sí) | → | (klo.sí) |
| 4. | (sí.klo) | → | (kló.sí) | → | (kló.si) |
| 5. | (sí.klo) | → | (klo.sí) | → | (kló.si) |
| 6. | (sí.klo) | → | (kló.si) | → | (klo.sí) |
| 7. | (sí.klo) | → | (klo.sí) | → | (klo.sí) |
| 8. | (sí.klo) | → | (kló.si) | → | (kló.si) |

## 20. Krá.vo

- |    |          |   |          |   |          |
|----|----------|---|----------|---|----------|
| 1. | (krá.vo) | → | (vá.kro) | → | (vá.kro) |
| 2. | (krá.vo) | → | (vo.krá) | → | (vo.krá) |
| 3. | (krá.vo) | → | (vo.krá) | → | (vo.krá) |
| 4. | (krá.vo) | → | (vo.krá) | → | (vo.krá) |
| 5. | (krá.vo) | → | (vo.krá) | → | (vo.krá) |
| 6. | (krá.vo) | → | (vó.kra) | → | (vó.krá) |
| 7. | (krá.vo) | → | (vo.krá) | → | (vo.krá) |
| 8. | (krá.vo) | → | (vo.krá) | → | (vo.krá) |

## 21. Kā.no

- |    |         |   |         |   |         |
|----|---------|---|---------|---|---------|
| 1. | (kā.no) | → | (nó.kā) | → | (nó.kā) |
| 2. | (kā.no) | → | (nó.kā) | → | (nó.kā) |
| 3. | (kā.no) | → | (no.kā) | → | (no.kā) |
| 4. | (kā.no) | → | (nó.ka) | → | (no.kā) |
| 5. | (kā.no) | → | (no.kā) | → | (no.kā) |
| 6. | (kā.no) | → | (no.kā) | → | (no.kā) |
| 7. | (ka.no) | → | (no.kā) | → | (no.kā) |
| 8. | (kā.no) | → | (no.kā) | → | (no.kā) |

## 22. li.ṣo

1.	(lī.ṣo)	→	(ṣo.li)	→	(ṣó.li)
2.	(lī.ṣo)	→	(ṣo.lī)	→	(ṣo.lī)
3.	(lī.ṣo)	→	(ṣo.lī)	→	(ṣo.lī)
4.	(lī.ṣo)	→	(ṣo.lī)	→	(ṣo.lī)
5.	(lī.ṣo)	→	(ṣo.lī)	→	(ṣo.lī)
6.	(lī.ṣo)	→	(ṣo.lī)	→	(ṣo.lī)
7.	(lī.ṣo)	→	(ṣo.lī)	→	(ṣo.lī)
8.	(lī.ṣo)	→	(ṣo.lī)	→	(ṣo.lī)

## 23. mīr.na

1.	(mīh.na)	→	(mīh.na)	→	(mīh.na)
2.	(mīh.na)	→	(na.mīh)	→	(nā.mih)
3.	(mīh.na)	→	(na.mīr)	→	(na.mīr)
4.	(mīh.na)	→	(nāh.mi)	→	(nāh.mi)
5.	(mīh.na)	→	(na.mīh)	→	(nā.mih)
6.	(mīh.na)	→	(na.mīh)	→	(na.mīh)
7.	(mīh.na)	→	(nāh.mi)	→	(nāh.mi)
8.	(mīh.na)	→	(na.mīh)	→	(na.mīh)

## 24. tṣ.ra

1.	(tṣ.ra)	→	(rā.to)	→	(rā.to)
2.	(tṣ.ra)	→	(ha.tṣ)	→	(ha.tṣ)
3.	(tṣ.ra)	→	(ra.tō)	→	(ra.tō)
4.	(tṣ.ra)	→	(ra.tṣ)	→	(ra.tṣ)
5.	(tṣ.ra)	→	(ra.tṣ)	→	(ea.tṣ)
6.	(tṣ.ra)	→	(ra.tṣ)	→	(ra.tṣ)
7.	(tṣ.ra)	→	(ha.tṣ)	→	(ra.tṣ)
8.	(tṣ.ra)	→	(ra.tṣ)	→	(ra.tṣ)



25.  $\check{S}\acute{u}.1a$ 

1. ( $\check{S}\acute{u}.1a$ )  $\longrightarrow$  ( $1\acute{u}.\check{S}a$ )  $\longrightarrow$  ( $1\acute{u}.\check{S}a$ )
2. ( $\check{S}\acute{u}.1a$ )  $\longrightarrow$  ( $1\acute{a}.\check{S}\acute{u}$ )  $\longrightarrow$  ( $1\acute{a}.\check{S}\acute{u}$ )
3. ( $\check{S}\acute{u}.1a$ )  $\longrightarrow$  ( $1\acute{a}.\check{S}\acute{u}$ )  $\longrightarrow$  ( $1\acute{a}.\check{S}\acute{u}$ )
4. ( $\check{S}\acute{u}.1a$ )  $\longrightarrow$  ( $1a.\check{S}\acute{u}$ )  $\longrightarrow$  ( $1a.\check{S}\acute{u}$ )
5. ( $\check{S}\acute{u}.1a$ )  $\longrightarrow$  ( $1a.\check{S}\acute{u}$ )  $\longrightarrow$  ( $1a.\check{S}\acute{u}$ )
6. ( $\check{S}\acute{u}.1a$ )  $\longrightarrow$  ( $1a.\check{S}\acute{u}$ )  $\longrightarrow$  ( $1a.\check{S}\acute{u}$ )
7. ( $\check{S}\acute{u}.1a$ )  $\longrightarrow$  ( $1a.\check{S}\acute{u}$ )  $\longrightarrow$  ( $1a.\check{S}\acute{u}$ )
8. ( $\check{S}\acute{u}.1a$ )  $\longrightarrow$  ( $1a.\check{S}\acute{u}$ )  $\longrightarrow$  ( $1a.\check{S}\acute{u}$ )

26.  $p\check{c}r.ta$ 

1. ( $p\check{c}h.ta$ )  $\longrightarrow$  ( $p\check{c}h.ta$ )  $\longrightarrow$  ( $t\check{c}h.pa$ )
2.  $p\check{c}r.ta$   $\longrightarrow$  ( $t\acute{a}.p\check{c}r$ )  $\longrightarrow$  ( $t\acute{a}.p\check{c}r$ )
3.  $p\check{c}r.ta$   $\longrightarrow$  ( $ta.p\check{c}r$ )  $\longrightarrow$  ( $ta.p\check{c}r$ )
4.  $p\check{c}h.ta$   $\longrightarrow$  ( $t\acute{a}h.po$ )  $\longrightarrow$  ( $t\acute{a}h.po$ )
5.  $p\check{c}r.ta$   $\longrightarrow$  ( $ta.p\check{c}r$ )  $\longrightarrow$  ( $ta.p\check{c}r$ )
6.  $p\check{c}h.ta$   $\longrightarrow$  ( $ta.p\check{c}h$ )  $\longrightarrow$  ( $ta.p\check{c}h$ )
7.  $p\check{c}r.ta$   $\longrightarrow$  ( $tar.p\check{c}$ )  $\longrightarrow$  ( $tar.p\check{c}$ )
8.  $p\check{c}r.ta$   $\longrightarrow$  ( $ta.p\check{c}r$ )  $\longrightarrow$  ( $ta.p\check{c}r$ )

27.  $gr\grave{a}n.de$ 

1. ( $gr\grave{a}n.de$ )  $\longrightarrow$  ( $d\grave{e}n.gro$ )  $\longrightarrow$  ( $d\grave{e}n.gro$ )
2. ( $gr\grave{a}n.de$ )  $\longrightarrow$  ( $d\acute{e}.gr\grave{a}n$ )  $\longrightarrow$  ( $d\acute{e}.gr\grave{a}n$ )
3. ( $gr\grave{a}n.de$ )  $\longrightarrow$  ( $d\acute{e}.gr\grave{a}n$ )  $\longrightarrow$  ( $d\acute{e}.gr\grave{a}n$ )
4. ( $gr\grave{a}n.de$ )  $\longrightarrow$  ( $d\acute{e}.gr\grave{a}n$ )  $\longrightarrow$  ( $d\acute{e}.gr\grave{a}n$ )
5. ( $gr\grave{a}n.de$ )  $\longrightarrow$  ( $d\acute{e}n.gr\grave{a}$ )  $\longrightarrow$  ( $d\acute{e}n.gr\grave{a}$ )
6. ( $gr\grave{a}n.de$ )  $\longrightarrow$  ( $d\acute{e}.gr\grave{a}$ )  $\longrightarrow$  ( $d\acute{e}.gr\grave{a}$ )
7. ( $gr\grave{a}n.de$ )  $\longrightarrow$  ( $d\acute{e}n.gr\grave{a}$ )  $\longrightarrow$  ( $d\acute{e}n.gr\grave{a}$ )
8. ( $gr\grave{a}n.de$ )  $\longrightarrow$  ( $d\acute{e}.gr\grave{a}$ )  $\longrightarrow$  ( $d\acute{e}.gr\grave{a}$ )

## 28. ów.ro

1. (ów.ro) → (rów.o) → (rów.o)
2. (ów.ro) → (o.rów.o) → (o.rów.o)
3. (ów.ro) → (hów.ro) → (hów.ro)
4. (ów.ro) → (ów.ro)
5. (ów.ro) → (ro.ów) → (ro.ów)
6. (ów.ro) → (Ró.ow) → (Ró.ow)
7. (ów.ro) → (rów.o) → (rów.o)
8. (ów.ro) → (row.ów) → (row.ów)

## 29. sÉw.ma

1. (sÉw.ma) → (Éw.sa) → (Éw.sa)
2. (sÉw.ma) → (ma.sÉw) → (ma.sÉw)
3. (sÉw.ma) → (máw.se) → (máw.se)
4. (sÉw.ma) → (maw.sÉ) → (maw.sÉ)
5. (sÉw.ma) → (ma.sÉw) → (ma.sÉw)
6. (sÉw.ma) → (ma.sÉw) → (ma.sÉw)
7. (sÉw.ma) → (máw.se) → (máw.se)
8. (sÉw.ma) → (ma.sÉw) → (ma.sÉw)

## 30. É.ter

1. (É.ter) → (rÉ.te) → (rÉ.te)
2. (É.teh) → (te.Ér) → (te.Ér)
3. (É.teh) → (hÉ.ter) → (hÉ.ter)
4. (É.ter) → (hÉ.ta) → (hÉ.ta)
5. (É.ter) → (ter.É) → (ter.É)
6. (É.ter) → (te.rÉ) → (te.rÉ)
7. (É.ter) → (rÉ.te) → (rÉ.te)
8. (É.ter) → (Ér.te) → (Ér.te)

## 31. trī.plo

- |    |             |             |           |
|----|-------------|-------------|-----------|
| 1. | (trī.plo) → | (plō.tri) → | (plō.tri) |
| 2. | (trī.plo) → | (plo.trī) → | (plo.trī) |
| 3. | (trī.plo) → | (plo.trī) → | (plo.trī) |
| 4. | (trī.plo) → | (plo.trī) → | (plo.trī) |
| 5. | (trī.plo) → | (plo.trī) → | (plo.trī) |
| 6. | (trī.plo) → | (pro.tlī) → | (pro.tlī) |
| 7. | (trī.plo) → | (plo.trī) → | (plo.trī) |
| 8. | (trī.plo) → | (plo.trī) → | (plo.trī) |

## 32. lōn.ṽe

- |    |            |            |          |
|----|------------|------------|----------|
| 1. | (lōn.ṽi) → | (ṽōn.li) → | (ṽōn.li) |
| 2. | (lōn.ṽi) → | (ṽe.lōn) → | (ṽe.lōn) |
| 3. | (lōn.ṽe) → | (ṽēn.lo) → | (ṽēn.lo) |
| 4. | (lōn.ṽe) → | (ṽé.lo) →  | (ṽé.lo)  |
| 5. | (lōn.ṽi) → | (ṽe.lōn) → | (ṽe.lōn) |
| 6. | (lōn.ṽe) → | (ṽe.lōn) → | (ṽe.lōn) |
| 7. | (lōn.ṽi) → | (ṽēn.lo) → | (ṽēn.lo) |
| 8. | (lōn.ṽi) → | (ṽe.lōn) → | (ṽe.lōn) |

## 33. hā.ro

- |    |           |           |         |
|----|-----------|-----------|---------|
| 1. | (hā.ro) → | (rō.ha) → | (rō.ha) |
| 2. | (hā.ro) → | (ho.hā) → | (ho.hā) |
| 3. | (hā.ro) → | (ho.rā) → | (ho.rā) |
| 4. | (hā.ro) → | (ro.hā) → | (ro.hā) |
| 5. | (hā.ro) → | (ro.hā) → | (ro.hā) |
| 6. | (hā.ro) → | (ro.hā) → | (ro.hā) |
| 7. | (hā.ro) → | (ro.rā) → | (ro.rā) |
| 8. | (hā.ro) → | (ro.hā) → | (ro.hā) |

## 34. vá.her

1. (va.hér)	→	(he.vár)	→	(he.vár)
2. (va.héh)	→	(he.váh)	→	(he.váh)
3. (va.héh)	→	(héh.va)	→	(héh.va)
4. (va.héh)	→	(he.vá )	→	(he.vá )
5. (va.héh)	→	(heh.váh)	→	(heh.váh)
6. (va.hér)	→	(héh.va)	→	(héh.va)
7. (va.hér)	→	(heh.vá)	→	(heh.vá)
8. (va.hér)	→	(hér.ve)	→	(her.vi)

## 35. ěr.ma

1. (Ěh.ma)	→	(méh.na)	→	(mĚ.ra)
2. (Ěh.ma)	→	(ma.Ěh )	→	(ma.Ěh)
3. (Ěr.ma)	→	(ma.Ěr )	→	(ma.Ěr)
4. (Ěh.ma)	→	(ma.Ěh )	→	(ma.Ěh)
5. (Ěh.ma)	→	(ma.Ěh )	→	(ma.Ěh)
6. (Ěh.ma)	→	(ma.Ěh )	→	(ma.Ěh)
7. (Ěh.ma)	→	(ma.Ěh )	→	(ma.Ěh)
8. (Ěr.ma)	→	(ma.Ěr )	→	(ma.Ěr)

## 36. nō.ta

1. ( nō.ta)	→	(tō.nā)	→	(tō.nā)
2. ( nō.ta)	→	(ta.nō)	→	(ta.nō)
3. ( nō.ta)	→	(ta.nō)	→	(tā.no)
4. ( nō.ta)	→	(ta.nō)	→	(ta.nō)
5. ( nō.ta)	→	(ta.nō)	→	(ta.nō)
6. ( nō.ta)	→	(ta.nō)	→	(ta.nō)
7. ( nō.ta)	→	(ta.nō)	→	(ta.nō)
8. ( nō.ta)	→	(ta.nō)	→	(ta.nō)

## 37 - fi.15

1. (fi.15) → (15.fi) → (15.fi)
2. (fi.15) → (15.fi) → (15.fi)
3. (fi.15) → (15.fi) → (15.fi)
4. (fi.15) → (15.fi) → (15.fi)
5. (fi.15) → (15.fi) → (15.fi)
6. (fi.15) → (15.fi) → (15.fi)
7. (fi.15) → (15.fi) → (15.fi)
8. (fi.15) → (15.fi) → (15.fi)

## 38. ka.fě

1. (ka.fě) → (fě.ki) → (fě.ki)
2. (ka.fě) → (fě.ka) → (fě.ka)
3. (ka.fě) → (fě.ka) → (fě.ka)
4. (ka.fě) → (fě.ka) → (fě.ka)
5. (ka.fě) → (fě.ka) → (fě.ka)
6. (ka.fě) → (fε.ká) → (fε.ká)
7. (ka.fě) → (fε.ká) → (fε.ká)
8. (ka.fě) → (fě.ka) → (fě.ka)

## 39. sō.bre

1. (sō.bre) → (brē.so) → (brē.so)
2. (sō.bre) → (bre.sō) → (bre.sō)
3. (sō.bre) → (brē.so) → (brē.so)
4. (sō.bre) → (brē.so) → (brē.so)
5. (sō.bre) → (brē.sō) → (brē.sō)
6. (sō.bre) → (bre.sō) → (bre.sō)
7. (sō.bre) → (bre.sō) → (bre.sō)
8. (sō.bre) → (bre.sō) → (bre.sō)

## 40. līn.gwa

- |    |           |   |            |   |           |
|----|-----------|---|------------|---|-----------|
| 1. | (līw.gua) | → | (īn.gu.la) | → | (īngu.la) |
| 2. | (līngwa)  | → | (gwa.līn)  | → | (gwa.līn) |
| 3. | (līn.gwa) | → | (gwa.līn)  | → | (gwa.līn) |
| 4. | (līn.gwa) | → | (gwān.lī)  | → | (gwān.li) |
| 5. | (līn.gwa) | → | (gwā.lī)   | → | (gwa.lī)  |
| 6. | (līn.gwa) | → | (gwa.līn)  | → | (gwa.līn) |
| 7. | (līn.gwa) | → | (gwān.lī)  | → | (gwān.lī) |
| 8. | (līn.gwa) | → | (gwa.līn)  | → | (gwa.līn) |

## 41. kūr.so

- |    |          |   |          |   |          |
|----|----------|---|----------|---|----------|
| 1. | (kūh.so) | → | (sūh.ko) | → | (sūh.ko) |
| 2. | (kūh.so) | → | (so.kūh) | → | (so.kūh) |
| 3. | (kūr.so) | → | (sō.kuh) | → | (sō.kuh) |
| 4. | (kūh.so) | → | (sōh.ku) | → | (so.kūh) |
| 5. | (kūr.so) | → | (so.kūh) | → | (so.kūh) |
| 6. | (kūh.so) | → | (so.kūh) | → | (so.kūh) |
| 7. | (kūh.su) | → | (soh.kū) | → | (soh.kū) |
| 8. | (kūr.so) | → | (so.kūr) | → | (so.kūr) |

## 42. vo.gāw

- |    |          |   |          |   |          |
|----|----------|---|----------|---|----------|
| 1. | (vo.gāw) | — | (lō.ga)  | — | (lō.ga)  |
| 2. | (vo.gāw) | — | (gāw.vo) | — | (gāw.vo) |
| 3. | (vo.gāw) | — | (gāw.vo) | — | (gāw.vo) |
| 4. | (vo.gāw) | — | (gāw.vo) | — | (gaw.vō) |
| 5. | (vo.gāw) | — | (gaw.vō) | — | (gaw.vō) |
| 6. | (vo.gāw) | — | (gāw.vo) | — | (gāw.vo) |
| 7. | (vo.gāw) | — | (la.gōv) | — | (la.gōv) |
| 8. | (vo.gāw) | — | (lo.gāw) | — | (lo.gāw) |

## 43. a. sīm

- |    |          |   |          |   |          |
|----|----------|---|----------|---|----------|
| 1. | (a. sīm) | → | (īn.sā)  | → | (īn.sā)  |
| 2. | (a. sīm) | → | (sī.na)  | → | (sī.na)  |
| 3. | (a. sīm) | → | (sī.na)  | → | (sī.na)  |
| 4. | (a. sīm) | → | (mī.sa)  | → | (mī.sa)  |
| 5. | (a. sīm) | → | (si.nā)  | → | (si.na)  |
| 6. | (a. sīm) | → | (si.nā)  | → | (si.nā)  |
| 7. | (a. sīm) | → | (sīm.mā) | → | (sīm.mā) |
| 8. | (a. sīm) | → | (mī.sa)  | → | (mī.sa)  |

## 44. dū.pla

- |    |          |   |          |   |          |
|----|----------|---|----------|---|----------|
| 1. | (dū.pla) | → | (pla.dū) | → | (pla.dū) |
| 2. | (dū.pla) | → | (pla.dū) | → | (pla.dū) |
| 3. | (dū.pla) | → | (pla.dū) | → | (pla.dū) |
| 4. | (dū.pla) | → | (pla.dū) | → | (pla.dū) |
| 5. | (dū.pla) | → | (pla.dū) | → | (pla.dū) |
| 6. | (dū.pla) | → | (pla.dū) | → | (pla.dū) |
| 7. | (dū.pla) | → | (pla.dū) | → | (pla.dū) |
| 8. | (dū.pla) | → | (pla.dū) | → | (pla.dū) |

## 45. nā.ba

- |    |         |   |         |   |         |
|----|---------|---|---------|---|---------|
| 1. | (nā.ba) | → | (bō.na) | → | (bō.na) |
| 2. | (nā.ba) | → | (bā.na) | → | (bā.na) |
| 3. | (nā.ba) | → | (bā.nā) | → | (bā.nā) |
| 4. | (nā.ba) | → | (bā.nā) | → | (bā.nā) |
| 5. | (nā.ba) | → | (ba.nā) | → | (ba.nā) |
| 6. | (nā.ba) | → | (bā.na) | → | (bā.na) |
| 7. | (nā.ba) | → | (ba.nā) | → | (ba.nā) |
| 8. | (nā.ba) | → | (ba.nā) | → | (ba.nā) |

## 46. Krí.ze

1. (krí.ze) → (zí.kre) → (zí.kre)
2. (krí.ze) → (ze.krí) → (ze.krí)
3. (krí.ze) → (ze.krí) → (ze.krí)
4. (krí.vew) → (ve.krí) → (ve.krí)
5. (krí.ze) → (ze.krí) → (ze.krí)
6. (krí.zi) → (ze.krí) → (ze.krí)
7. (krí.ze) → (zí.kre) → (zi.kre)
8. (krí.ze) → (ze.krí) → (ze.krí)

## 47. áp.to

1. (āpi.to) → (tóp.ta) → (tóp.ta)
2. (āpi.to) → (to.pi.ā) → (to.pi.ā)
3. (áp.to) → (to.áp.to) → (to.áp.to)
4. (áp.to) → (p.ta) → (p.ta)
5. (áp.to) → (top.ā) → (top.ā)
6. (áp.to) → (pi.tó.a) → (pi.tó.a)
7. (áp.to) → (to.pāt) → (tó.pāt)
8. (áp.to) → (to.áp) → (to.áp)

## 48. vuv.gār

1. (vuv.gār) → (hú.ga) → (hú.ga)
2. (vuv.gār) → (gār.vuv) → (gār.vuv)
3. (vuv.gāh) → (gāh.vu) → (gāh.vu)
4. (vuv.gāh) → (gāw.vu) → (gāw.vu)
5. (vuv.gāh) → (gāh.vuv) → (gāh.vuv)
6. (vuv.gāh) → (gāh.vu) → (gāh.vu)
7. (vuv.gāh) → (gah.vuṁ) → (gāh.vu)
8. (vuv.gāh) → (gah.vūw) → (gah.vūw)



## 49. mēn.tír

1. (mēn.tíh) → (ti.máh) → (ti-máh)
2. (mēn.tíh) → (tíh.me) → (tíh.me)
3. (mēn.tíh) → (tih.mēn) → (tih.mēm)
4. (mēn.tíh) → (hít.ma) → (hít.ma)
5. (mēn.tih) → (tih.mēn) → (tih.mēn)
6. (mēn.tíh) → (tih.mēn) → (tih.mēn)
7. (mēn.tíh) → (teh.mīn) → (teh.mīn)
8. (mēn.tíh) → (ir.mēn) → (ih.mēn)

## 50. pa.tēr.no

1. (pa.tēh.no) → (no.pāht) → (no.pār)
2. (pa.tēh.no) → (no.pa.tēh) → (no.pa.tēh)
3. (pa.tēh.no) → (tēh.no.pa) → (tēh.no.pa)
4. (pa.tēh.no) → (no.pāh.te) → (no.pāh.te)
5. (pa.tēh.no) → (no.tēh.pā) → (no.teh.pā)
6. (pa.tēh.no) → (no.tēh.pa) → (no.tēh.pa)
7. (pa.tēh.no) → (notēh.pa) → (no.teh.pā)
8. (pa.tēh.no) → (no.tēr.nó) → (no.tēr.no)

## 51. pla.tí.na

1. (pla.tí.na) → (na.tí.pla) → (na.tí.pla)
2. (pla.tí.na) → (na.pla.tín) → (na.pla.tín)
3. (pla.tí.na) → (na.plá.ta) → (na.plá.ta)
4. (pla.tí.na) → (na.tí.pla) → (na.tí.pla)
5. (pla.tí.na) → (na.tīm.pla) → (na.tīm.pla)
6. (pla.tí.na) → (na.tí.pla) → (na.tí.pla)
7. (pla.tí.na) → (na.ti.plā) → (na.ti.plā)
8. (pla.tí.na) → (na.tí.pla) → (na.tí.pla)

## 52. ět.ni.ko

1. (ě.ti.ni.ko) → (kō.ni.tε) → (kō.ni.tε)
2. (ě.ti.ni.ko) → (ko.ě.ti ) → (ko.ě.ti )
3. (ě.ti.ni.ko) → (ko.tí.ni) → (ko.tí.ni)
4. (ě.ti.ni.ko) → (ko.ě.ti.ni) → (ko.ě.ti.ni)
5. (ě.ti.ni.ko) → (ko.ti.ni.ε) → (ko.ti.ni.ě)
6. (ě.ti.ni.ko) → (ko.ti.ni.ě) → (ko.ti.ni.ě)
7. (ě.ti.ni.ko) → (ko.ti.ět ) → (ko.ti.ět )
8. (ě.ti.ni.ko) → (ko.ět ) → (ko.ět.)

## 53. ma.ti.nāw

1. (ma.ti.nāw) → (la.tí.na) → (la.tí.na)
2. (ma.ti.nāw) → (naw.ma.tí) → (naw.ma.tí)
3. (ma.ti.nāw) → (naw.tí.ma) → (maw.tí.ma)
4. (ma.ti.nāw) → (naw.ma.tí) → (naw.ma.tí)
5. (ma.ti.nāw) → (naw.ti.mā) → (naw.ti.mā)
6. (ma.ti.nāw) → (nāw.ti.ma) → (nāw.tí.ma)
7. (ma.ti.nāw) → (naw.tí.ma) → (maw.tí.ma)
8. (ma.ti.nāw) → (aw.tí.ma ) → (aw.tí.ma)

## 54. ĩn.krí.vew

1. (in.krí.vew) → (le.víw.kre) → (le.víw.kre)
2. (in.krí.vew) → (kre.ví) → (kre.ví )
3. (in.krí.vew) → (vew.krí.in) → (vew.krí.in)
4. (in.krí.vew) → (le.krín) → (le.krín)
5. (in.krí.vew) → (vew.kri.ĭn) → (vew.kri.ĭn)
6. (in.krí.vew) → (vew.krí.in) → (vew.krí.in)
7. (in.krí.vew) → (vew.kri.ĭn) → (vew.kri.ĭn)
8. (in.krí.vew) → (vew.kri.ĭn) → (vew.kri.ĭn)

55. t<sup>o</sup>.ni.ka

1. (t<sup>o</sup>.ni.ka) → (n<sup>o</sup>.ti.ka) → (n<sup>o</sup>.ti.ka)
2. (t<sup>o</sup>.ni.ka) → (ka.t<sup>o</sup>.ni) → (ka.t<sup>o</sup>.ni)
3. (t<sup>o</sup>.ni.ka) → (ka.t<sup>o</sup>.ni) → (ka.t<sup>o</sup>.ni)
4. (t<sup>o</sup>.ni.ka) → (ka.ni.t<sup>o</sup>) → (ka.ni.t<sup>o</sup>)
5. (t<sup>o</sup>.ni.ka) → (ka.no.t<sup>i</sup>) → (ka.no.t<sup>i</sup>n)
6. (t<sup>o</sup>.ni.ka) → (t<sup>o</sup>.ni.ka) → (ni.k<sup>a</sup>.ni.to)
7. (t<sup>o</sup>.ni.ka) → (ka.ni.t<sup>o</sup>) → (ka.ni.t<sup>o</sup>)
8. (t<sup>o</sup>.ni.ka) → (ka.ni.t<sup>o</sup>) → (ka.ni.t<sup>o</sup>)

56. m<sup>e</sup>.di.ko.

1. (m<sup>e</sup>.di.ko) → (k<sup>o</sup>.ni.ko) → (k<sup>o</sup>.ni.ko)
2. (m<sup>e</sup>.di.ko) → (ko.m<sup>e</sup>.di) → (ko.m<sup>e</sup>.di)
3. (m<sup>e</sup>.di.ko) → (ko.m<sup>e</sup>.di) → (ko.m<sup>e</sup>.di)
4. (m<sup>e</sup>.di.ko) → (ko.di.m<sup>e</sup>) → (ko.di.m<sup>e</sup>)
5. (m<sup>e</sup>.di.ko) → (ko.di.m<sup>e</sup>) → (ko.di.m<sup>e</sup>)
6. (m<sup>e</sup>.di.ko) → (ko.di.m<sup>e</sup>) → (ko.di.m<sup>e</sup>)
7. (m<sup>e</sup>.di.ko) → (ko.di.m<sup>e</sup>) → (ko.di.m<sup>e</sup>)
8. (m<sup>e</sup>.di.ko) → (ko.di.m<sup>e</sup>) → (ko.di.m<sup>e</sup>)

57. po.zi.s<sup>a</sup>w

1. (po.zi.s<sup>a</sup>w) → (si.po.z<sup>a</sup>w) → (si.po.z<sup>a</sup>w)
2. (po.zi.s<sup>a</sup>w) → (s<sup>a</sup>w.po.z<sup>i</sup>) → (s<sup>a</sup>w.po.z<sup>i</sup>)
3. (po.zi.s<sup>a</sup>w) → (s<sup>a</sup>w.s<sup>i</sup>.po) → (s<sup>a</sup>w.s<sup>i</sup>.po)
4. (po.zi.s<sup>a</sup>w) → (s<sup>a</sup>w.zi.po) → (s<sup>a</sup>w.zi.po)
5. (po.zi.s<sup>a</sup>w) → (s<sup>a</sup>w.si.p<sup>o</sup>) → (s<sup>a</sup>w.si.p<sup>o</sup>)
6. (po.zi.s<sup>a</sup>w) → (s<sup>a</sup>w.zi.p<sup>o</sup>) → (s<sup>a</sup>w.zi.p<sup>o</sup>)
7. (po.zi.s<sup>a</sup>w) → (s<sup>a</sup>w.zi.p<sup>o</sup>) → (s<sup>a</sup>w.zi.p<sup>o</sup>)
8. (po.zi.s<sup>a</sup>w) → (z<sup>a</sup>w.po.s<sup>i</sup>) → (z<sup>a</sup>w.po.s<sup>i</sup>)

## 58. a.sí.ma

1. (a.sí.ma) → (i.má.sa) → (i.má.sa)
2. (a.sí.ma) → (ma.sí.ma) → (ma.sí.ma)
3. (a.sí.ma) → (ma.sí.a ) → (ma.sí.a )
4. (a.sí.ma) → (ma.sí.a ) → (ma.sí.a )
5. (a.sí.ma) → (ma.sí.ṇa) → (ma.si.ṇa)
6. (a.sí.ma) → (ma.sí.a ) → (ma.sí.a )
7. (a.sí.ma) → (ma.si.ā ) → (ma.sí.a )
8. (a.sí.ma) → (ma.sí.a ) → (ma.sí.a )

## 59. ew.ní.se

1. (ew.ní.se) → (sew.í.ne) → (sew.í.ne)
2. (ew.ní.se) → (se.ew.ní) → (se.ew.ní)
3. (ew.ní.se) → (se.níwe) → (se.níwe )
4. (ew.ní.se) → (se.ní.ew) → (se.ní.ew)
5. (ew.ní.se) → (si.éw.e ) → (si.éw.e )
6. (ew.ní.se) → (se.ni.ew) → (sé.ni.ew)
7. (ew.ní.se) → (se.ni.éw) → (se.ni.éw)
8. (ew.ní.se) → (se.ni.éw) → (se.ni.éw)

## 60. pa.lá.vra

1. (pa.lá.vra) → (vra.lá.pa) → (vra.lá.pa)
2. (pa.lá.vra) → (va.pa.lá ) → (va.pa.lá)
3. (pa.lá.vra) → (vra.pá.la) → (vra.pá.la)
4. (pa.lá.vra) → (vra.lá.pa) → (vra.lá.pa)
5. (pa.lá.vra) → (vra.la.pá) → (vra.la.pá)
6. (pa.lá.vra) → (vra.lá.pra) → (vra.lá.pra)
7. (pa.lá.vra) → (vra.la.pá) → (vra.la.pá)
8. (pa.lá.vra) → (vra.la.pá) → (vra.la.pá)

## 61. o.pā.1a

1. (o.pā.1a) → (1a.pō.1a) → (1a.pō.1a)
2. (o.pā.1a) → (1a.ō.pa) → (1a.ō.pa)
3. (o.pā.1a) → (1a.pā.1a) → (1a.pā.1a)
4. (o.pā.1a) → (1a.pa.ō) → (1a.pa.ō)
5. (o.pā.1a) → (1a.o.pā) → (1a.o.pā)
6. (o.pā.1a) → (1a.pā.o) → (1a.pā.o)
7. (o.pā.1a) → (1a.pa.ō) → (1a.pa.ō)
8. (o.pā.1a) → (1a.pa.ō) → (1a.pa.ō)

## 62. es.tī.lo

1. (e<sup>ṽ</sup>.tī.lo) → (lo.tī<sup>ṽ</sup>.le) → (lo.tī<sup>ṽ</sup>.le)
2. (e<sup>ṽ</sup>.tī.lo) → (lo.e<sup>ṽ</sup>.tī) → (lo.e<sup>ṽ</sup>.tī)
3. (e<sup>ṽ</sup>.tī.lo) → (lo.tī) → (lo.tī)
4. (e<sup>ṽ</sup>.tī.lo) → (lo.tī.e<sup>ṽ</sup>) → (lo.tī.e<sup>ṽ</sup>)
5. (e<sup>ṽ</sup>.tī.lo) → (lo.ti.ē<sup>ṽ</sup>) → (lo.tī.ē<sup>ṽ</sup>)
6. (e<sup>ṽ</sup>.tī.lo) → (lō.ti.e<sup>ṽ</sup>) → (lō.ti.e<sup>ṽ</sup>)
7. (e<sup>ṽ</sup>.tī.lo) → (lo.ti.ē<sup>ṽ</sup>) → (lo.ti.ē<sup>ṽ</sup>)
8. (e<sup>ṽ</sup>.tī.lo) → (lo.ti.ē<sup>ṽ</sup>) → (lo.ti.ē<sup>ṽ</sup>)

## 63. ne.ṅūm

1. (ne.ṅūn) → (ṅū.nēn) → (ṅū.nēn)
2. (ne.ṅūn) → (ṅūn.nēn) → (ṅūn.nēn)
3. (ne.ṅūn) → (u.ēn) → (u.ēn)
4. (ne.ṅūn) → (ṅūn.ne) → (ṅūn.ne)
5. (ne.ṅūn) → (ma.ṅū.ma) → (ma.ṅū.ma)
6. (ne.ṅūn) → (ṅū.ṅē) → (ṅū.ṅē)
7. (ne.ṅūn) → (ṅūn.ne) → (ṅūn.ne)
8. (ne.ṅūn) → (ūn.nēn) → (ūn.nēn)

## 64. por.tu.gēs

- |    |                           |   |                           |   |                           |
|----|---------------------------|---|---------------------------|---|---------------------------|
| 1. | (por.tu.gē <sup>V</sup> ) | → | (se.gu <sup>V</sup> .pōh) | → | (se.gu <sup>V</sup> .pōh) |
| 2. | (por.tu.gē <sup>V</sup> ) | → | (ge <sup>V</sup> .pōh)    | → | (ge <sup>V</sup> .pōh)    |
| 3. | (por.tu.gē <sup>V</sup> ) | → | (ge <sup>V</sup> .pōh.to) | → | (ge <sup>V</sup> .pōh.to) |
| 4. | (por.tu.gē <sup>V</sup> ) | → | (ge <sup>V</sup> .tu.pōh) | → | (ge <sup>V</sup> .tu.pōh) |
| 5. | (por.tu.gē <sup>V</sup> ) | → | (gē <sup>V</sup> .tu.poh) | → | (gē <sup>V</sup> .tu.por) |
| 6. | (por.tu.gē <sup>V</sup> ) | → | (ge <sup>V</sup> .tu.pōh) | → | (ge <sup>V</sup> .tu.pōh) |
| 7. | (por.tu.gē <sup>V</sup> ) | → | (ge <sup>V</sup> .tu.pōh) | → | (ge <sup>V</sup> .tu.pōh) |
| 8. | (por.tu.gē <sup>V</sup> ) | → | (ge <sup>V</sup> .tu.pōh) | → | (ge <sup>V</sup> .tu.pōh) |

## 65. es.krā.vo

- |    |                          |   |                           |   |                           |
|----|--------------------------|---|---------------------------|---|---------------------------|
| 1. | (e <sup>V</sup> .krā.vo) | → | (vo.krā.ve <sup>V</sup> ) | → | (vo.krā.ve <sup>V</sup> ) |
| 2. | (e <sup>V</sup> .krā.vo) | → | (vo.ē <sup>V</sup> .kra)  | → | (vo.ē <sup>V</sup> .kra)  |
| 3. | (e <sup>V</sup> .krā.vo) | → | (vo.e <sup>V</sup> .krā)  | → | (vo.e <sup>V</sup> .krā)  |
| 4. | (e <sup>V</sup> .krā.vo) | → | (vo.kra.ē <sup>V</sup> )  | → | (vo.kra.ē <sup>V</sup> )  |
| 5. | (e <sup>V</sup> .krā.vo) | → | (vo.krā.e <sup>V</sup> )  | → | (vo.krā.e <sup>V</sup> )  |
| 6. | (e <sup>V</sup> .krā.vo) | → | (vo.krā.e <sup>V</sup> )  | → | (vo.krā.e <sup>V</sup> )  |
| 7. | (e <sup>V</sup> .krā.vo) | → | (vo.krā.ē <sup>V</sup> )  | → | (vo.kra.ē <sup>V</sup> )  |
| 8. | (e <sup>V</sup> .krā.vo) | → | (vo.kra.ē <sup>V</sup> )  | → | (vo.kra.ē <sup>V</sup> )  |

## 66. ma.lē.ta

- |    |            |   |            |   |            |
|----|------------|---|------------|---|------------|
| 1. | (ma.lē.ta) | → | (me.lā.to) | → | (me.lā.to) |
| 2. | (ma.lē.ta) | → | (tā.ma.le) | → | (tā.ma.le) |
| 3. | (ma.lē.ta) | → | (ta.lē.ma) | → | (ta.lē.ma) |
| 4. | (ma.lē.ta) | → | (ta.lē.ma) | → | (ta.lē.ma) |
| 5. | (ma.lē.ta) | → | (ta.le.mā) | → | (ta.le.mā) |
| 6. | (ma.lē.ta) | → | (ta.le.mā) | → | (ta.le.mā) |
| 7. | (ma.lē.ta) | → | (ta.le.mā) | → | (ta.le.mā) |
| 8. | (ma.lē.ta) | → | (ta.le.mā) | → | (ta.le.mā) |

## 67. en.ǝó.o

1. (ēn.ǝó.o) → (ǝó.ēn) → (ǝó.ēn)
2. (ēn.ǝó.o) → (ǝó.o.en) → (ǝó.o.ēn)
3. (ēn.ǝó.o) → (ow.ǝó) → (ow.ǝó.o)
4. (ēn.ǝó.o) → (o.ēn.ǝó) → (o.ēn.ǝó)
5. (ēn.ǝó.o) → (o.ǝó.ēn) → (o.ǝó.ēn)
6. (ēn.ǝó.o) → (o.ǝó.ēn) → (o.ǝó.ēn)
7. (ēn.ǝó.o) → (o.ǝó.ēn) → (o.ǝó.ēn)
8. (ēn.ǝó.o) → (ow.ow.ēn)

## 68. a.tu.rów

1. (a.tu.rów) → (ow.tú.ra) → (ow.tú.ra)
2. (a.tu.rów) → (row.tú ) → (row.tú)
3. (a.tu.rów) → (ow.tó.a ) → (ow.tó.a)
4. (a.tu.rów) → (rów.a.tu) → (rów.a.tu)
5. (a.tu.rów) → (row.tu.á) → (row.tu.á)
6. (a.tu.rów) → (rów.tu.a) → (rów.tu.a)
7. (a.tu.rów) → (row.tu.á) → (row.tu.á)
8. (a.tu.rów) → (ow.tú.ro) → (ow.tú.ro)

## 69. bu.rá.ko

1. (bu.rá.ko) → (ko.rú.bo) → (ko.rú.bo)
2. (bu.rá.ko) → (ko.bu.rá) → (ko.bu.rá)
3. (bu.rá.ko) → (ko.rá.bu) → (ko.rá.bu)
4. (bu.rá.ko) → (ku.rá.bo) → (ku.rá.bo)
5. (bu.rá.ko) → (ko.ra.bú) → (ko.ra.bú)
6. (bu.rá.ko) → (ko.ra.bú) → (ko.ra.bú)
7. (bu.rá.ko) → (ko.ru.bú) → (ko.ru.bú)
8. (bu.rá.ko) → (ko.ra.bú) → (ko.ra.bú)

## 70. ver.dí.no

- |    |             |   |              |   |              |
|----|-------------|---|--------------|---|--------------|
| 1. | (veh.dí.no) | → | (no.déh.vi)  | → | (no.déh.vi)  |
| 2. | (veh.dí.no) | → | (no.veh.dín) | → | (no.ver.dín) |
| 3. | (veh.dí.no) | → | (i.no.véh)   | → | (i.no.véh)   |
| 4. | (veh.dí.no) | → | (no.dín.veh) | → | (no.dín.veh) |
| 5. | (ver.dí.no) | → | (no.dín.véh) | → | (no.dín.véh) |
| 6. | (ver.dí.no) | → | (no.di.veh)  | → | (no.di.veh)  |
| 7. | (veh.dí.no) | → | (no.din.véh) | → | (no.din.véh) |
| 8. | (ver.dí.no) | → | (no.ver.di)  | → | (no.ver.di.) |

## 71. vi.tṣ.rya

- |    |             |   |             |   |             |
|----|-------------|---|-------------|---|-------------|
| 1. | (vi.tṣ.rya) | → | (ay.rṣ.pa)  | → | (ay.rṣ.pa)  |
| 2. | (vi.tṣ.rya) | → | (ryá.vi.t)  | → | (ryá.vi.to) |
| 3. | (vi.tṣ.rya) | → | (rya.vṣ.to) | → | (rya.vṣ.to) |
| 4. | (vi.tṣ.rya) | → | (vi.tṣ.vi)  | → | (rya.tṣ.vi) |
| 5. | (vi.tṣ.rya) | → | (vi.tṣ.vi)  | → | (vi.tṣ.vi)  |
| 6. | (vi.tṣ.rya) | → | (ryṣ.ti.vi) | → | (ryṣ.ti.vi) |
| 7. | (vi.tṣ.rya) | → | (rya.to.ví) | → | (rya.to.ví) |
| 8. | (vi.tṣ.rya) | → | (a.vi.tṣ)   | → | (a.vi.tṣ)   |

## 72. ew.rṣ.pa

- |    |            |   |            |   |            |
|----|------------|---|------------|---|------------|
| 1. | (ew.rṣ.pa) | → | (po.éw.ra) | → | (po.éw.ra) |
| 2. | (ew.rṣ.pa) | → | (pa.ew.rṣ) | → | (pa.ew.rṣ) |
| 3. | (ew.rṣ.pa) | → | (rap.tṣ.a) | → | (rap.tṣ.a) |
| 4. | (ew.rṣ.pa) | → | (pa.ro.éw) | → | (pa.ro.éw) |
| 5. | (ew.rṣ.pa) | → | (pa.ro.éw) | → | (pa.ro.éw) |
| 6. | (ew.rṣ.pa) | → | (pa.rṣ.ew) | → | (pa.rṣ.ew) |
| 7. | (ew.rṣ.pa) | → | (pa.ro.éw) | → | (pa.ro.éw) |
| 8. | (ew.rṣ.pa) | → | (pa.ro.éw) | → | (pa.ro.éw) |



## 73. ma.ríw.da

1. (ma.ríw.da) → (daw.mí.ra) → (daw.mí.ra)
2. (ma.ríw.da) → (da.ma.ríw) → (da.ma.ríw)
3. (ma.ríw.da) → (da.ríw) → (da.ríw)
4. (ma.ríw.da) → (da.ríw.ma) → (da.ríw.ma)
5. (ma.ríw.da) → (da.ríw.mā) → (da.ríw.mā)
6. (ma.ríw.da) → (da.ríw.ma) → (da.ríw.ma)
7. (ma.ríw.da) → (da.ríw.mā) → (da.ríw.mā)
8. (ma.ríw.da) → (da.ríw.ma) → (da.ríw.ma)

## 74. ěn.ré.do

1. (ěn.hé.do) → (he.dó.ĭn) → (he.dóyn)
2. (ěn.ré.do) → (do.e.hĕn) → (do.e.hĕn)
3. (ěn.hé.do) → (do.ĕn) → (do.ĕn)
4. (ěn.hé.do) → (do.he.ĕn) → (do.he.ĕn)
5. (ěn.hé.do) → (do.hĕn.ĕn) → (do.hĕn.ĕn)
6. (ěn.hé.do) → (do.he.ĕyn) → (do.he.ĕyn)
7. (ěn.hé.do) → (do.he.ĕn) → (do.he.ĕn)
8. (ěn.hé.do) → (do.he.ĕn) → (do.he.ĕn)

## 75. ma.ta.gāw

1. (ma.ta.gāw) → (la.mo.gā.ta) → (la.mo.gā.ta)
2. (ma.ta.gāw) → (gaw.ma.tā) → (gaw.ma.tā)
3. (ma.ta.gāw) → (gaw.tā.ma) → (gaw.tā.ma)
4. (ma.ta.gāw) → (ga.ta.māw) → (ga.ta.māw)
5. (ma.ta.gāw) → (gaw.ta.mā) → (gaw.ta.mā)
6. (ma.ta.gāw) → (gaw.tā.ma) → (gaw.tā.ma)
7. (ma.ta.gāw) → (gaw.ta.mā) → (gau.tā.mā)
8. (ma.ta.gāw) → (gaw.ma.tā) → (gaw.ma.tā)

## 76. ēn.kē.te

- |    |              |               |             |
|----|--------------|---------------|-------------|
| 1. | (ēn.kē.te) → | (te.kē.ñēn) → | (te.kē.ñēn) |
| 2. | (ēn.kē.te) → | (te.ēn.kē) →  | (te.ēn.kē)  |
| 3. | (ēn.kē.te) → | (te.kē.ti) →  | (te.kē.ti)  |
| 4. | (ēn.kē.te) → | (te.kē.ēn) →  | (te.kē.ēn)  |
| 5. | (ēn.kē.te) → | (te.kē.ñe) →  | (te.kē.ñe)  |
| 6. | (ēn.kē.te) → | (te.kē.ēn) →  | (te.kē.ēn)  |
| 7. | (ēn.kē.te) → | (ke.te.ēn) →  | (kē.te.ēn)  |
| 8. | (ēn.kē.te) → | (te.ēn.kē) →  | (te.ēn.kē)  |

## 77. ēn.hōs.ko

- |    |               |                |              |
|----|---------------|----------------|--------------|
| 1. | (ēn.hōs.ko) → | (ko.zēn) →     | (ko.zēn)     |
| 2. | (ēn.hōs.ko) → | (ko.ēn.rōs) →  | (ko.ēn.hōs)  |
| 3. | (ēn.hōs.ko) → | (ko.hōs.kēn) → | (ko.hōs.kēn) |
| 4. | (ēn.hōs.ko) → | (ko.hōs.ēn) →  | (ko.hōs.ēn)  |
| 5. | (ēn.hōs.ko) → | (ko.hōs.ēn) →  | (ko.hōs.ēn)  |
| 6. | (ēn.hōs.ko) → | (ko.hōs.ēn) →  | (ko.hōs.ēn)  |
| 7. | (ēn.hōs.ko) → | (ko.hōs.ēn) →  | (ko.hōs.ēn)  |
| 8. | (ēn.hōs.ko) → | (ko.hōs.ēn) →  | (ko.hōs.ēn)  |

## 78. de.zē.ño

- |    |              |               |             |
|----|--------------|---------------|-------------|
| 1. | (de.zē.ño) → | (ñēn.dō.zo) → | (ñen.dō.zo) |
| 2. | (de.zē.ño) → | (ño.de.zēn) → | (ño.de.zēn) |
| 3. | (de.zē.ño) → | (ōn.dē.ēn) →  | (ōn.dē.ēn)  |
| 4. | (de.zē.ño) → | (ño.zēn.dē) → | (ño.zēn.dē) |
| 5. | (de.zē.ño) → | (ño.dēn.zē) → | (ño.dēn.zē) |
| 6. | (de.zē.ño) → | (do.ze.dē) →  | (do.ze.dē)  |
| 7. | (de.zē.ño) → | (ño.ze.dē) →  | (ño.ze.dē)  |
| 8. | (de.zē.ño) → | (ño.de.zēn) → | (ño.de.zēn) |

## 79. he.15.žyo

1. (he.15.žyo) → (oy.15.ži) → (oy.15.ži )
2. (he.15.žyo) → (žyo.he.15) → (žyo.he.15)
3. (he.15.žyo) → (ɔ.žyo.hē) → (ɔ.žyo.hē )
4. (he.15.žyo) → (žyo.15.he) → (žyo.15.he)
5. (he.15.žyo) → (žyo.1ɔ.hē) → (žyo.1ɔ.hē)
6. (he.15.žyo) → (žō.15.he) → (žō.15.he)
7. (he.15.žyo) → (žyo.1o.hē) → (žyo.1ɔ.hē)
8. (he.15.žyo) → (žo.he.ēn)

## 80. o.pē.ra

1. (o.pē.ra) → (pe.rō.a) → (pe.rō.a)
2. (o.pē.ra) → (ra.ō.pa) → (ra.ō.pa)
3. (o.pē.ra) → (ha.pē.ra) → (ha.pē.ra)
4. (o.pē.ra) → (ra.pe.ō) → (ra.pe.ō)
5. (o.pē.ra) → (ra.po.ēn) → (ra.po.ēn)
6. (o.pē.ra) → (ra.pē.o) → (ra.pē.o)
7. (o.pē.ra) → (ra.pe.ō) → (ra.pe.ō)
8. (o.pē.ra) → (ra.pe.ō) → (ra.pe.ō)

## 81. es.tū.do

1. (eš.tū.do) → (tu.do.ēš) → (tu.do.ēš)
2. (eš.tū.do) → (do.eš.tū) → (do.eš.tū)
3. (eš.tū.do) → (do.tu.ēš) → (do.tu.ēš)
4. (eš.tū.do) → (do.tū.eš) → (do.tū.eš)
5. (eš.tū.do) → (do.tu.ēš) → (do.tu.ēš)
6. (eš.tū.do) → (do.tū.eš) → (do.tū.eš)
7. (eš.tū.do) → (do.tu.ēš) → (do.tu.ēš)
8. (eš.tū.do) → (do.ēš.tū) → (do.ēš.tū)

## 82. tēk.ni.ka

- |                  |                    |                    |
|------------------|--------------------|--------------------|
| 1. (tēk.ni.ka)   | → (ka.ɛt.nīk)      | → (ka.ɛt.nīk)      |
| 2. (tē.ki.na.ka) | → (ka.nē.ki.ni.ka) | → (ka.nē.ki.ni.ka) |
| 3. (tē.ki.ni.ka) | → (ka.nī.ka)       | → (ka.nī.ka)       |
| 4. (tēk.ni.ka)   | → (ka.nik.tē)      | → (ka.ni.k.tē)     |
| 5. (tē.ki.ni.ka) | → (ka.ni.tē)       | → (ka.ni.tē)       |
| 6. (tē.ki.ni.ka) | → (kat.ni.tē)      | → (kat.ti.ni.tē)   |
| 7. (tēk.ni.ka)   | → (ka.ni.tēk)      | → (ka.ni.tēk)      |
| 8. (tē.ki.ni.ka) | → (ka.tēk)         | → (ka.tēk)         |

## 83. vi.brān.te

- |                 |                |                |
|-----------------|----------------|----------------|
| 1. (vi.brān.ti) | → (te.brī.ve)  | → (tem.brī.ve) |
| 2. (vi.brān.te) | → (tēm.brī.ve) | → (tēm.brī.ve) |
| 3. (vi.brān.te) | → (te.brān.vi) | → (te.brān.vi) |
| 4. (vi.brān.te) | → (te.brān.vi) | → (te.brān.vi) |
| 5. (vi.brān.te) | → (te.brān.vi) | → (te.brān.vi) |
| 6. (vi.brān.te) | → (te.brān.vi) | → (te.brān.vi) |
| 7. (vi.brān.ti) | → (te.brān.vī) | → (te.brān.vī) |
| 8. (vi.brān.ti) | → (te.brān.vi) | → (te.brān.vi) |

## 84. ɔ.pe.ra

- |              |             |             |
|--------------|-------------|-------------|
| 1. (ɔ.pe.ra) | → (a.rɔ.pe) | → (a.rɔ.pe) |
| 2. (ɔ.pe.ra) | → (ra.ɔ.pe) | → (ra.ɔ.pe) |
| 3. (ɔ.pe.ra) | → (ha.pē.o) | → (ra.pē.o) |
| 4. (ɔ.pe.ra) | → (ra.pe.ɔ) | → (ra.pe.ɔ) |
| 5. (ɔ.pe.ra) | → (ra.pe.ɔ) | → (ra.pe.ɔ) |
| 6. (ɔ.pe.ra) | → (rā.pe.ɔ) | → (rā.pe.ɔ) |
| 7. (ɔ.pe.ra) | → (ra.pe.ɔ) | → (ra.pe.ɔ) |
| 8. (ɔ.pe.ra) | → (rā.pe.ɔ) | → (rā.pe.ɔ) |

## 85. vĕn.tố.zo

1. (vĕn.tố.zo) → (zo.tĕn.vo) → (zo.tĕn.vo)
2. (vĕn.tố.zo) → (zo.vĕn.tố) → (zo.vĕn.tố)
3. (vĕn.tố.zo) → (zo.tố.vĕn) → (zo.tố.vĕn)
4. (vĕn.tố.zo) → (zo.to.vĕn) → (zo.to.vĕn)
5. (vĕn.tố.zo) → (zo.to.vĕn) → (zo.to.vĕn)
6. (vĕn.tố.zo) → (zo.tĕn.vo) → (zo.tĕn.vo)
7. (vĕn.tố.zo) → (zo.to.vĕn) → (zo.to.vĕn)
8. (vĕn.tố.zo) → (zo.tĕn.vĕ) → (zo.tĕn.vĕ)

## 86. daw.vĩ.na

1. (daw.vĩ.na) → (na.dĩw.va) → (na.dĩw.va)
2. (daw.vĩ.na) → (na.daw.vĩn) → (na.daw.vĩn)
3. (daw.vĩ.na) → (na.daw.vĩ) → (na.daw.vĩ)
4. (daw.vĩ.na) → (na.vĩn.daw) → (na.vĩn.daw)
5. (daw.vĩ.na) → (na.vĩn.daw) → (na.vĩn.daw)
6. (daw.vĩ.na) → (na.vi.daw) → (na.vi.daw)
7. (daw.vĩ.na) → (na.vi.daw) → (na.vi.daw)
8. (daw.vĩ.na) → (naw.vi.daw) → (naw.vi.daw)

## 87. u.ru.bũ

1. (u.ru.bũ) → (bu.ru.rũ) → (bu.ru.rũ)
2. (u.ru.bũ) → (bu.ru.ũ) → (bu.ru.ũ)
3. (u.ru.bũ) → (bu.ru.bũ) → (bu.ru.bũ)
4. (u.ru.bũ) → (bu.ru.ũ) → (bu.ru.ũ)
5. (u.ru.bũ) → (bu.ru.ũ) → (bu.ru.ũ)
6. (u.ru.bũ) → (bu.ru.ũ) → (bu.ru.ũ)
7. (u.ru.bũ) → (bu.ru.ũ) → (bu.ru.ũ)
8. (u.ru.bũ) → (bu.ru.ũ) → (bu.ru.ũ)

## 88. pā.sa.ro

- |    |              |                |              |
|----|--------------|----------------|--------------|
| 1. | (pā.sa.ro) → | (o.rā.pa.so) → | (o.rā.pa.so) |
| 2. | (pā.sa.ro) → | (ro.pā.sa) →   | (ro.pā.sa)   |
| 3. | (pā.sa.ro) → | (ro.sā.po) →   | (ro.sā.po)   |
| 4. | (pā.sa.ro) → | (ro.sā.po) →   | (ro.sā.po)   |
| 5. | (pā.sa.ro) → | (ro.sa.pā) →   | (ro.sa.pā)   |
| 6. | (pā.sa.ro) → | (rōs.sa.pa) →  | (rōs.sa.pa)  |
| 7. | (pā.sa.ro) → | (ro.sa.pā) →   | (ro.sa.pā)   |
| 8. | (pā.sa.ro) → | (ro.sa.pā) →   | (ro.sa.pā)   |

## 89. na.syo.nāw

- |    |                |                 |               |
|----|----------------|-----------------|---------------|
| 1. | (na.syo.nāw) → | (lā.nyō.so) →   | (lā.nyō.so)   |
| 2. | (na.syo.nāw) → | (na.syō.na) →   | (na.syō.na)   |
| 3. | (na.syo.nāw) → | (naw.sī.na) →   | (naw.sī.na)   |
| 4. | (na.syo.nāw) → | (la.sī.na) →    | (la.sī.na)    |
| 5. | (na.syo.nāw) → | (naw.syo.nāw) → | (naw.syo.nāw) |
| 6. | (na.syo.nāw) → | (nawsyō.na) →   | (na.syō.na)   |
| 7. | (na.syo.nāw) → | (naw.si.nā) →   | (naw.si.nā)   |
| 8. | (na.syo.nāw) → | (na.si.ōn) →    | (na.si.ōn)    |

## 90. he.vē.ṣa

- |    |              |              |            |
|----|--------------|--------------|------------|
| 1. | (he.vē.ṣa) → | (ṣa.vē.ṣa) → | (ṣa.vē.ṣa) |
| 2. | (he.vē.ṣa) → | (ṣa.hē.ve) → | (ṣa.hē.ve) |
| 3. | (he.vē.ṣa) → | (ṣa.ve.hē) → | (ṣa.ve.hē) |
| 4. | (he.vē.ṣa) → | (ṣa.ve.hē) → | (ṣa.ve.hē) |
| 5. | (he.vē.ṣa) → | (ṣa.ve.hē) → | (ṣa.ve.hē) |
| 6. | (he.vē.ṣa) → | (ṣa.ve.hē) → | (ṣa.ve.hē) |
| 7. | (he.vē.ṣa) → | (ṣa.ve.hē) → | (ṣa.ve.hē) |
| 8. | (he.vē.ṣa) → | (ṣa.he.vē) → | (ṣa.he.vē) |

## 91. ĩn.ver.sāw

1. (ĩn.ver.sāw) → (sāw.ĩn.vēh) → (sāw.ĩn.vēh)
2. (ĩn.veh.sāw) → (saw.in.veh) → (saw.in.veh)
3. (ĩn.veh.sāw) → (veh.sāw.ĩn) → (veh.sāw.ĩn)
4. (ĩn.veh.sāw) → (saw.ĩn.veh) → (saw.ĩn.veh)
5. (ĩn.veh.sāw) → (sāw.veh.ĩn) → (sāw.veh.ĩn)
6. (ĩn.verh.sāw) → (sāw.veh.ĩn) → (sāw.veh.ĩn)
7. (ĩn.veh.sāw) → (sāw.veh.ĩn) → (sāw.veh.ĩn)
8. (ĩn.ver.sāw) → (sāw.ver.ĩn) → (sāw.ver.ĩn)

## 92. ba.rū.ʎo

1. (ba.rū.ʎo) → (ʎo.rū.ba) → (ʎo.rū.ba)
2. (ba.rū.ʎo) → (ʎo.ba.rū) → (ʎo.ba.rū)
3. (ba.rū.ʎo) → (ʎo.rū.ba) → (ʎo.rū.ba)
4. (ba.rū.ʎo) → (ʎo.rū.ba) → (ʎo.rū.ba)
5. (ba.rū.ʎo) → (ʎo.ru.bā) → (ʎo.ru.bā)
6. (ba.rū.ʎo) → (ʎo.rū.ba) → (ʎo.rū.ba)
7. (ba.rū.ʎo) → (ʎo.ru.bā) → (ʎo.ru.bā)
8. (ba.rū.ʎo) → (ʎo.ru.bā) → (ʎo.ru.bā)

## 93. a.lū.nas

1. (a.lū.nas̄) → (na.lū.nas̄) → (na.lū.nas̄)
2. (a.lū.nas̄) → (na.zū.la) → (na.zū.la)
3. (a.lū.nas̄) → (nas.lū.a) → (na.lū.a)
4. (a.lū.nas̄) → (sa.lū.a) → (sa.lū.a)
5. (a.lū.nas̄) → (nas.lū.a) → (nas.lū.a)
6. (a.lū.nas̄) → (nas̄.lū.a) → (nas̄.lū.a)
7. (a.lū.nas̄) → (nas.lu.ã) → (nas.lu.ã)
8. (a.lū.nas̄) → (nas.lū.a) → (nas.lū.a)

## 94. 5.bu.lo

1. (5̄.bu.lo) → (15̄.bu.o) → (15̄.bu.o)
2. (5̄.bu.lo) → (1o.ō.ba) → (1o.ō.ba)
3. (5̄.bu.lo) → (1o.bu.5̄) → (1o.bu.5̄)
4. (5̄.bu.lo) → (1o.bu.5̄) → (1o.bu.5̄)
5. (5̄.bu.lo) → (1o.bu.5̄) → (1o.bu.5̄)
6. (5̄.bu.lo) → (1ō.bu.ɔ) → (1ō.bu.ɔ)
7. (5̄.bu.lo) → (1o.bu.5̄) → (1o.bu.5̄)
8. (5̄.bu.lo) → (1ō.bu.o) → (1ō.bu.o)

## 95. e.vāw.do

1. (e.vāw.do) → (de.vāw) → (de.vāw)
2. (e.vāw.do) → (do.e.vā) → (do.e.vāw)
3. (e.vāw.do) → (do.vā.e) → (do.vā.e)
4. (e.vāw.do) → (do.vāw.e) → (do.vāw.e)
5. (e.vāw.do) → (do.vāw.o.e) → (do.vāw.o.e)
6. (e.vāw.do) → (do.vaw.ē) → (do.vaw.ē)
7. (e.vāw.do) → (do.vaw.ē) → (do.vaw.ē)
8. (e.vāw.do) → (do.vaw.ēn) → (do.vaw.ēn)

## 96. vo.lū.me

1. (vo.lū.me) → (me.lō.vo) → (me.lō.vo)
2. (vo.lū.me) → (me.vo.lū) → (me.vo.lū)
3. (vo.lū.me) → (me.lū.vo) → (me.lū.vo)
4. (vo.lū.me) → (me.lū.vo) → (me.lū.vo)
5. (vo.lū.me) → (me.lū.vo) → (me.lū.vo)
6. (vo.lū.me) → (me.lō.vo) → (me.lō.vo)
7. (vo.lū.me) → (me.lu.vē) → (me.lu.vē)
8. (vo.lū.me) → (me.lū.ve) → (me.lū.ve)



## 97. ĩn.dūs.trya

1. (ĩn.dūs<sup>V</sup>.trya) → (ay.trūs<sup>V</sup>.du) → (ay.trūs<sup>V</sup>.du)
2. (ĩn.dūs<sup>V</sup>.trya) → (trya.ĩn.dū) → (trya.ĩn.dū)
3. (ĩn.dūs<sup>V</sup>.trya) → (trya.dūs<sup>V</sup>.ĩn) → (trya.dū.zĩn)
4. (ĩn.dūs<sup>V</sup>.trya) → (trya.dūs<sup>V</sup>.ĩn) → (trya.dūs<sup>V</sup>.ĩn)
5. (ĩn.dūs<sup>V</sup>.trya) → (trya.du.ĩn) → (trya.du.zĩn)
6. (ĩn.dūs<sup>V</sup>.trya) → (trya.dūs<sup>V</sup>.ĩn) → (trya.dūs<sup>V</sup>.ĩn)
7. (ĩn.dūs<sup>V</sup>.trya) → (trya.dūs<sup>V</sup>.ĩn) → (trya.dūs<sup>V</sup>.ĩn)
8. (ĩn.dūs<sup>V</sup>.trya) → (tri.dūs<sup>V</sup>.ĩn) → (tri.dūs<sup>V</sup>.ĩn)

## 98. how.ki.dāw

1. (how.ki.dāw) → (āw.ki.hōw) → (āw.ki.hōw)
2. (how.ki.dāw) → (dāw.how.kī) → (dāw.how.kī)
3. (how.ki.dāw) → (dāw.rōw) → (dāw.rōw)
4. (how.ki.dāw) → (dāw.ki.hōw) → (dāw.ki.hōw)
5. (how.ki.dāw) → (ki.dāw.how) → (ki.dāw.how)
6. (how.ki.dāw) → (dāw.ki.hōw) → (dāw.ki.hōw)
7. (how.ki.dāw) → (dāw.ki.hōw) → (dāw.ki.hōw)
8. (how.ki.dāw) → (dāw.how.ĩn) → (dāw.how.ĩn)

## 99. ke.rī.da

1. (ke.rī.da) → (da.rī.ka) → (da.rī.ka)
2. (ke.rī.da) → (da.ke.rī) → (da.ke.rī)
3. (ke.rī.da) → (da.kē.ri) → (da.kē.ri)
4. (ke.rī.da) → (da.rī.ke) → (da.rī.ke)
5. (ke.rī.da) → (da.ri.kē) → (da.ri.kē)
6. (ke.rī.da) → (da.ri.kē) → (da.ri.kē)
7. (ke.rī.da) → (da.ri.kē) → (da.ri.kē)
8. (ke.rī.da) → (da.ri.kē) → (da.ri.kē)

## 100. me.tér

- |             |   |          |   |          |
|-------------|---|----------|---|----------|
| 1. (me.téh) | → | (te.méh) | → | (te.méh) |
| 2. (me.téh) | → | (te.méh) | → | (te.méh) |
| 3. (me.téh) | → | (téh.me) | → | (téh.me) |
| 4. (me.téh) | → | (téh.me) | → | (téh.me) |
| 5. (me.téh) | → | (teh.mé) | → | (teh.mé) |
| 6. (me.téh) | → | (téh.me) | → | (téh.me) |
| 7. (me.téh) | → | (teh.mé) | → | (teh.mé) |
| 8. (me.tér) | → | (ter.mé) | → | (ter.mé) |

## 101. e.ter.nór

- |                |   |              |   |              |
|----------------|---|--------------|---|--------------|
| 1. (e.teh.nóh) | → | (nóh.te.neh) | → | (nóh.te.neh) |
| 2. (e.ter.nóh) | → | (no.e.téh)   | → | (no.e.téh)   |
| 3. (e.teh.nóh) | → | (no.téh)     | → | (no.tér)     |
| 4. (e.teh.nóh) | → | (ho.noh.téh) | → | (ho.noh.téh) |
| 5. (e.teh.nóh) | → | (noh.teh.éh) | → | (noh.teh.éh) |
| 6. (e.teh nóh) | → | (nóh.teh.eh) | → | (nóh.teh.eh) |
| 7. (e.teh nóh) | → | (noh.teh.é)  | → | (noh.teh.é)  |
| 8. (e.ter.nór) | → | (nor.ter.ēn) | → | (nor.ter.ēn) |

## 102. a.mār

- |            |   |         |   |          |
|------------|---|---------|---|----------|
| 1. (a.māh) | → | (hā.ma) | → | (hā.na)  |
| 2. (a.māh) | → | (hā.ma) | → | (hā.ma)  |
| 3. (a.māh) | → | (māh)   | → | (māh )   |
| 4. (a.māh) | → | (hā.ma) | → | (hā.ma)  |
| 5. (a.māh) | → | (ma.rā) | → | (ma.rā)  |
| 6. (a.mar) | → | (ah.ma) | → | (āh.ma)  |
| 7. (a.māh) | → | (mah.ā) | → | (mah.ā)  |
| 8. (a.mār) | → | (rā.ma) | → | (rār.ma) |

## 103. vi.dāw

- |             |   |            |   |            |
|-------------|---|------------|---|------------|
| 1. (vi.dāw) | → | (āw.vī.da) | → | (āw.vī.da) |
| 2. (vi.dāw) | → | (dāw.vī)   | → | (dāw.vī)   |
| 3. (vi.dāw) | → | (dāw.vīn)  | → | (dāw.vīn)  |
| 4. (vi.dāw) | → | (dāw.vi)   | → | (dāw.vi)   |
| 5. (vi.dāw) | → | (dāw.vī)   | → | (dāw.vī)   |
| 6. (vi.dāw) | → | (dāw.vi)   | → | (dāw.vi)   |
| 7. (vi.dāw) | → | (dāw.vī)   | → | (dāw.vī)   |
| 8. (vi.dāw) | → | (āw.vī)    | → | (āw.vī)    |

## 104. a.tār

- |            |   |          |   |          |
|------------|---|----------|---|----------|
| 1. (a.tāh) | → | (hā.ta)  | → | (hā.ta)  |
| 2. (a.tāh) | → | (hā.ta)  | → | (hā.ta)  |
| 3. (a.tāh) | → | (tāh)    | → | (tāh)    |
| 4. (a.tāh) | → | (hā.ta)  | → | (hā.ta)  |
| 5. (a.tāh) | → | (tah.ā)  | → | (tah.ā)  |
| 6. (a.tāh) | → | (tāh.a)  | → | (tāh.a)  |
| 7. (a.tāh) | → | (tah.ā)  | → | (tah.ā)  |
| 8. (a.tār) | → | (rār.ta) | → | (rār.ta) |

## 105. 5.bi.to

- |              |   |            |   |           |
|--------------|---|------------|---|-----------|
| 1. (5.bi.to) | → | (t5.bi.to) | → | (t5.bi.o) |
| 2. (5.bi.to) | → | (to.5.bi)  | → | (to.5.bi) |
| 3. (5.bi.to) | → | (to.bi.5)  | → | (to.bi.5) |
| 4. (5.bi.to) | → | (to.bi.5)  | → | (to.bi.5) |
| 5. (5.bi.to) | → | (to.bi.5)  | → | (to.bi.5) |
| 6. (5.bi.to) | → | (to.5)     | → | (to.5)    |
| 7. (5.bi.to) | → | (to.bi5)   | → | (to.bi5)  |
| 8. (5.bi.to) | → | (to.5b)    | → | (to.5b)   |

## 106. ĩn.klú.zo

- |                |   |             |   |             |
|----------------|---|-------------|---|-------------|
| 1. (ĩn.klú.zo) | → | (zo.ĩn.klu) | → | (zo.ĩn.klu) |
| 2. (ĩn.klú.zo) | → | (zo.ĩn.klu) | → | (zo.ĩn.klu) |
| 3. (ĩn.klú.zo) | → | (zo.klú.ĩn) | → | (zo.klú.ĩn) |
| 4. (ĩn.klú.zo) | → | (zo.klu.ĩn) | → | (zo.klu.ĩn) |
| 5. (ĩn.klú.zo) | → | (zo.klu.ĩn) | → | (zo.klu.ĩn) |
| 6. (ĩn.klú.zo) | → | (zo.klú.ĩn) | → | (zo.klú.ĩn) |
| 7. (ĩn.klú.zo) | → | (zo.klu.ĩn) | → | (zo.klu.ĩn) |
| 8. (ĩn.klú.zo) | → | (zo.ĩn.klú) | → | (zo.ĩn.klú) |

## 107. prān.to

- |              |   |           |   |           |
|--------------|---|-----------|---|-----------|
| 1. (prān.to) | → | (tām.pro) | → | (tām.pro) |
| 2. (prān.to) | → | (to.prā)  | → | (to.prā)  |
| 3. (prān.to) | → | (to.prā)  | → | (to.prā)  |
| 4. (prān.to) | → | (tōm.prā) | → | (tōm.prā) |
| 5. (prān.to) | → | (to.prā)  | → | (to.prā)  |
| 6. (prān.to) | → | (to.prā)  | → | (to.prā)  |
| 7. (prān.to) | → | (to.prā)  | → | (to.prā)  |
| 8. (prān.to) | → | (to.prā)  | → | (to.prā)  |

## 108. kōm.pāk.to

- |                 |   |                |   |                |
|-----------------|---|----------------|---|----------------|
| 1. (kōm.pāk.to) | → | (tōŋ.kāp.to)   | → | (tōŋ.kāp.to)   |
| 2. (kōm.pāk.to) | → | (to.kōm.pā)    | → | (to.kōm.pā)    |
| 3. (kōm.pāk.to) | → | (to.pāk.to)    | → | (to.pāk.to)    |
| 4. (kōm.pāk.to) | → | (tok.pāŋ.ko)   | → | (tok.pāŋ.ko)   |
| 5. (kōm.pāk.to) | → | (kōm.pā.ki.to) | → | (kōm.pā.ki.to) |
| 6. (kōm.pāk.to) | → | (ki.to.pa.kōm) | → | (ki.to.pa.kōm) |
| 7. (kōm.pāk.to) | → | (to.pak.kōm)   | → | (to.pak.kōm)   |
| 8. (kōm.pāk.to) | → | (to.kāp.kōm)   | → | (to.kāp.kōm)   |

## 109. maw.ã

- |             |   |           |   |           |
|-------------|---|-----------|---|-----------|
| 1. (maw.ã)  | → | (aw.ã̃m)  | → | (aw.ã̃m)  |
| 2. (ma.u.ã) | → | (u.ã̃.ma) | → | (u.ã̃.ma) |
| 3. (maw.ã)  | → | (a.mãw)   | → | (a.mãw)   |
| 4. (maw.ã)  | → | (aw.mã)   | → | (aw.mã)   |
| 5. (maw.ã)  | → | (a.mãw)   | → | (a.mãw)   |
| 6. (maw.ã)  | → | (wa.mãw)  | → | (wa.mãw)  |
| 7. (maw.ã)  | → | (wa.mã)   | → | (wa.mã)   |
| 8. (maw.ã)  | → | (u.mãw)   | → | (u.mãw)   |

## - Utilização, das RJ em trissílabos - (geral)

	1	2	3	4	5	6	7	8
50. paterno	-	C	B	C	A	A	A	A
51. platina	A	C	C	A	A	A	A	A
52. étnico	A	C	C	-	-	-	A	-
52. matinal	A	C	A	A	A	A	A	A
54. incrível	-	-	A	-	A	A	A	A
55. tônica	F	C	C	A	C	-	A	A
56. médico	-	C	C	A	A	A	A	A
57. posição	C	C	A	A	A	A	A	A
58. acima	B	A	A	A	A	A	A	A
59. eunice	A	A	-	A	E	A	A	A
60. palavra	A	C	C	A	A	A	A	A
61. opala	E	C	C	C	C	C	C	C
62. estilo	A	C	-	A	A	A	A	A
64. português	A	-	C	A	A	A	A	A
65. escravo	A	C	C	A	A	A	A	A
66. maleta	E	C	A	A	A	A	A	A
67. enjôo	-	B	F	C	A	A	A	A
68. aturou	A	-	A	A	A	A	A	A
69. buraco	C	C	A	F	A	A	A	A
70. verdinho	C	C	B	A	A	A	A	A
71. vitória	-	C	A	A	A	A	A	C
72. europa	E	C	C	-	A	A	A	A
73. marilda	B	C	-	A	A	A	A	A

## Legenda

A= 123 → 321 → RJ<sub>1</sub>B= 123 → 231 → RJ<sub>2</sub>C= 123 → 312 → RJ<sub>3</sub>D= 123 → 132 → RJ<sub>4</sub>E= 123 → 213 → RJ<sub>5</sub>F= 123 → 123 → RJ<sub>6</sub>

RJ \ In	1	2	3	4	5	6	7	8
1	13	8	22	42	45	45	51	43
2	3	1	4	-	1	1	1	-
3	8	40	14	4	3	2	1	9
4	-	-	-	-	-	-	-	-
5	4	-	-	-	1	-	-	-
6	5	-	3	3	-	-	-	-

74. enredo	B	C	-	A	A	A	A	A
75. matagal	-	C	A	A	A	A	A	C
76. enquete	A	C	F	A	A	A	B	C
77. enrosco	-	C	A	A	A	A	A	A
78. dezenho	-	C	-	A	C	-	A	C
79. relógio	-	C	B	A	A	A	A	C
80. opera	E	C	-	A	A	A	A	A
81. estudo	B	C	A	A	A	A	A	C
82. técnica	C	-	-	A	A	A	A	-
83 vibrante	A	C	A	A	A	A	A	A
84. ópera	C	C	A	A	A	A	A	A
85. ventoso	C	C	A	A	A	C	A	A
86. dalvina	A	C	C	A	A	A	A	A
87. urubu	A	A	A	A	A	A	A	A
88. pássaro	-	A	C	A	A	A	A	A
89. nacional	-	A	A	F	A	A	A	-
90. reveja	-	C	A	A	A	A	A	A
91. inversão	C	C	B	C	A	A	A	A
92. barulho	A	C	A	A	B	A	A	A
93. alunas	F	A	A	A	A	A	A	A
94. óbito	F	C	A	A	A	A	A	A
95. evaldo	-	C	A	A	-	A	A	A
96. volume	A	C	A	A	A	A	A	A
97. indústria	-	A	C	A	A	A	A	A
98. rouquidão	A	C	-	A	A	B	A	C
99. querida	A	C	C	A	A	A	A	A
101. eternor	A	C	-	F	A	A	A	A

105. ôbito	F	A	C	A	A	-	A	-
106. incluso	C	C	A	A	A	A	A	C
108. compacto	F	C	F	A	-	-	A	A



01. Utilização da RJ<sub>0</sub> S<sub>1</sub>S<sub>2</sub> S<sub>2</sub>S<sub>1</sub>

(Sem interferência de outros processos)

Dados \ Informantes	1	2	3	4	5	6	7	8	
01. rapê	+	+	-	-	-	-	-	-	3
02. atlas	-	-	-	-	-	-	-	+	1
03. oiça	-	-	-	-	-	+	-	+	2
04. vilca	-	+	-	+	-	+	-	+	4
05. meigo	-	+	-	-	-	-	-	+	2
06. pobre	-	-	+	-	-	-	+	+	4
07. dourar	-	-	-	-	-	-	+	-	1
08. bumbo	-	-	-	-	+	-	-	+	3
09. trança	-	-	-	-	+	-	-	-	2
10. jura	+	+	-	+	+	+	-	+	1
11. edna	-	-	-	-	-	+	-	+	2
12. digno	-	-	-	-	-	-	-	+	1
13. sigla	-	+	+	+	+	+	-	+	7
14. preto	-	+	-	+	+	+	-	+	5
15. tocha	-	-	+	+	+	+	+	+	3
16. grosso	-	-	+	+	+	+	+	+	6
17. molho	-	-	-	-	-	-	-	-	1
18. cada	-	-	+	-	+	+	+	+	5
19. ciclo	-	+	+	-	+	-	+	-	4
20. cravo	-	+	+	+	+	-	+	+	6
21. cano	-	-	-	+	+	+	+	+	5
22. lixo	-	+	+	+	+	-	+	+	6
23. mirna	-	+	+	-	+	-	+	+	5

24. tora	-	-	-	+	-	+	-	+	3
25. chula	-	-	-	+	+	+	+	+	5
26. porta	-	-	+	-	+	+	-	-	4
27. grande	-	-	+	-	-	-	-	-	1
28. ouro	-	-	-	-	+	+	-	-	2
29. Selma	-	+	-	-	+	+	-	+	4
30. atar	-	-	-	-	+	-	-	-	1
31 triplo	-	+	+	+	+	-	+	+	6
32. longe	-	-	-	-	+	-	-	+	2
33. raro	-	+	-	+	+	+	-	+	5
34. varrer	-	-	-	-	+	-	-	-	1
35. erma	-	+	+	+	+	+	+	+	7
36. nota	-	+	-	-	+	+	+	+	5
37. filô	+	+	+	-	+	+	-	-	5
38. café	-	+	+	-	+	-	+	+	5
39. sobre	-	+	+	-	+	-	+	+	4
40. língua	-	+	+	-	-	+	-	+	4
41. curso	-	+	-	-	+	+	-	+	4
42. vogal	-	+	+	-	-	+	-	-	3
43. assim	-	-	-	-	-	-	-	-	0
44. dupla	+	+	+	+	+	+	+	+	8
45. naba	-	-	-	-	+	-	+	+	3
46. crise	-	+	+	-	+	+	-	+	5
47. apto	-	+	-	-	-	-	-	+	2
48. vulgar	-	+	-	-	+	-	-	-	2
49. mentir	-	-	-	-	-	-	-	-	0
63. nenhum	-	-	-	-	+	-	+	-	2
100. meter	-	-	+	-	-	+	-	-	2

102. amor	-	-	-	-	-	-	-	-	0
103. vidão	-	-	-	+	-	+	-	-	2
104. atar	-	-	-	-	-	+	-	-	1
107. pranto	-	-	-	-	-	+	-	-	0
109. mauá									0
Total	55	4	26	23	15	34	28	17	35

02. Utilização da  $RJ_1 = S_1 S_2 S_3$  —  $S_3 S_2 S_1$ 

Informantes	1	2	3	4	5	6	7	8
Dados								
50. paterno	-	-	-	-	-	+	-	-
51. platina	+	-	-	+	-	+	-	+
52. étnico	-	-	-	-	-	-	-	-
53. matinal	-	-	-	-	-	+	-	-
54. incrível	-	-	+	-	-	+	-	-
55. tônica	-	-	-	+	-	-	+	+
56. médico	-	-	-	+	-	-	+	+
57. posição	-	-	-	+	-	-	-	-
58. acima	-	-	+	+	-	+	-	+
59. euníse	-	-	-	+	-	-	-	-
60. palavra	+	-	-	+	-	-	-	-
61. opala	-	-	-	-	-	+	-	-
62. estilo	-	-	-	+	-	-	-	-
64. portugueses	-	-	-	-	-	-	-	-
65. escravo	-	-	-	-	-	+	-	-
66. maleta	-	-	+	+	-	-	-	-
67. enjôo	-	-	-	-	-	-	-	-
68. aturou	-	-	-	-	-	+	-	-
69. buraco	-	-	+	-	-	-	-	-
70. verdinho	-	-	-	-	-	-	-	-
71. vitória	-	-	-	+	+	-	-	-
72. europa	-	-	-	-	-	+	-	-
73. marilda	-	-	-	+	-	+	-	+



105. óbito	-	-	-	-	-	-	-	-
106. incluso	-	-	-	-	-	-	-	-
108. compacto	-	-	-	-	-	-	-	-
	0	1	1	0	0	0	0	0



73. marilda	-	-	-	-	-	-	-	-
74. enredo	-	-	-	-	-	-	-	-
75. matagal	-	-	-	-	-	-	-	-
76. enquete	-	-	-	-	-	-	-	-
77. enrosco	-	-	-	-	-	-	-	-
78. desenho	-	-	-	-	-	-	-	-
79. relógio	-	-	-	-	-	-	-	-
80. ópera	-	-	-	-	-	-	-	-
81. estudo	-	-	-	-	-	-	-	-
82. técnica	-	-	-	-	-	-	-	-
83. vibrante	-	-	-	-	-	-	-	-
84. ópera	-	-	-	-	-	-	-	-
85. ventoso	-	-	-	-	-	-	-	-
86. dalvína	-	-	-	-	-	-	-	-
87. urubū	-	-	-	-	-	-	-	-
88. pássaro	-	-	-	-	-	-	-	-
89. nacional	-	-	-	-	-	-	-	-
90. reveja	-	-	-	-	-	-	-	-
91. inversão	-	-	-	-	-	-	-	-
92. barulho	-	-	-	-	-	-	-	-
93. alunas	-	-	-	-	-	-	-	-
94. óbulo	-	-	-	-	-	-	-	-
95. evaido	-	-	-	-	-	-	-	-
96. volume	-	-	-	-	-	-	-	-
97. indústria	-	-	-	-	-	-	-	-
98. rouquidão	-	-	-	-	-	-	-	-
99. querida	-	-	-	-	-	-	-	-
101. eterno	-	-	-	-	-	-	-	-



105. ôbito	-	-	+	+	+	-	+	-
106. incluso	-	-	+	-	-	+	-	-
108. compacto	-	-	-	-	-	-	-	-
Total 53	3	0	10	27	8	13	7	7



76. enquête	-	+	-	-	-	-	-	+
77. enrosco	-	+	-	-	-	-	-	-
78. dezêno	-	-	-	-	-	-	-	-
79. relógio	-	+	-	-	-	-	-	-
80. opera	-	-	-	-	-	-	-	-
81. estudo	-	+	-	-	-	-	-	-
82. técnica	-	-	-	-	-	-	-	-
83. vibrante	-	-	-	-	-	-	-	-
84. ópera	-	+	-	-	-	-	-	-
85. ventoso	-	+	-	-	-	-	-	-
86. dalvína	-	-	-	-	-	-	-	-
87. urubu	-	-	-	-	-	-	-	-
88. pássaro	-	+	-	-	-	-	-	-
89. nacional	-	-	-	-	-	-	-	-
90. reveja	-	-	-	-	-	-	-	-
91. inversão	-	-	-	-	-	-	-	-
92. barulho	-	+	-	-	-	-	-	-
93. alunas	-	-	-	-	-	-	-	-
94. óbulo	-	-	-	-	-	-	-	-
95. evãdo	-	-	-	-	-	-	-	-
96. volume	-	+	-	-	-	-	-	-
97. indústria	-	-	-	-	-	-	-	-
98. rouquidão	-	-	-	-	-	-	-	-
99. querida	-	+	+	-	-	-	-	-
101. eterno	-	-	-	-	-	-	-	-
105. óbito	-	+	-	-	-	-	-	-
106. incluso	-	-	-	-	-	-	-	+
108. compacto	-	-	-	-	-	-	-	-
	0	13	4	1	0	0	0	2



72. europa	-	-	-	-	-	-	-	-
73. marilda	-	-	-	-	-	-	-	-
74. enredo	-	-	-	-	-	-	-	-
74. matagal	-	-	-	-	-	-	-	-
76. enquete	-	-	-	-	-	-	-	-
77. enrosco	-	-	-	-	-	-	-	-
78. dezenho	-	-	-	-	-	-	-	-
79. relógio	-	-	-	-	-	-	-	-
80. opera	-	-	-	-	-	-	-	-
81. estudo	-	-	-	-	-	-	-	-
82. técnica	-	-	-	-	-	-	-	-
83. vibrante	-	-	-	-	-	-	-	-
84. ópera	-	-	-	-	-	-	-	-
85. ventoso	-	-	-	-	-	-	-	-
86. dalvina	-	-	-	-	-	-	-	-
87 urubu	-	-	-	-	-	-	-	-
88. pássaro	-	-	-	-	-	-	-	-
89. nacional	-	-	-	-	-	-	-	-
90. reveja	-	-	-	-	-	-	-	-
91. inversão	-	-	-	-	-	-	-	-
92. barulho	-	-	-	-	-	-	-	-
93. alunas	-	-	-	-	-	-	-	-
94. óbulo	-	-	-	-	-	-	-	-
95. evaldo	-	-	-	-	-	-	-	-
96. volume	-	-	-	-	-	-	-	-
97. indústria	-	-	-	-	-	-	-	-
98. rouquidão	-	-	-	-	-	-	-	-
99. querida	-	-	-	-	-	-	-	-

101	eternor	-	-	-	-	-	-	-	-
105	ôbito	-	-	-	-	-	-	-	-
106	incluso	-	-	-	-	-	-	-	-
108	compacto	-	-	-	-	-	-	-	-
		0	0	0	0	0	0	0	0

06. Utilização de  $RJ_5 = S_1 S_2 S_3 \rightarrow S_2 S_1 S_3$ 

Informante	1	2	3	4	5	6	7	8
Dados								
50. paterno	-	-	-	-	-	-	-	-
51. platina	-	-	-	-	-	-	-	-
52. étnico	-	-	-	-	-	-	-	-
53. matinal	-	-	-	-	-	-	-	-
54. incrível	-	-	-	-	-	-	-	-
55. tônica	-	-	-	-	-	-	-	-
56. médico	-	-	-	-	-	-	-	-
57. posição	-	-	-	-	-	-	-	-
58. acima	-	-	-	-	-	-	-	-
59. eunise	-	-	-	-	+	-	-	-
60. palavra	-	-	-	-	-	-	-	-
61. opala	-	-	-	-	-	-	-	-
62. estilo	-	-	-	-	-	-	-	-
64. português	-	-	-	-	-	-	-	-
65. escravo	-	-	-	-	-	-	-	-
66. malaeta	+	-	-	-	-	-	-	-
67. enjôo	-	-	-	-	-	-	-	-
68. aturou	-	-	-	-	-	-	-	-
69. buraco	-	-	-	-	-	-	-	-
70. verdinho	-	-	-	-	-	-	-	-
71. vitória	-	-	-	-	-	-	-	-
72. europa	+	-	-	-	-	-	-	-





105	ôbito	-	-	-	-	-	-	-
106	incluso	-	-	-	-	-	-	-
108	compacto	-	-	-	-	-	-	-
		1	0	0	0	1	0	0



76. enquete	-	-	+	-	-	-	-	-
77. enroscó	-	-	-	-	-	-	-	-
78. desénho	-	-	-	-	-	-	-	-
79. relógio	-	-	-	-	-	-	-	-
80. ópera	-	-	-	-	-	-	-	-
81. estudo	-	-	-	-	-	-	-	-
82. técnica	-	-	-	-	-	-	-	-
83. vibrante	-	-	-	-	-	-	-	-
84. ópera	-	-	-	-	-	-	-	-
85. ventoso	-	-	-	-	-	-	-	-
86. dalvína	-	-	-	-	-	-	-	-
87. urubú	-	-	-	-	-	-	-	-
88. pássaro	-	-	-	-	-	-	-	-
89. nacional	-	-	-	+	-	-	-	-
90. reveja	-	-	-	-	-	-	-	-
91. inversão	-	-	-	-	-	-	-	-
92. barúlho	-	-	-	-	-	-	-	-
93. alunas	-	-	-	-	-	-	-	-
94. óbulo	+	-	-	-	-	-	-	-
95. evaldo	+	-	-	-	-	-	-	-
96. volume	-	-	-	-	-	-	-	-
97. indústria	-	-	-	-	-	-	-	-
98. rouquidão	-	-	-	-	-	-	-	-
99. querida	-	-	-	-	-	-	-	-
101. eterno	-	-	-	+	-	-	-	-
105. óbito	+	-	-	-	-	-	-	-
106. incluso	-	-	-	-	-	-	-	-
108. compacto	+	-	+	-	-	-	-	-
	5	0	3	3	0	0	0	0

08,09,10,11,12

Trissílabos Proparoxítonos que apresentam  
cento tônico Estático.

	1		2		3		4		5		6		7		8	
	RJ	E	RJ	E	RJ	E	RJ	E	RJ	E	RJ	E	RJ	E	RJ	E
52. étnico	1	+	2	-	2	-	-	+	-	-	-	-	1	-	-	-
55. tônica		+	2	-	2	-	1	-	2	-	-	+	1	-	+	-
56. médico	-	+	2	-	2	-	1	-	1	-	1	-	1	-	1	-
82. técnica	2	-	-	-	-	-	1	-	1	-	1	-	1	-	-	-
84. ópera	2	-	2	-	1	-	1	-	1	-	1	+	1	-	1	+
88. pássaro	-	+	1	-	2	-	1	-	1	-	1	+	1	-	1	-
94. óbulo		+	2	-	1	-	1	-	1	-	1	+	1	-	1	+
105.óbulo		+	1	-	2	-	1	-	1	-	-	-	1	-	-	-

13,14,15,16,17

Trissílabos oxítonos que apresentam acento  
tônico Estático.

	1		2		3		4		5		6		7		8	
	RJ	E	RJ	E	RJ	E	RJ	E	RJ	E	RJ	E	RJ	E	RJ	E
52. matinal	1	-	2	+	1	-	1	+	1	-	1	-	1	-	1	-
57. posição	2	+	2	+	1	-	1	-	1	+	1	-	1	+	1	+
64. portugueses	1	+	-	-	2	-	1	-	1	-	1	-	1	+	1	+
68. aturou	1	+	-	-	1	-	1	-	1	+	1	-	1	+	1	-
75. matagal	-	-	2	+	1	-	1	+	1	+	1	-	1	+	2	+
87. urubu	1	+	1	+	1	+	1	+	1	+	1	+	1	+	1	+
89. nacional	-	-	1		1	-		-	1	+	1	-	1	+	-	+
91. inversão	2	+	2	+	4	-	1	+	1	-	1	-	1	+	1	+
98. rouquidão	1	+	2	+	-	-	1	-	1	+	4	+	1	+	2	+
101. eternor	1	-	2	+	-	-		+	1	+	1	-	1	++	1	+

18,19,20,21,22

## Trissílabos Paroxítonos com acento tônico Estático

	1		2		3		4		5		6		7		8	
	RJ	E	RJ	E	RJ	E	RJ	E	RJ	E	RJ	E	RJ	E	RJ	E
50. paterno	-	+	2	-	5	-	2	+	-	-	m	+	1	-	1	+
51. platina	1	+	2	-	2	+	1	+	1	+	1	+	1	-	1	+
54. incrível	-	+	-	-	1	+	-	-	1	-	1	+	1	-	1	-
58. acima	5	+	1	+	1	+	1	+	1	+	1	+	1	-	1	+
59. Eunice	1	+	2	-	-	-	1	+	4	+	1	+	1	-	1	-
60. palavra	1	+	2	+	2	+	2		2	-	2	+	2	-	2	-
61. opala	4	+	2	+	2	+	2		2	-	2	+	2	-	2	-
62. estilo	1	+	2	-	-	-	1	+	1	-	1	+	1	-	1	-
65. escravo	1	+	2	+	2	-	1		1	+	1	-	1	-	1	-
66. maleta	4	+	2	-	1	+	1	+	1	-	1	+	1	-	1	-
67. enjôo	-	-	5	-	-	-	2		1	-	1	-	1	-	1	-
69. buraco	2	+	2	-	1	+	-	+	1	+	1	-	1	-	1	-
70. verdinho	2	+	2	-	5	-	1	+	1	-	1	-	1	-	1	-
71. vitória	-	-	2	-	1	+	1	+	1	-	1	-	1	-	2	-
72. europa	4	+	2	-	2	-	-	-	1	-	1	-	1	-	1	-
73. marilda	1	+	2	-	-	-	1	+	1	-	1	+	1	-	1	+
74. enredo	4	+	2	-	-	-	1	-	1	-	1	+	1	-	1	-
76. enquete	1	+	2	-	6	-	1	+	1	-	1	-	5	-	2	-
77. enrosco	-	-	2	-	1	-	1	+	1	-	1	+	1	-	1	-
78. dezenho	-	+	2	-	-	-	1	-	2	-	-	-	1	-	2	-
79. relógio	-	-	2	-	5	+	1	+	1	-	1	-	1	-	2	-
80. ópera	4	+	2	+	-	+	1	-	1	-	1	+	1	-	1	-
81. estudo	5	+	2	-	1	-	1	+	1	-	1	+	1	-	2	-
83. vibrante	1	+	2	+	1	+	1	+	1	-	1	+	1	-	2	-
85. ventoso	2	+	2	-	1	+	1	-	1	-	2	+	1	-	1	-
86. dalvina	1	+	2	-	2	-	1	-	1	-	2	+	1	-	1	-
90. reveja	-	+	2	+	1	-	1	-	1	-	1	-	1	-	1	-
92. barulho	1	+	2	+	1	-	1	-	1	-	1	-	1	-	1	-
93. alunas	-	+	1	+	1	+	1	-	1	+	1	+	1	-	1	+
95. Evaldo	-	-	2	-	1	+	1	+	-	-	1	+	1	-	1	-
96. volume	1	+	2	-	1	+	1	+	1	-	1	+	1	-	1	-
97. indústria	-	-	1	-	2	+	1	+	1	-	1	+	1	-	1	-
99. querida	1	+	2	+	2	+	1	+	1	-	1	+	1	-	1	-
106. incluso	2	+	2	+	1	+	1		1	-	1	-	1	-	1	-
108. compacto	-	+	2	-		+	1	+	-	-	-	-	1	-	1	+

23 - Dissílabos oxítonos com acento tônico  
Estático.

	1	2	3	4	5	6	7	8
1. rapê	-	-	-	+	+	+	+	+
7. dourar	-	+	-	-	+	-	+	+
34. varrer	+	+	-	+	+	-	+	-
37. filô	+	+	-	+	+	-	+	-
38. café	-	-	+	+	-	+	-	-
42. vogal	-	-	-	+	-	-	+	+
43. assim	+	-	+	-	+	+	-	+
48. vulgar	-	-	-	-	-	-	+	-
49. mentir	+	-	+	-	+	+	+	+
63. nenhum	+	+	+	-	-	+	-	+
100. meter	+	+	-	+	+	-	+	+
102. amar	-	-	-	-	+	-	+	-
104. atar	-	-	-	-	+	-	-	-
109. mauá	+	-	+	-	-	-	-	-
15	7	6	6	6	10	5	10	8

24- Dissílabos Paroxítonos que apresentam  
acento tônico Estático.

	1	2	3	4	5	6	7	8
2. atlas	+	+	+	-	+	+	+	-
3. oiça	+	+	-	+	-	-	+	-
4. v <sup>l</sup> lca	+	-	-	-	-	-	-	-
5. meigo	+	-	+	-	-	-	+	-
6. pobre	+	+	-	+	-	-	-	-
8. bumbo	+	-	-	+	-	-	+	-
9. trança	+	-	+	+	-	-	+	-
10. jura	-	-	-	-	-	-	+	-
11. edna	+	-	-	+	-	-	+	-
12. digno	-	-	-	-	-	-	-	-
13. sigla	+	-	-	-	-	-	+	-
14. preto	+	-	+	-	-	-	+	-
15. tocha	+	+	+	+	-	+	+	-
16. grosso	+	+	-	-	-	-	-	-
17. molho	+	+	-	+	+	-	+	+
18. cada	+	+	-	-	-	-	-	-
19. ciclo	+	-	-	+	-	+	-	+
20. cravo	+	-	-	+	-	+	-	-
21. cano	+	+	+	+	-	-	-	-
22. lixo	+	-	-	-	-	-	-	-
23. mirna	+	+	-	+	-	-	+	-
24. tora	+	-	-	-	-	-	-	-
25. chula	+	+	-	-	-	-	-	-



26. porta	+	+	+	+	-	-	-	-
27. grande	+	+	-	+	-	-	-	-
28. ouro	+	+	-	+	-	+	+	-
29. selma	+	-	-	-	-	-	+	-
30. éter	+	-	-	+	-	-	+	+
31. triplo	+	-	-	-	-	-	-	-
32. longe	+	-	-	+	-	-	+	-
33. raro	+	-	-	-	-	-	-	-
35. erma	+	-	-	-	-	-	-	-
36. nota	+	-	-	-	-	-	-	-
39. sobre	+	-	-	-	-	+	-	-
40. língua	+	-	-	+	-	-	-	-
44. dupla	-	-	-	-	-	-	-	-
46. crise	+	-	-	-	+	-	+	-
47. apto	-	-	-	+	-	-	-	-
107. pranto	+	-	-	-	-	-	-	-
39	35	13	6	19	3	6	17	3

## 25 - Núcleo Estático

	1	2	3	4	5	6	7	8
10. jura	-	-	-	-	-	-	+	-
13. sigla	+	-	-	-	-	-	-	-
15. tocha	+	-	-	-	+	-	-	-
17. molho	+	-	-	-	-	-	-	-
20. cravo	+	-	-	-	-	-	-	-
25. chula	+	-	-	-	-	-	-	-
36. nota	+	-	-	-	-	-	-	-
49. mentir	-	-	-	-	-	-	-	-
71. marilda	+	-	-	-	-	-	-	-
86. dalmira	+	-	-	-	-	-	-	-
	8	0	0	1	1	0	1	0

## 26 - Núcleo e coda Estáticos

	1	2	3	4	5	6	7	8
26. porta	+	-	-	-	-	-	-	-
28. selma	+	-	-	-	-	-	-	-
32. longe	+	-	-	-	-	-	-	-
107. pranto	+	-	-	-	-	-	-	-
	4	0	0	0	0	0	0	0

## 27.- Onset e núcleo Estáticos

	1	2	3	4	5	6	7	8
32. éter	+	-	-	-	-	-	+	+
102. amar	+	+	-	+	-	-	-	+
	2	1	0	1	0	0	1	2

## 28 - Onset Estático

	1	2	3	4	5	6	7	8
11. edna	-	-	-	+	-	-	-	-
47. apto	+	-	-	-	-	-	-	-
66. maleta	+	-	-	-	-	-	-	-
70. verdinho	+	-	-	-	-	-	-	-
101. eternor	+	-	-	-	-	-	-	-
	4	0	0	1	0	0	0	0

## 29 - Coda Estático

	1	2	3	4	5	6	7	8
3. oiça	-	-	-	-	-	-	+	-
4. vilca	+	-	-	-	-	-	-	-
6. pobre	-	-	-	-	-	+	-	-
7. dourar	-	-	-	-	-	-	-	-
8. bumbo	+	-	-	+	-	-	-	-
9. trança	+	-	+	+	-	-	+	-
12. digno	-	-	-	-	-	-	+	-
23. mirna	-	-	-	+	-	+	-	-
26. porta	+	-	-	-	-	-	-	-
27. grande	-	-	-	+	-	-	+	-
28. ouro	+	-	+	-	-	-	+	-
29. selma	-	-	+	+	-	-	+	-

30-Reduplicação: Onset de S final como Onset  
de S<sub>1</sub>.

	1	2	3	4	5	6	7	8
28. ouro	-	-	+	-	-	-	-	-
58. acima	-	-	+	-	-	+	--	-
80. opera	-	-	-	-	-	-	-	-
93. alunas	+	-	-	-	-	-	-	-
105. óbito	+	-	-	-	-	-	-	-
	2	0	2	1	0	1	0	0

31-Reduplicação: Coda de S final como Onset  
de S<sub>1</sub>.

	1	2	3	4	5	6	7	8
102. amar	+	+	-	+	-	-	-	+
104. atar	+	+	+	-	-	-	-	-
	2	2	1	1	0	0	0	1

## 32- Reduplicação: Coda Reduplicado

	1	2	3	4	5	6	7	8
2. atlas	-	-	-	-	-	-	+	-
8. bumbo	-	-	-	-	-	-	+	-
28. ouro	-	-	-	-	-	-	-	+
43. assim	-	-	-	-	-	-	+	-
86. dalvina	-	-	-	-	-	-	-	+
101. eternor	-	-	-	-	-	-	-	+
	0	0	0	0	0	0	3	3

## 33- Reduplicação: Núcleo Reduplicado

	1	2	3	4	5	6	7	8
28. ouro	-	+	-	-	-	-	-	-
88. pássaro	+	-	-	-	-	-	-	-
	1	1	0	0	0	0	0	0

## 34- Reduplicação Onset como coda em S final

	1	2	3	4	5	6	7	8
3. oiça	-	-	+	-	-	-	-	-
47. apto	-	-	-	-	-	-	+	-
	0	0	1	0	0	0	1	0

## 35 - Ambissilábicos

	1	2	3	4	5	6	7	8
34. varrer	-	-	-	-	+	-	-	-
51. platina	-	-	-	-	-	+	-	-
70. verdinho	-	+	-	+	+	+	-	-
78. dezenho	-	-	-	+	-	-	-	-
86. dalvina	-	-	-	+	+	-	-	-
109. mauá	-	-	-	-	-	-	+	-
	0	1	0	3	3	2	1	0

## 36-37 - Epêntese de Segmento Vocálico (Núcleo)

		1	2	3	4	5	6	7	8
11. edna	I	-	-	+	-	+	+	-	-
	O	-	-	-	-	+	+	-	-
12. digno	I	+	+	+	+	+	+	-	-
	O	+	+	+	-	+	+	-	-
47. apto	I	+	+	-	-	-	-	-	-
	O	-	+	-	-	-	-	-	-
52. étnico	I	+	+	+	+	+	-	-	-
	O	-	-	-	+	+	+	-	-
82. técnica	I	-	+	+	+	+	+	-	+
	O	-	-	-	-	-	-	-	-
108 compacto	I	-	+	-	-	+	-	-	+
	O	-	-	-	-	+	+	-	-
Totais	I	3	5	4	1	4	3	0	2
	O	1	2	1	2	4	5	0	0

Legenda . I= Input  
O= Output

## 38 - Epêntese de segmento nasal. (coda)

	1	2	3	4	5	6	7	8
79. relógio	-	-	-	-	-	-	-	+
80. opera	-	-	-	-	+	-	-	-
81. estudo	-	-	-	-	-	-	-	+
	0	0	0	0	1	0	0	2

## 39 - Elipse de coda nasal

	1	2	3	4	5	6	7	8
9. transa	-	-	-	-	-	+	-	+
27. grande	-	-	-	-	+	+	-	+
32. longe	-	-	-	+	-	-	-	-
40. língua	-	-	-	-	+	-	-	-
49. mentir	+	-	-	-	-	-	-	-
63. nenhum	-	-	-	-	-	+	-	-
76. enquete	-	-	-	-	+	-	-	-
83. vibrante	+	-	-	-	-	-	-	-
107. pranto	-	+	+	+	+	-	+	+
	2	1	1	2	4	3	1	3

## 40- Elipse da Onset

	1	2	3	4	5	6	7	8
4. vilca	-	-	-	-	-	-	+	-
17. molho	-	-	-	-	-	-	-	+
49. mentir	-	-	-	-	-	-	-	+
53. matinal	-	-	-	-	-	-	-	+
63. nenhum	-	-	+	-	-	-	-	-
68. aturou	-	-	+	-	-	-	-	-
79. relógio	-	-	+	-	-	-	-	-
98. rouquidão	+	+	-	-	-	-	-	-
103. vidão	-	-	-	-	-	-	-	+
	1	1	2	1	0	0	1	4

## 41 - Elipse de Coda

	1	2	3	4	5	6	7	8
7. dourar	-	+	-	+	-	-	-	+
34. varrer	-	-	-	+	-	-	-	-
48. vulgar	-	-	+	-	-	+	-	-
49. mentir	+	+	-	+	-	+	-	-
89. nacional	-	+	-	-	-	+	+	+
95. evaldo	-	-	+	-	-	-	-	-
97. indústria	-	+	-	-	+	-	-	-
101. eternor	-	+	+	-	-	-	-	-
	1	5	3	3	1	3	1	2



## 42- Levantamento Vocálico

	1	2	3	4	5	6	7	8
6. pobre	+	+	-	+	-	-	+	-
11. edna	+	-	-	+	-	-	+	-
15. tocha	-	+	-	-	-	-	-	-
17. molho	-		-	+	-	-	+	-
24. tora	+	-	+	-	-	-	-	-
26. porta	-	-	-	+	-	-	-	-
29. Selma	-	+	-	-	-	-	+	-
36. nota	-	-	+	+	-	-	-	-
45. naba	+	-	-	-	-	-	-	-
50. paterno	-	-	-	+	-	-	-	-
66. maleta	+	-	-	-	-	-	-	-
69. buraco	+	-	-	-	-	-	+	-
71. vitória	-	+	-	-	-	+	+	-
72. europa	+	-	-	-	-	-	-	+
74. enredo	+	-	-	-	-	-	-	-
76. enquete	-	-	+	-	+	-	-	-
78. dezenho	+	-	-	-	-	-	-	-
80. opera	+	-	-	-	-	-	+	+
83. vibrante	-	-	-	-	-	-	-	-
84. ópera	-	-	-	-	-	-	-	-
88. pássaro	-	-	-	+	-	-	-	-
94. óbulo	-	-	+	-	-	-	-	-
	10	5	4	7	1	1	7	2

30. éter	-	-	-	-	-	-	-	-
32. longe	-	-	+	-	-	-	+	-
34. varrer	+	+	-	-	-	-	-	-
40. língua	-	-	-	+	-	-	+	-
47. apto	+	-	-	-	+	-	-	-
48. vulgar	-	-	-	-	+	-	-	-
49. mentir	+	-	-	-	-	-	-	-
50. paterno	-	-	-	+	-	-	-	-
63. nenhum	+	-	-	-	-	-	-	-
75. matagal	-	-	-	+	-	-	-	-
107. pranto	-	-	-	+	-	-	-	-
	9	1	4	10	2	2	8	0

## 43- Rebaixamento Vocálico

	1	2	3	4	5	6	7	8
3. oiça	-	+	-	-	-	-	-	-
5. pobre	+	-	-	+	-	-	-	-
30. éter	-	-	-	+	-	-	-	-
47. apto	-	-	-	+	-	-	-	-
49. mentir	+	-	-	+	-	-	-	-
54. incrível	+	-	-	-	-	-	-	-
55. tônica	+	-	-	-	-	-	-	-
80. opera	-	-	-	+	-	-	-	-
84. ópera	-	-	-	-	-	+	+	-
85. ventoso	-	-	-	-	-	-	-	+
94. óbulo	-	+	-	-	-	-	-	-
96. volume	+	-	-	-	-	+	+	-
99. querida	+	-	-	-	-	-	-	-
13	6	2	0	5	0	2	2	1

## 44-Nasalização

	1	2	3	4	5	6	7	8
36. nota	+	-	-	-	-	-	-	-
45. naba	-	-	+	+	-	-	-	-
102. amar	-	+	-	+	-	-	-	-
109. mauã	-	+	-	-	-	-	-	-
-4	1	2	1	2	0	0	0	0

## 45 - Desnasalização

	1	2	3	4	5	6	7	8
21. cano	-	-	+	-	-	-	+	-
40. língua	-	-	-	-	+	-	-	-
43. assim	-	-	-	+	-	-	-	+
49. mentir	+	-	-	+	-	-	-	-
54. incrível	+	-	-	-	-	-	-	-
76. enquete	-	-	+	-	-	-	-	-
83. vibrante	+	-	-	-	-	-	-	-
	3	0	2	2	1	0	1	1

## 46 - Palatalização da Nasal /n/-/n/

	1	2	3	4	5	6	7	8
43. assim	+	-	+	-	+	+	-	-
58. acima	-	-	-	-	+	-	-	-
63. nenhum	-	-	-	-	-	+	-	-
76. enquete	-	-	-	-	+	-	-	-
	-	-	1	-	3	2	-	-

## 47 - Alternância /l/-/w/

	1	2	3	4	5	6	7	8
42. vogal	+	-	-	-	-	-	+	+
53. matinal	+	-	-	-	-	-	-	-
75. matagal	+	-	-	-	-	-	-	-
89. nacional	+	-	-	+	-	-	-	-
	4	0	0	1	0	0	1	1

## 48 - Despalatalização de /s/ coda

	1	2	3	4	5	6	7	8
2. atlas	-	+	-	+	-	+	-	-
81. estudo	-	-	-	-	-	-	-	+
93. alunas	-	-	+	+	+	+	+	-
	0	1	1	2	1	2	1	1

## 48a - Alternância /S/-/S̃/

	1		2		3		4		5		6		7		8	
	S	V	S	V	S	V	S	V	S	V	S	V	S	V	S	V
2. atlas	-	+	-	-	+	-	+	-	+	-	+	+	-	-	+	-
3. oiça	+	-	+	-	+	+	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-
9. trança	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-
13. sigla	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-
16. grosso	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-
19. ciclo	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-
29. selma	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-
39. sobre	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-
41. curso	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-
43. assim	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-
57. posição	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-
58. acima	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-
59. <sup>e</sup> únice	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-
62. estilo	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+
64. português	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+
65. escravo	-	+	-	+	+	-	-	+	-	+	+	-	-	+	-	-
81. estudo	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+
88. pássaro	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-
89. nacional	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-
91. inversão	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-
93. alunas	-	+	-	-	-	+	+	-	-	+	-	+	-	+	-	-
97. indústria	-	+	-	-	+	-	-	+	-	-	-	+	+	-	+	-
	15.	7	16.	4	17.	5	17.	5	16.	5	16.	7	17.	4	19.	3



57. posição	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-
58. acima	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-
59. eunice	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-
88. pássaro	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-
89. nacional	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-
91. inversão	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-

49,50 - Segmento /h/~r/ com Onset em S<sub>1</sub>.

		1	2	3	4	5	6	7	8
		r h	r h	r h	r h	r h	r h	r h	r h
1. rapé	I	- +	- +	- +	- +	- +	- +	- +	- +
	O	- +	- +	- +	- +	- +	- +	- +	- +
33. raro	I	- +	- +	- +	- +	- +	- +	- +	- +
	O	+ -	- +	- +	+ -	+ -	+ +	+ -	+ -
79. relógio	I	- +	- +	- +	- +	- +	- +	- +	- +
	O	- -	- +	- +	- +	- +	- +	- +	- +
98. rouquidão	I	- +	- +	- +	- +	- +	- +	- +	- +
	O	- +	+ -	+ -	- +	- +	- +	- +	- -







## BIBLIOGRAFIA

1. ABAURRE-GNERRE, Maria Bernadete. Phonostylistic Aspects of a Brazilian Portuguese Dialect: Implications for syllable structure constraints. Tese de doutoramento não publicada. Búffalo, New York, 1979.
2. ANGENOT, Jean Pierre. Sobre o Critério da Produtividade em Fonologia. Anais do 3º Encontro Nacional de Linguística. PUC - RJ. 1978.
3. ANGENOT, Jean Pierre; ISTRE, Giles; SPA, Jaap; VANDRESEN, Paulino. Studies in Pure Natural Phonology and related topics. Florianópolis, 1981.
4. BELL, Alan e J.B. Hooper editores (1978) Syllables and Segments. Amsterdam: North Holland Publishing company.
5. CÂMARA, J. Mattoso. Estrutura da Língua Portuguesa. Editora Vozes, Rio de Janeiro, 1970.
6. CHOMSKY, N. e HALLE, Morris. (1968) The sound pattern of english. New York: Harper e Row.
7. COUPEZ, A. A Linguistic Lesson. (in) Studies in Pure Natural Phonology and related Topics. Florianópolis, 1981.
8. GOLDSMITH, John A. Autosegmental Phonology. (1976) Bloomington: Indiana University Linguistic Club.
9. FUGIMURA, Osamu e LOVINS, Julia B. (1978) Syllables as a concatenative phonetic units. In: Bell e Hooper (1978), pp. 107-120.
10. HYMAN, Larry M. (1975) Phonology: Theory and Analysis. New York: Holt, Rinehart e Winston.

11. JAKOBSON, Roman and HALLE, Morris. Phonology in relation to phonetics. In. Bertil Malberg, pp. 422.433.
12. KAHN, Daniel. (1976) Syllable-based generalizations in English phonology. Indiana University Linguistic Club.
13. KENSTOWICZ, Michael e KISSEBERTH, Charles. Topics in Phonological Theory. Academic Press. New York, 1977.
14. KIRSHENBLATT-GIMBLETT, Barbara. (editor) Speech Play. University of Pennsylvania Press. 1976.
15. LEITE, Yonne de Freitas. (1974) Portuguese Stress and related rules. Tese de doutoramento não publicada. University of Texas at Austin.
16. LINNELL, Per. Psychological Reality in Phonology: A theoretical Study. Cambridge University Press, London, 1979.
17. MALBERG, Bertil. Manual of Phonetics. Amsterdam, North Holland Publishing Company. 1974.
18. \_\_\_\_\_, Structural Linguistic and Human Communication. Berlin: Springer Verlag, 1963.
19. MACKAY, Donald. (1978) Speech errors inside the syllables. (In) Syllables and segments. Bell e Hooper.
20. NARO, A. J. (1971). Directionality and Assimilation. Linguistic Inquiry, 2:27-67.
21. PIKE, Kenneth e Eunice Pike. Immediate constituents of Mazateco Syllables. In: International Journal of American Linguistics, 13:78-91, 1947.
22. SHANE, Sanford A. (1973) Generative Phonology. Englewood Cliffs. N.J.: Prentice Hall.
23. SHERZER, Joel. Talking Backwards in cuna: the sociological reality of phonological descriptions. Southwestern Journal of Anthropology, 26:343-53, 1970.
24. \_\_\_\_\_. Play Languages: Implications for (socio) Linguistic In: Speech play. pp. 19-36. 1976.
25. SILVA, Josênia, Uma nova abordagem para uma teoria da silabação em Português. Tese de Mestrado não publicada, PUC-RS-80